

AUTOFICÇÃO

Livro de contos autoficcionais dos alunos
da 2ª série do Ensino Médio

Luiz Venâncio Aiello (organização)



VERA CRUZ

Escola Vera Cruz

AUTOFICÇÃO

Livro de contos autoficcionais dos alunos
da 2ª série do Ensino Médio

Luiz Venâncio Aiello (organização)



VERA CRUZ

Escola Vera Cruz



Escola Vera Cruz

Direção Geral: Heitor Fecarotta
Direção de Gestão: Marcelo Chulam
Direção Pedagógica: Regina Scarpa
Coordenação: Ana Bergamin

Autoficção

Organização: Luiz Venâncio Rodrigues Aiello (Professor de Redação)
Professora de Artes Visuais: Maria Celina Pinto de Gusmão
Professora Orientadora da 2ª série: Marli de Barros
Psicóloga Escolar: Simone Fernandes
Edição e projeto gráfico: Casa Vera Cruz
Ilustração de capa: Marina Gurman



São Paulo, outubro de 2019

Sumário

Talvez-prefácio	9	Vinhas	40
		Colunas	41
Capítulo I: Origem(ns)	11	Eu Me Odiava	42
Rua Martiniano de Carvalho, nº 312 30/06/2005	12	Reino Animal	44
Não era eu	14	As caixas	45
Amora Branca	15	Instabilidade estável	46
Sua história favorita	16	Encanto da sereia	47
Fruto em desenvolvimento	17	Eu e Nanquim	49
Pequeno Camundongo	19	Falando dela	50
Olívia sobre Olívia	20	Aquilo	52
Minha essência	21	Cabeça	53
O céu é o único entre todos que não é fragmentado	23	Domingo no parque	55
		O ocorrido	57
		Sorte na morte	58
		Era uma bactéria vez	59
		Programa de família	60
Capítulo II: Perigo(s)	25		
Lista de supermercado de compras	26	Capítulo III: Delírio(s)	62
Um hot-dog completo, por favor	28	O Próximo Dia	63
Para a saudade falta perdão	30	Pensamento, dia 12: flores, que mal tem as flores?	64
As areias infindas do fundo do mar	32	Ponto final	65
O dia em que eu me transformei	33	O recanto do Ermitão	67
110 volts	34	Eu, a janela e ela	68
O Delírio da Caminhada	36	A infinita viagem	71
Aquilo no prato	38	Espectador especta!	73
O dia em que descobri que o mundo pesava 50 kg	39	Já pensou...	74

Capítulo IV: Ruptura(s)	76	Capítulo V: Perda(s) & Ganho(s)	104
E por fim, nunca se acaba	77	Trem Bala	105
Sobre uma decepção	79	Lápis de cor	106
Cordão primordial	81	O calçado de couro	107
A Gota D'Água	83	Sô, precisamos conversar	108
O céu chora	85	Genética	109
Perfeição da orquestra	86	O nada convencional	110
Homem Aranha	88	Fora da pista	111
Aos meus amigos		05/01/2016	112
que passam por isso	90	Meu melhor amigo	113
Gaiolas de vidro	92	O Vazio Existencial	114
Cavalo-marinho	94	Meu segundo pai	116
Proibido o consumo de bebidas		Sequestraram meu avô	117
alcoólicas por menores de 18	96	Minha querida avó	119
Espelho Reflexo Retrato	97	Possível	121
Sala de Espelhos	98	Sol e Lua	122
O mal de cair		Uma luz na quadra	123
a primeira ficha	100	As salas	125

Autores

A

Amanda Louro Sanchez 77
Ana Carolina Grimaldi Rosso 38
André Monteiro 55
Anita Schwenck Nejme 49
Antonio Losada Totaro 122

B

Barbara Ferreira 21
Bruna Carvalho Luiz 105
Bruna Tito 36
Bruno Ferraz Manzoli 116
Bruno Rosenblit 119

C

Catharina Maia 23
Cecília Tiné Torkomian 125
Clara Quinta Cunha 34

D

Danilo Denunci Lima 12

E

Enzo Rizetto 50

F

Felipe André Mirshawka 117
Felipe Puliti Serson 65
Felipe Rottgëring 19
Fernanda Lazaretti 79
Fernanda Tito 81
Fernanda Veronezi 107
Fernando Kalaidjian 71
Fernando Pencak 46
Francisco Cerqueira 30
Francisco Ferraz 121

G

Gabriela Pires Citino 39
Gabriel Held 67
Gabriel Loures 112
Gabriel Sales 59
Gabriel Sanchez 113
Gustavo A. Gurman 114
Gustavo Ruy Fernandes 52

H

Helena Sader 32

J

Joana Lagos Atala 63
João Magalhães 88
João Pedro Lima 33
João Pedro Maroni 100

L

Laís Thomaz Bastos 16
Laura Coelho Cruz 26
Laura Dyck 40
Lívia Cristina Busato 94
Luana Nicolini 85
Luana Tito Nastas 90
Lucca Levin Cecato 73
Luiza Sanchez Pereira 96

M

Manuela Faldini 92
Manuela Mazzucchelli 83
Maria Fernanda Saraiva 86
Marina Cecco 28
Marina Grinberg 97
Marina Gurman 111
Matheus Martins Barbosa 42

N

Nina de Souza Furlan 15

O

Olívia Peralta 20

P

Pedro Leopoldi 57

Pedro Rapoport 123

Pedro Werneck 58

Pietra Porto Sumida 17

R

Rafael Kovach 45

Rafael Rivellino 60

Reino Animal 44

Renan Funtowicz 64

S

Sofia Belinky 108

Sofia Mendes 53

Sofia Rodrigues de Mendonça 106

Sophia Schuppli 110

T

Thales Correa Tavares 47

Tomás Ribeiro 74

Tom Ricardo Rabinovitch 98

V

Valentina Gregori Yusta 109

Viktor von Schmädel 41

Vitor Park Wu 68

Talvez-prefácio

Prof. Luiz Venâncio Aiello

“Onde agora? Quando agora? Quem agora? Sem me perguntar. Dizer eu.” Escolho as palavras que abrem o célebre romance *O Inominável*, de Samuel Beckett, para este *isto*, este *quase*, este *talvez*: quase-comentário, talvez-prefácio, nada mais que um isto; pois, para tratar de autoficção, podemos começar por entender que não sabemos muito bem quem somos, onde e quando estamos nem o que dizer sobre nós mesmos – ainda mais aos 16 anos. Ao tentar relatar nossas experiências marcantes, remarcamo-as, ficcionalizamo-as; e criamos *para* nós as narrativas *de* nós (pronome pessoal e substantivo nodoso) em que momentaneamente passamos a acreditar.

Não que mintamos. “Eu sempre minto, mas nunca em minhas letras”, dizia um falecido rockstar. Mas tam-

bém não temos a ilusão de sermos capazes de atingir uma *plena* Verdade. Isto posto neste isto, passemos àquilo: à explicação de ser este um livro de contos de autoficção produzido pelos alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Vera Cruz, em 2019. Nele, propus a cada estudante que escolhesse uma passagem marcante de sua vida – de preferência a *mais* marcante até aquele momento – e a *remarcasse* ficcionalizando-a, metaforizando-a (ou não, ficou a cargo de cada autor tal escolha) e transformando-a em texto literário. Os cuidados de tal empreitada deveriam implicar na observação do respeito a nomes e privacidade de outras pessoas representadas e em algumas outras diretrizes estudadas em aula.

Temos aqui, portanto, o resultado de uma sequência didática realizada entre maio e junho de 2019, coroada pela presença, na nossa Escola, de um dos mais premiados escritores de autoficção da literatura contemporânea brasileira: Julián Fuks, autor do célebre *A Resistência*. Deixemos para Julián, então, uma explicação sobre o que é autoficção, ou melhor, nas palavras proferidas pelo próprio autor, *pós-ficção*:

(...) eis então que a ficção, que já há alguns séculos vinha sendo a principal propulsão da escrita criativa, a ficção, que se tornara a forma mais contundente de expressão do presente e da experiência humana, eis então que a ficção parece estar desertando inúmeros escritores em seu ofício, obrigando-os a trabalhar agora apenas com o que lhes resta num cotidiano imediato, com suas próprias biografias, seus próprios passados, suas parcas lembranças e suas vivên-

cias diárias quase sempre pueris. Outros, eles, antes, podiam. Estes, nós, agora, só podemos isso, só nos resta essa prática comezinha tão carente de imaginação, tão carente dos vastos recursos da fabulação. Somos, tantos de nós, seres estranhos, deslocados, perdidos: somos ficcionistas na era da pós-ficção.¹

Como encarar tal empreitada com escritores adolescentes sem transformar tudo numa compilação e diários íntimos, desabafos narrativos ou mesmo “textões de Facebook”? Para

isso, tentamos formas diversas; e se fomos bem-sucedidos ou não, deixaremos aos leitores a avaliação. O que nos cabe, por enquanto, sinalizar é o prazer que tivemos – nós, professor e alunos – em realizar a tarefa; e a alegria de, como disse Julián em sua palestra para nós, no Vera, colocar a Escola em contato com uma das vertentes mais fecundas da literatura contemporânea. Não trabalhamos com coisas mortas, como muitas vezes a escola peca em fazer; pelo contrário, dedicamo-nos à vida – nossas vidas. Boa leitura!

¹FUKS, Julián. *A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo*. In: DUNKER, Christian *et al.*, *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

Capítulo I
Origem(ns)

Rua Martiniano de Carvalho, nº 312 30/06/2005

Danilo Denunci Lima

ENFERMEIRA

Trabalho neste hospital há 20 anos. São 20 anos sem muitas mudanças no Sistema Público de Saúde. Vinte anos sem muitas esperanças. Entro pelo elevador e chego ao meu andar. Visto meu uniforme hospitalar e começo meu turno. Passo por todos os pacientes. Quando acho que terminei, recebo a ficha de um paciente novo. Nome: José Carlos Danilo Alves dos Santos. Idade: 3 anos e 4 meses. Diagnóstico: atropelamento, com fratura em membro inferior esquerdo e ferimento transfixante de língua. Quarto: nº 14. Vou até seu quarto e me imobilizo diante do que vejo.

FONOAUDIÓLOGA

Toda vez que bato meu cartão, suspiro de forma que eu possa lem-

brar o porquê da minha insistência em servir a uma rede de saúde pública. Me lembro de que meu serviço não é para o Estado, mas sim, para aqueles que de fato precisam da minha competência. Subo ao meu consultório, visto meu jaleco e inicio os atendimentos.

Após o término, subo até a UTI para verificar se há pacientes de disfagia. Me aproximo do quarto de número 14 e me deparo com uma cena com a qual nunca havia me deparado em todos esses anos. Recebo da enfermeira a ficha do paciente, na qual estava um relato sobre o ocorrido. “O paciente deu entrada neste hospital vítima de atropelamento e trazido por vizinhos que o socorreram no local dos fatos. Em entrevista com a mãe, a mesma informa que sua família estava participando de uma festa de rua quando ela precisou se ausentar para trocar seu filho menor e deixou José Carlos aos cuidados do padrasto. O paciente, ao perceber que sua mãe não estava próxima a ele, atravessou a rua para ir à sua casa encontrá-la, quando foi atropelado.” Uma lágrima percorre meu avental. Me aproximo dele e passo a mão por sua cabeça. Sinto uma cicatriz.

– Foi resultado do acidente – disse a enfermeira. – Teve que passar por uma cirurgia e agora tá entubado.

– Ele não consegue se alimentar normalmente?

– Não. Com o acidente ele perdeu a capacidade de comer e falar direito. Durante esse tempo, você vai precisar ajudar ele com tudo isso.

30/07/2005

Já faz 1 mês que esse menino tá aqui. Sozinho. Sem notícias de nin-

guém. Nenhum familiar. Ninguém. Bom, pelo menos agora ele consegue andar direito, comer direito e falar direito. Mas o que vai ser dele depois disso tudo? Pra onde ele vai? Com quem ele vai? Me aproximo da enfermeira e pergunto:

– Você ficou sabendo algo em relação ao garoto do quarto 14? Os pais deram alguma notícia?

– Nenhuma. A assistente social, está ficando sem muitas opções.

– Como assim?

– Provavelmente ele irá pra um orfanato. Não vai ter jeito.

19/08/2005

– Ouvi falar que na próxima semana o menino do 14 vai receber alta.

– Vai sim. Você quer saber pra onde ele vai, né?

– É.

– Eu conversei esses dias com a assistente social e ela me disse que a mãe deu notícias, mas não houve uma decisão sobre o destino do garoto.

26/08/2005

Acordo, me visto para trabalhar, vou até o hospital e faço meus atendimentos no consultório, como de costume. Quando saio pelo elevador

para os meus atendimentos na UTI, me recordo de que dia 26 era o dia em que o garoto ia ter alta. Quando chego em frente ao seu quarto, percebo que ele já não está mais lá. Está apenas sua assistente social.

– Onde está o menino?

– Desculpa...?

– O Danilo.

– Ahh. O José Carlos já recebeu alta.

– Sim, mas pra onde ele foi?

– Desculpa, não sei quem você é e nem o que você faz, mas eu não posso lhe dar essas informações.

Percebo que não ia adiantar tentar convencê-la. Vou até o corredor da UTI sem mais nenhuma esperança, quando de repente só escuto a enfermeira me chamar de lado:

– Eiiii, doutora! Venha aqui.

Me aproximo lentamente.

– Eu tava ouvindo você conversando com a moça ali. Eu sei onde tá o seu menino.

– Sabe?

– Sim! A mãe preferiu mandar ele pra um abrigo. Tá aqui o endereço. Vai atrás dele.

– Obrigada!

Após acabar meu expediente, pego meu carro e vou até o endereço: "Rua Martiniano de Carvalho, nº 312". Entro de carro pela rua. 309, 310, 311. Quando passo pelo endereço, só o vejo sentado bem na frente. Abaixo a janela do carro e ele sorri.

Não era eu

Helena Brotherhood Pimentel

Já fazia três meses, os últimos noventa dias do casal tinham sido de pura alegria. É uma menina, eles diziam para todos, com muita certeza, já se animando e muito ansiosos para os seis meses seguintes passarem voando.

Era menina, mas não era eu. Essa bolota crescia a cada dia que passava, ela era a Helena. O amor por ela crescia junto com seu tamanho, as pessoas a apalpavam, diziam que gostariam de conhecê-la logo, mas ela não era eu. As pessoas também falavam essas coisas para mim, mesmo eu não conseguindo escutar, mas, mesmo assim, aquilo ainda não era eu.

Por um ano ela seria filha única, depois, chegaria outra bolota para perturbar a casa e enchê-la de amor. Então receberia seu primeiro rótulo para se tornar a primogênita,

a que teria de passar por tudo primeiro, além de ter pais de primeira viagem que seriam um problema também, estando fora de sua zona de conforto.

Mas o problema nem seria inteiramente esse. Eu não teria nem chance de ser a filha do meio, porque não teria chegado em uma boa hora. Além do mais, eu não teria nome, já teria alguém com o meu; e não só nome, teria sobrenome, identidade. Ela teria tudo que é meu, mas mesmo assim, ainda não seria eu.

Já faziam quase quatro meses, dia do mês em que a mãe costumava fazer exames de rotina. Fez a consulta um pouco antes do horário normal porque o casal teria um compromisso mais tarde. O que era esperado no dia não aconteceu; os médicos solicitaram que ela fizesse outros exames em outro local. O frio na barriga consumia seus pensamentos naquele momento, a mãe havia sentido muita dor algumas horas antes da consulta. Examinaram. A notícia chegou como uma bomba: o que o casal estava tentando de qualquer jeito evitar, aconteceu.

Naquele mesmo dia, levaram a bolota embora. O casal não estava mais ansioso para os cinco meses seguintes, não ouviria o choro dele(a) quando estivesse pronto(a) para acordar. Não iriam saber qual seria a cor de seus olhos, de seus cabelos...

Um tempo depois, era a hora em que chegaria a minha vez. Era eu, agora sim, era eu. Mas de qualquer jeito, só fui eu porque infelizmente não foi ela.

Amora Branca

“Nina de Souza Furlan” (tecnicamente)

Acordei num colchão de hospital, atrás de uma caçamba de lixo numa rua sem saída quando o sol estava se pondo.

Ou nascendo.

Eu não sei que horas são.

As minhas palmas estão pretas, eu estou tossindo carvão. Minhas costas estão doendo e eu parei de tossir para fazer carinho no gato que deitou no meu colo.

O pelo dele é macio e ele está ronronando, então, por alguns minutos, sinto que está tudo bem.

A casa no outro lado da rua está com a porta aberta e a luz acesa. Decido atravessar a rua e entrar na casa e o gato me acompanha.

Decido que vou chamá-lo de *Gato*.

Prioridades, é claro: pegamos comida na cozinha. Gato prepara um *blend* de chá branco com amora. Eu

não tenho tanta classe quanto ele e decido pegar duas fatias da pizza *margherita* que está na geladeira.

Os degraus da escada até o segundo andar são acarpetados, assim como o resto do piso. O chão é macio e isso alivia meus pés ralados, doloridos de quando atravessamos a rua. Gato se equilibra nas patas traseira e caminha até um dos quartos.

Eu o sigo.

Abrimos um armário e enquanto Gato se veste com um terno de corte italiano, eu encaro meu reflexo no espelho interno do armário; meus olhos estão inchados, eu ainda estou com a camisola gasta e manchada do hospital, minhas unhas estão sujas e minha pele está manchada. A pessoa no reflexo está borrada, mas eu consigo perceber seus cabelos bagunçados, suas olheiras fundas e seus joelhos roxos.

Gato me cobre com um blazer e me leva até um sofá, eu deito minha cabeça num travesseiro amarelo e durmo de novo.

Sua história favorita

Laís Thomaz Bastos

Entre muitos livros na estante, eu era apenas um; mas deveria ser o mais importante. Pelo menos, era o que todo mundo dizia.

Ao meu redor, outras várias histórias estavam guardadas entre as prateleiras. Algumas eram pequenas, mas tão cativantes que nos prendiam até a última palavra. Outras, grandes, com relatos sobre o passado que nos faziam voltar no tempo. A minha ainda estava inacabada.

A cada dia, novas coisas eram acrescentadas, às vezes páginas, às vezes poucas linhas. Minha vida ainda era curta, não tinha nada de especial. Talvez por isso, não lhe interessasse.

Os anos passaram e muitas páginas foram enchidas com minha vida sem graça e monótona. Mas mesmo

assim, ele não deveria se importar? Era só ler, já estava lá. Era só pegar na prateleira, não estava longe. Acho que só a minha história não lhe interessava.

As visitas, feitas por pura obrigação, eram raras, e enquanto eu aguardava a próxima, acrescentava páginas, esperando que ele fosse gostar. Esperava aprovação, esperava atenção; mas isso nunca chegava.

Os livros envelheciam e as estantes ficavam cada vez mais empoeiradas. Fazia muito tempo desde sua última visita. Mas, ao contrário do que eu imaginara, não sentia mais sua falta; aprendi a viver sem sua presença. Sua aprovação e sua atenção não me interessavam mais. Eu nunca fui, nem nunca serei sua história favorita. Mas ele também nunca foi a minha.

Fruto em desenvolvimento

Pietra Porto Sumida

Aquele coqueiro era, de longe, o mais complicado. Balançava suas folhas de forma indomável, mas possuía uma beleza inegável. Sua reputação era de conturbado, sendo que, ao mesmo tempo em que se duvidava da sua estabilidade, não restavam dúvidas de que produziria frutos maduros e de nutritivo conteúdo.

O primeiro coco veio cedo e, embora fosse novo e precisasse de auxílio para amadurecer, o coqueiro também possuía suas próprias necessidades, visto que ainda não era uma planta completamente desenvolvida. Assim, nas épocas de escassez, o coco aprendeu a se autorregular com sua reserva energética. Já nas tempestades, estimulava sua produção de fibras para engrossar sua casca. O coqueiro via o seu coco saudável e se orgulhava de sua capacidade de produzir frutos maduros e de nutritivo conteúdo.

Com o tempo, o coco passou a sentir-se plenamente desenvolvido e, como atribuía somente a si próprio a conquista de suas qualidades, rebelou-se contra sua matriz. Não tolerava o exibicionismo de sua madureza e a nutrição pelo coqueiro, que nada tinha a ver com seu desenvolvimento. Decidiu então soltar-se da árvore, pois tinha certeza de que a casca que havia formado era forte e capaz de superar sozinha todos os desafios que viessem pela frente. A queda abalou apenas minimamente a estrutura do coco, pois sua camada protetora era realmente resistente. Continuou então sua jornada, ainda mais confiante depois da demonstração de força que sua casca apresentara.

Então, logo de cara, o coco decidiu que seu destino estava para além do mar, pois após sua jornada nos oceanos, encontraria seu lugar de conforto, onde sobreviveria sozinho da mesma forma que havia sobrevivido até então. Só que daquela vez levaria o crédito e a atenção, fazendo todo o esforço valer a pena. Tinha a certeza de que casca impermeável seria uma ótima companheira de viagem, pois impediria qualquer dano ao seu conteúdo.

Em sua jornada, deparou-se com muitos seres vivos que lhe forneceram parte do conforto que procurava. A primeira ajuda foi fornecida por um exército de formigas que, em troca de um pedaço de polpa, carregou-o até a praia, para que o asfalto não desgastasse sua casca. Já na beira da praia, o coco foi gentil e compartilhou um pouco de sua água com um homem que, em agradecimento, ajudou-o a chegar ao mar sem ter que rolar na areia, impedindo que os minúsculos grãos penetrassem em seu

interior. Já no mar, permitiu que os peixes mordissem uma parcela de suas fibras para, em troca, carregarem-no até a ilha mais próxima, onde acharia a paz e a felicidade que procurava. Sentia-se, porém, apenas parcialmente reconfortado, pois todos aqueles que cruzaram seu caminho, embora ajudassem, levavam junto uma pequena parte de si.

Dessa forma, sobreviveu meses pelo mundo. Porém, com o tempo, não suportou mais a jornada, pois os períodos de escassez e de tempestades eram cada vez mais severos e o coco se sentia completamente desamparado e despreparado. Não foi capaz de seguir o caminho planejado, pois sua reserva havia acabado e sua casca estava se desgastando cada vez mais, fazendo com que invasores penetrassem em seu interior e degradassem aos poucos a sua semente. No final, percebeu que toda a ajuda fornecida pelos outros seres vivos fora em vão, pois acabou desgastando-se de qualquer forma.

Quando sentiu que estava próximo do desgaste completo, correu de volta para perto de seu coqueiro, mas não procurou a mesma relação de antes. Dessa vez, sentia que poderia se desenvolver parcialmente sozinho e, por isso, decidiu plantar sua semente para transformar-se também em um coqueiro. Para isso, escolheu um lugar bem próximo à sua matriz, pois mesmo que já tivesse sua autonomia, sabia que seu processo de amadurecimento não seria fácil.

Deixou sua casca para trás e, aos poucos, foi tomando forma como um coqueiro, dividindo nutrientes e sendo levemente protegido do sol e da chuva pelas folhas do outro coqueiro. Com isso, a matriz se orgulhou do coqueiro que ajudou a desenvolver, sendo este uma planta em processo de amadurecimento e formação de nutritivo conteúdo. O antigo coco não mais se incomodava em dividir os créditos de sua formação com o seu coqueiro, algo que demonstrava, de fato, seu desenvolvimento.

Pequeno Camundongo

Felipe Rottgëring

Pequeno Camundongo com grande coração em uma enorme floresta. Entusiasmado em ajudar e participar, porém, o que é um pequeno camundongo com grande coração em enorme floresta senão um pequeno petisco? Ou tão insignificante que nem para isso serve, afinal, uma ratazana é muito melhor; além de maior, vem com leptospirose de acompanhamento. Se relaciona com arara, tucano, onça, leão até ariranha! Mas não importa o quanto se esforce, sempre está nas sombras.

Leão caça, é o rei, arara voa, é bela, ariranha é fofa, porém feroz. E o

camundongo? Pequeno e fraco. Qual será, dentre tantas qualidades e habilidades, a do pequeno camundongo? Ele não é sozinho, mesmo a família não sendo como ele, eles se amam, mais do que tudo. Pequeno camundongo tem alguns amigos também, não iguais a ele, mas ao mesmo tempo, camundongos para ele.

Pequeno camundongo com grande coração em enorme floresta com enormes desafios, enormes amigos e enorme família, qual será sua qualidade? Sua habilidade? Seu propósito? Seu enorme coração? Empatia? E isso será suficiente para sobreviver nesse enorme fosso de incertezas?



Olívia sobre Olívia

Olívia Peralta

Tem uma garota adolescente de dezesseis anos que mora em São Paulo, estuda na escola Vera Cruz e adora escutar música. Se deixar ela fica escutando a banda Queen um tempão em seu quarto.

O nome dessa menina é Olívia, sua mãe escolheu esse nome porque achou muito bonito. Esse nome tem origem na Espanha, vem de uma árvore chamada oliveira e significa azeitona.

Quando Olívia era criança, gostava de ir nas férias para a praia e a coisa que mais gostava de fazer era construir seu castelo com sua mãe. Elas se sentavam na areia e muitas vezes a onda destruíu o castelo. Olívia achava aquilo tudo muito engraçado.

Hoje, ela é uma adolescente e muita coisa mudou. A convivência com a família ficou difícil porque é chato levar bronca dos pais. Olívia gosta de passar o tempo com seus amigos e gosta de levar bronca deles porque acha muito divertido. Ela acha legal poder tomar suas próprias decisões.

No futuro, ela deseja ser uma cantora porque gosta muito da banda Queen, principalmente do Fred Mercury. Para ser cantora, ela vai precisar estudar música e falar mais alto para todo mundo poder escutar. Também quer ter duas amigas para conviver, combinar de sair e marcar delas assistirem ao show.



Minha essência

Barbara Ferreira

Minha mãe sempre procurou me contar a verdade sobre o anjo que me trouxe à Terra. Durante o tempo de dez anos, ela abriu a cada ano uma gaveta com um tipo de perfume diferente. Cada um com um aroma distinto dos outros, mas todos muito marcantes e difíceis de interpretar.

Com o tempo, meu nariz foi ficando um pouco mais aguçado e, conseqüentemente, minha interpretação também. Foi muito difícil esse processo, mas agora sou especialista.

Quando, todo ano, chegava o momento da nossa reunião no meu quarto de manhã com aquela caixa branca na minha frente e um perfume do qual eu tinha que interpretar cada nota e sensação, no começo, parecia fácil, pois os perfumes eram pequenos e com aromas muito específicos. O primeiro de todos tinha

um cheiro que me deixava totalmente impactada e cheia de perguntas que, naquele momento, não seriam respondidas. Isso era muito estranho, pois além de ter um aroma desconhecido pra mim e que me deixava em estado de choque, esse cheiro fazia todo o sentido.

Nos cinco anos seguintes, os cheiros foram diferentes, mas a sensação de impacto era exatamente igual. Esses primeiros cinco perfumes faziam meu olho lacrimejar, e lacrimejar muito. Era muito ruim a sensação, mas minha curiosidade para descobrir cada nota era maior que toda a aflição que as essências dos perfumes me causavam.

Chegava o dia 12 de julho. Essa era a data em que as sensações ficavam muito intensas. Tive uma grande evolução nos meus sentidos e, então, fui ficando mais preparada, com o olfato mais aguçado. Lá vamos nós de novo. Eu e ela, só a gente no quarto e claro, a caixa branca em que a única coisa de diferente a cada ano era o perfume que abrigava.

O dia estava diferente. 12 de Julho sempre foi muito agitado, mas naquele tudo estava muito calmo. Eram 5 da manhã. Minha mãe colocou no meio da cama a caixa branca, que estava muito velhinha e bem cheirosa. Abri-a e achei tudo meio estranho. Onde está o frasco de perfume? O que tinha lá dentro era um dispositivo meio esquisito, branco, da mesma cor da caixa e sem nenhum tipo de botão de ligar ou desligar. Era igualzinho a esses que encontramos nos banheiros de shopping, que ativa o aroma automaticamente quando ele "sente" que está precisando dar uma melhorada no cheiro do ambiente. Minha mãe me olhou e olhou

pra caixa sem dizer uma palavra, só observando as minhas ações.

Eu percebi que na caixa, diferentemente das outras vezes, havia um papel pequeno escrito: "Tire a fita da dupla face e cole-o na parede." Fiquei com uma cara de interrogação, mas segui as instruções. Colei na parede do meu quarto. Às 5:20, fiquei encarando esse dispositivo por uns 5 minutos. Nada. Já estava meio decepcionada com o maldito aparelhinho. Olhei para o relógio e eram 5:30,

quando levei o maior susto da minha vida. O maldito aparelhinho deu um espirro. O aroma entrou no meu nariz. Fechei os olhos. Era simplesmente muito delicado, sem exageros. Era a mistura de todos os perfumes cujas notinhas eu sonhava interpretar. Tudo se encaixava. Eu consegui.

Ele continua lá. Todo 12 de Julho, às 5:20, me dá um sustinho, mas agora a sua função é a de me fazer parar, fechar meus olhos e lembrar de toda a minha trajetória até aqui.

O céu é o único entre todos que não é fragmentado

Catharina Maia

Era julho, estávamos em Minas. Interior, cidade pequena, igreja na praça, montanhas em volta. A morte, tão sofrida e inesperada, tinha acabado de acontecer. O vazio andava por trás e dos lados de todos, mas alguns – nós, principalmente – insistiam em chutá-lo pra longe. Ninguém ousava falar abertamente sobre isso, mas dentro dos quartos, chorava-se e sentia-se sozinho.

E foi dentro dessas circunstâncias que vovó – toda debilitada e sensível pela perda – pediu que fizéssemos o passe. Obviamente que o tal passe tinha forte teor católico; junto a ela, todos conviviam com cruces e terços, rezava-se sempre o pai nosso antes do almoço. E nós resistimos, claro. Com 14 anos, extremamente combativas àquela instituição e já tendo esclarecido formalmente à família que não frequentaríamos a igreja, não tínhamos como não resistir.

Mas o ruído era tanto! E o pranto era tanto, e tão reprimido... E ela, aquela perda de uma metade, de um amor da vida inteira, pedindo com os olhos tristes... Abaixamos a cabeça e concordamos em ir.

A caminho, no carro, o primo dirigindo e ela no banco ao lado, nós éramos tantas que não cabíamos no banco de trás. Enfiadas no porta-malas, saindo pelas janelas, sentadas nos colos, deitadas no chão. E o ruído da gritaria era contínuo: uma dizia pra voltarmos, que aquilo de passe era uma humilhação, um absurdo. A outra explicava que só estávamos indo pra não magoar a vó. Uma discordava, rebatia dizendo que não tinha o que ser consertado em nós, que estávamos muito bem, obrigada, que a igreja era uma instituição mentirosa e exploradora. Outras se removiam da discussão, tapavam os ouvidos diante do barulho e cantarolavam músicas quaisquer. Algumas só choravam em silêncio.

Chegamos. Era uma casa simples em um pequeno terreno de terra. Descemos do carro, demos o braço à vovó e a conduzimos até a porta de madeira. Então, a assistimos entrar, sem dizer nada, e se sentar diante de uma mulher baixinha que a esperava na sala de estar.

Ficamos paradas à porta, sem saber muito o que fazer. Então fomos esperar ao lado do carro, de cara amarrada e braços cruzados e nos pusemos a pensar nela; no que estaria acontecendo naquela sala, se ela teria contado à mulher os relatos da perda, se a mulher estaria a lhe dar conselhos, se estaria lhe dando atenção...

– A igreja a engana. Se pôs a acreditar que foi por um motivo maior, um motivo de Deus

– Exatamente! Engana a ela e a mais muita gente. Não existe motivo de Deus coisa alguma. O passe é fachada. Aposto que ela vai voltar com a mentira de que tudo ficará melhor se forem rezadas 30 ave-marias por dia. É pura maldade.

– Mas as ave-marias são o que a faz seguir. Se não fosse pela religião, ela não estaria nem viva.

– Mas o que eu tenho a ver com isso? Não quero nada com religião. Consigo eu mesma tapar meus buracos! Não é nenhuma freira que vai me transformar em...

– Em o quê? Em algo que você não é? Você nem sabe o que é, caramba. Vai ver que que as coisas voltem a ser como eram antes, que alguma coisa boa aconteça.

– Vovô, que saudade. Se você não tivesse ido, nada disso estaria acontecendo, não estaríamos assim brigando, desgastados.

– Quieta! Sejam práticas, agora é isso que nos resta. Vamos. Diga logo quando ela sair que você não vai fazer, que não é da sua natureza, que a religião não é pra todos, desculpa, mas uma freira não vai curar a...

– *Sua vez, filhinha.*

Ela estava parada à porta, a silhueta de uma mulher triste aparecia na contraluz. A voz dela nos chamou e nós congelamos por um segundo. Como dizer não? E se a magoássemos...? Entramos.

Nos sentamos diante da mulher baixinha e a encaramos, desconfiadas. Ela tinha o rosto calmo e se pôs a nos observar sem dizer nada. Pensamos em falar alguma coisa, em perguntar o que ela iria fazer, se deveríamos falar alguma coisa sobre nós... Esperamos. Talvez ela fosse fazer alguma introdução ao tipo de trabalho que faz, po-

deríamos dizer que só estávamos lá, sinceramente, por obrigação...

Então ela fechou os olhos concentrada. Começou a bocejar, uma, duas, três, dez vezes enquanto murmurava baixinho coisas incompreensíveis. Ficamos paradas olhando pra ela sem entender. Mas entregamos nosso silêncio àquele ato e não fizemos nada, só ficamos lá.

Quando acabou ela abriu os olhos, sorriu e disse para rezarmos 10 ave-marias nos três dias seguintes. Estranhamente, simpatizamos com aquele pedido e concordamos sorrindo, mesmo sabendo que provavelmente não o faríamos. E saímos pela porta da frente para o terreno de terra, onde já estava escuro. Vovó conversava com o primo e quando nos viu saindo de lá, veio até nós, nos deu um beijo e em seguida pediu licença para ir papear um pouquinho com a mulher do passe.

Caminhamos pelo terreno com as sensações estranhas daquele último momento. De repente, o ar, a noite, a atmosfera tinham um aspecto muito mais tranquilo. Entre nós, não havia o ruído constante. Não se discutia. Estávamos em silêncio pela primeira vez em muito tempo. E então veio subitamente a vontade de mudar, de parar de brigar e ficar em paz, de deixar a dor existir sem a negar...

Ligamos uma música no fone de ouvido. Todas ouvíamos juntas. E nos deitamos no chão para olhar o céu.

Aquele céu foi arrebatador. Nada na nossa vida tinha sido tão deslumbrante como ver aquele céu. Um mar eterno de estrelas, uma vastidão absoluta... A religião, a espiritualidade, a cura – todas estavam naquele céu. Pensei no vovô e me senti tranquila. E finalmente, depois de muito tempo, as vozes se calaram e eu me vi novamente como uma, em paz.

Capítulo II
Perigo(s)

Lista de supermercado de compras

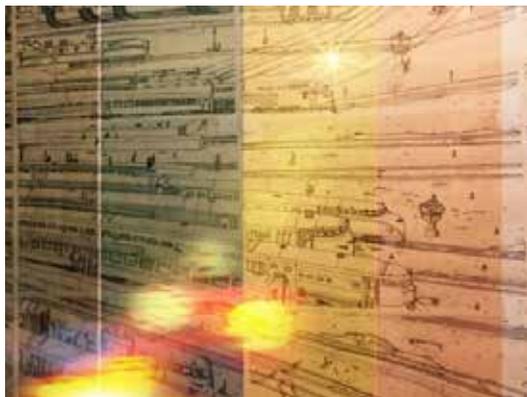
Laura Coelho Cruz

- Couve
- Escarola
- Espinafre
- Berinjela
- Tofu (não defumado)
- Um telefone, para emergências
- Anticoagulante
- Gatorade de limão (se não tiver não precisa)
- Papel higiênico
- Soro fisiológico
- Um boneco de abraçar
- Porta-retrato
- Amaciante
- Despertador
- Café
- Pão de forma (sem aquelas castanhasinhas)
- Queijo branco
- Uma garrafa d'água
- Capa de chuva
- Caneta
- Papel
- Carregador de celular
- Pastilhas para dor de garganta se não tiver própolis
- Um novo par de pés
- Pomada para câimbra nas bochechas
- Uma toalha de rosto
- Energético
- Band-aid
- Sal grosso
- Câmera de vídeo
- Cartão de memória
- Casaco quentinho
- Sala de dança
- Gel
- Grampos
- Sapatilha
- Relógio
- Mais papel higiênico
- Cama quentinha
- Mala
- Roupas de frio
- Passagens
- Salgadinho amarelo
- Rinosoro
- Ingressos
- Coisas que não preciso, mas quero comprar
- Independência
- Liberdade
- Boina
- Celular
- Coragem
- Relógio
- Pasta de amêndoa
- "Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios"
- Isqueiro
- Açaí
- Internet
- Quebra-cabeça
- Cadeado
- Mais tempo
- Memórias
- Caneta
- Papel

- Mais tempo
- Bexiga
- Ração
- Ombro
- Almofada
- Caderno
- Linha
- Agulha
- Porta
- Tranca

- Livros
- Tinta
- Rádio
- Bluetooth
- Shampoo
- Sabonete
- Porta-retrato

Saldo total: 16 ou 5840, depende do ponto de vista.



Um hot-dog completo, por favor

Marina Cecco

Era manhã. O sol brilhava forte, perfurando nossas roupas com raios quentes de verão. No parque, a cena era feliz. Famílias se divertindo e todos rindo. Eu estava com fome. Meu irmão também. Como era véspera de feriado, nossos pais deram-nos o direito de comer hot-dog. Estava ótimo, matei a fome. Mas enjoo foi o que passei a ter.

Voltamos para a quadra de tênis onde estavam à nossa espera. Começamos o jogo de onde havíamos parado. Eu e meu irmão contra nossos pais. Estávamos ganhando, não sei se porque merecíamos ou por dó. De repente, chegou a hora do voleio. Fiz tudo como deveria. O movimento correto com a mão mirando para a bolinha brilhante no céu. Meu único erro foi mirar na bola errada.

Depois de minha jogada, ela continuou estática no fundo azul. Tentei de

novo com um movimento mais desengonçado e desesperado. Ainda nada. Foi na terceira tentativa que minha pior inimiga decidiu revidar com o golpe final. A bola de fogo no céu queimou minha cabeça de modo inexplicável. Dor insuportável. Enjoo de novo. O hot-dog mandou lembranças. O preto tomou conta da minha visão.

Ao poucos, a luz foi voltando, o preto foi se tornando branco e depois foi se tornando cores retornando: o laranja, o amarelo, o vermelho, o laranja, o hot-dog, o verde, o cinza, o laranja, o azul, o marrom, o hot-dog, o roxo, o laranja, o hot-dog. Junto com os apitos, os gritos felizes que se tornavam de desespero eram silenciados com buzinas.

Foi-se uma última “buziiiiiii.....”

Uma mão repousou em minha cabeça, meu pai, minha mãe e meu irmão estavam ao meu redor procurando entender o que estava acontecendo. Meu irmão, sentado ao meu lado, buscava se consolar, dizendo que tudo estava bem. Já meu pai, sentado no banco do motorista, tinha um rosto pessimista, se revirando pra trás, tentando me ver. Havia se tornado um movimento automático.

Sentia que precisava pela primeira vez me manifestar diante de tudo, só não sabia como; a única coisa fui capaz de dizer foi um “não”. Não o quê? Não sei. Depois disso, decidi me olhar. Buscava entender de onde vinha minha dor; olhei para baixo. Me vi sentada ali sem entender nada e com minha blusa favorita, agora pintada de vermelho. Um impulso me levou para fora do carro, fui tão rápida ao sair, por desespero, que o enjoo

voltou. No meio do caos, meu pensamento era ocupado pelo hot-dog.

Minha mãe estava de pé ao meu lado, na beira do asfalto, meu pai e meu irmão buscavam parar algum carro para pedir carona à Santa Casa mais próxima. Uma BMW parou do

nosso lado e resolveu me acolher.

Entrei no carro. Novo, direto da fábrica, agora dando carona para uma garota machucada e uma mãe preocupada. Ao lado, uma criança de colo olhava para a cena toda com um olhar intrigado em seu rosto.

Para a saudade falta perdão

Francisco Cerqueira

Era primavera quando dois meninos, em um dia ensolarado e fresco, adentravam um bosque. Rostos idênticos, lado a lado, num caminhar lento. Não tinham destino. Recolhiam presentes deixados pela floresta no caminho enquanto buscavam exatamente o que encontravam.

Com os bolsos cheios de pedrinhas das mais bonitas que viam, seguiam uma trilha em meio às árvores, aproximando-se da mata, deixando-se levar pela natureza que residia dentro deles.

– Eu vou levar isso – disse um deles, que vestia uma camiseta vermelha, enquanto se agachava para pegar uma flor. O outro só consentiu, olhando para o chão, até seus olhos encontrarem um brilhinho em meio às flores.

– Ali! Olha ali! Mais uma - avisou, recolhendo do chão um pequeno bri-

lhante redondo, azulado, com traços reluzentes.

A preciosidade do que encontravam cabia só naquele momento, mas também não era nova. Não era algo que se pudesse medir, a questão não era essa, ninguém media nada, os garotos só sentiam e não era o momento de entender.

– Escuta esse som – um pouco mais à frente, seus olhos cerrados e a cabeça inclinada, os dois seguiram com passos silenciosos em direção ao barulho.

– Eu acho que é uma cachoeira – concordaram. O destino era claro.

Agarrados a uma árvore, os dois desciam uma parede de pedras grandes e quadradas.

– Eu vou cair - gemeu um dos meninos, que vestia um casaco azul, era o mais alto dos dois, mesmo que só um pouco. Olhava pra baixo e pra cima.

– Segura na árvore.

– Mas não dá pra descer.

– Eu já cheguei aqui – disse, pulando pro chão.

– Eu quero voltar. Volta aqui.

– Pula daí – disse, dando as costas e seguindo o caminho. Sem escolha, o outro foi ao chão desajeitado e imediatamente seguiu correndo atrás.

– Isso vai me ajudar – o garoto de vermelho o esperava, apontando para um grande galho que seus braços sustentavam com certo desequilíbrio.

– Deixa aí, não vai não.

– É pra me dar sorte então.

– Não é não.

– Vai apontar a água da cachoeira!

– Isso não funciona de verdade.

– Então finge, pelo menos!

Nenhum dos dois conhecia real motivação para aquela situação. Não sabiam por que acreditavam no que

diziam – mas acreditavam – e, principalmente, não entendiam um ao outro. Os rostos emburrados aos poucos se transformavam em expressões curiosas conforme caminhavam. Levantavam seus narizes e respiravam com força. Um cheiro úmido e verde refrescava suas narinas.

Juntos, os dois aumentaram o passo e correram entusiasmados seguindo em frente, parando sem nem pensar ou trocar palavras, estáticos. Nenhum dos dois havia visto aquilo antes, era incrível. A beleza da natureza era assustadora e quase violenta. Sentiam-se minúsculos perto daquela grandiosidade.

A única reação do menino mais alto foi se sentar e apreciar aquilo que via pela primeira vez e de que ouvira falar a vida toda.

– Vamos lá, o que que você tá fazendo aí? – disse o outro. O garoto se virou, pronto para lhe responder o quanto aquela ideia era absurda e que

ele não faria aquilo, mas se deparou com a figura do menino. Sentiu nojo. Ele estava completamente nu.

O garoto correu em direção ao barranco e parou na borda, olhando pra baixo.

– Vai, pula. – disse o outro sentado, com cara de raiva.

– É muito alto.

– Ué, você não queria entrar? É água.

– Mas é muito alto – ele só encrava o fundo.

– Vai logo – sem receber resposta, em um movimento brusco, empurrou a perna do garoto nu. A queda não fez jus ao que se esperava. Com um barulho contraditoriamente seco, o garoto se estatelou na água. O corpo emergiu. Seus olhos estavam fechados e ele tinha uma expressão calma. Suas vergonhas estavam completamente expostas.

O outro garoto só correu, derrubando no caminho tudo que recolhera.

As areias infindas do fundo do mar

Helena Sader

Mergulho. Desde sempre, mergulhei. Sozinha ou acompanhada, em cada um dos sete mares. Ia de barco até bem longe do limite do raso e chegava ao chamado “fundão”. Pulava. O choque da água em temperatura semelhante à de um susto durava pouco, cerca de “até eu me acostumar” segundos. Passado o tranco, mergulhava. Mergulhava e encontrava a água mais límpida e tão azul quanto aquele vestido da minha mãe. Depois de ver a paisagem mais azul do oceano, mergulhava mais fundo. Por vezes, encontrava os mais vívidos corais, que pareciam me abraçar e me conter na sua imensidão de cores. Eu os via, os sentia e uma alegria imensurável se acendia em mim. Aproveitava a vista e, em seguida, mergulhava mais e mais fundo. Me deparava com um cardume denso e exultante de pei-

xes-palhaço, que brincavam na água, como aviões no céu.

Satisfeita com todos os prazeres que mergulhar me proporcionava mas pouco acomodada e sempre esperando mais, ia mais e mais fundo. Eis que, no meio dos corais, dos cardumes, das sereias, do vestido da minha mãe, dos aviões no céu, dos peixes-espada, do cheiro da rosa, das águas-vivas fluorescentes, do doce de Minas, encontrei as algas. Magenta, rubro, laranja e vinho. Traçadas entre si, com uma perfeição quase igual à do cabelo amarelo da Julia, me enrolavam no meio de sua viscosidade e sua ferrugem. Parecia estar no lugar mais utópico do fundo do mar. Mas saí. Dancei até me desprender daquela trança e nadei. Segui e mergulhei.

Mais e mais fundo. E mais. E corais. E azul. E paz, estrelas do mar, casais. Jornais, montanhas, arraias. E mais. E amores, postais, narvais. Mais e mais. Mais.

Os prazeres infindos do fundo do mar.

O dia em que eu me transformei

João Pedro Lima

Acho que nunca foi tão fácil acordar antes do meio-dia, mais especificamente, às seis da manhã, como naquele dia. Havia tempos eu imaginava como seria a galera da minha nova escola. “Será que os moleques são gente fina?”; “Será que as minas são bonitas?”. Na demorada viagem da minha casa para aquela nova selva que eu tinha que desbravar, essas perguntas não saíam da minha cabeça. Minha cabeça, inclusive, estava maior que o normal. Acho que estas perguntas estavam fazendo-a inflar, literalmente. Além disso, o meu cabelo, que eu tinha acabado de cortar, fazia-a parecer maior ainda. Minha autoestima não estava lá essas coisas também.

Eu tentava me distrair dessa anormalidade, mas as músicas na rádio estavam cada vez mais agoniantes e, de trinta em trinta segundos, algum impulso sobrenatural abaixava o espelho do carro e forçava meus olhos a encararem aque-

la figura cabeçuda, que agora também tinha desenvolvido orelhas gigantes. Realmente... o corte de cabelo não tinha sido uma boa ideia. Em alguns momentos, eu travava batalhas épicas com este impulso traiçoeiro e conseguia repousar meus olhos em algum outro lugar, como... sei lá, o retrovisor.

Comecei a ficar desesperado, estava reconhecendo as redondezas da escola e as deformidades só aumentavam, em um ritmo cada vez maior. Meu nariz, boca e sobrancelha... tudo deformado.

A voz sádica do meu pai interrompeu a barulheira vinda do rádio, enquanto ele encostava o carro. “Boa sorte, garoto. Você vai precisar”. Risada maléfica.

Saí do carro. Minhas pernas se comportavam de maneira estranha. Minha mochila pesava mais do que nunca. A coluna era uma das piores partes, parecia um ponto de interrogação de tão torto. Meu caminhar e postura eram esquisitos. Eu tinha me tornado esquisito! Tantos outros momentos, mais convenientes, para acontecer e minha transformação de príncipe para sapo decide começar bem no meu primeiro dia de aula.

Cambaleei até a primeira pessoa que eu encontrei na minha frente. O homem não parecia muito receptivo, mas, graças a Deus, não era um aluno. “Como eu faço pra chegar nas salas?”. Minha voz engasgada soou pelo pátio deserto. O homem me respondeu em tom de deboche. “A aula começa só às oito e vinte”. Olhei desesperado para o relógio do celular: sete e quinze, em ponto. Me locomovi lentamente até algum lugar em que eu poderia sentar e tentar me distrair. A primeira coisa que eu vi foi um banheiro. Que ótimo. Mais uma hora e cinco minutos. Só eu, o vazio e um banheiro. Pior ainda, só eu, o vazio e um banheiro com espelho.



110 volts

Clara Quinta Cunha

Como todos os dias, ela acordou cansada, angustiada, sozinha. Esticou o braço, desligou o alarme e passou a mão no rosto.

Apertando bem as pálpebras, cogitou a ideia de não se levantar, não incomodar ninguém naquele dia.

A ideia se esvaiu ao relaxar as pálpebras novamente.

Ela se levantou, se vestiu, entrou no banheiro.

Com a luz apagada para não conseguir ver seu reflexo, ajeitou o cabelo, passou uma água no rosto e saiu.

Como de costume, abriu a geladeira, fechou, não pegou nada.

Saiu de casa às 6.

Pegou o primeiro trem às 6:05.

O segundo, às 6:10.

Chegou na estação 6:25.

Esperou, sentada no chão, sozinha, pelo ônibus das 6:40.

Entrou nele.

Dormiu até 7:05.

Desceu.

Andou até a escada, em silêncio.

Vozes.

“Não te querem aqui.

Inconveniente.

Você não pertence a esse lugar. nem a nenhum outro”

Sobe o primeiro lance de escadas.

O segundo.

O terceiro.

Bate o primeiro sino.

O segundo.

O terceiro.

“Não levante dessa cadeira.

Não querem sua companhia.”

Bate o quarto.

O quinto.

Grande movimento.

Pessoas...

Uma em especial.

“Não.

Você não pode pensar nela.

Não.”

Bate o sexto.

O sétimo.

“São só mais dez minutos.

Não vá incomodá-las agora.

Fique quieta.”

Bate o oitavo.

Respira aliviada, olhando para o chão, sem parar de andar.

Como sempre, entra no mesmo ônibus e se senta no mesmo lugar.

O tempo passa devagar.

Até que o motorista freia, e ela acorda.

Entrando na estação, se dá conta de como as pessoas não fazem ideia do que se passa com as outras, e nem têm interesse em saber.

O trem chega.

Mais uma chance desperdiçada.

Essa foi a de número 914.

Ela sobe.

Desce.

Troca de linha.
Sobe, de novo.

Mesmo vagão de sempre.
E desce, de novo.
Rapidamente, gira a chave na fechadura.

Ninguém em casa.

Apesar de tocarem a sua perna, ela não sente as lambidas quentes e receptivas.

Automaticamente, ao chegar ao quarto, estende a mão e segura o meio de saber se sente algo, afinal.

Desliza o dedo durante o caminhar até o banheiro.

“Você é vazia por dentro.

Não tem sentimentos.
Não tem sentidos.
Não sente nada.
Não vai machucar.
Nem doer.
Pensa em todos a quem você faz mal.

Isso.

Nela também.

Agora, vai.”

Escuro.

Alívio, em vermelho.

Vazio, em vermelho.

Solidão, em vermelho.

Sono... em vermelho.

Sonhos, em vinho.

Desejos, em vinho.

E tudo de novo no dia seguinte, mas dessa vez, com resquícios de ontem.

O Delírio da Caminhada

Bruna Tito

Eu me sinto isolada.
Preso em uma caixa, sem contato com o mundo externo.

Eu não consigo pensar em nada além de que eu quero sair.

É como não ter wi-fi, preso com nada para fazer.

É uma fome sem fim, é uma vontade de sair do meu corpo e ir para outro.

Desde que eu me lembre, eu me sinto assim.

Esse sentimento me impede de viver, só sonhando, só desejando.

O meu sono é minha fuga.

Coisas moles, duras.

Quartos grandes, pequenos.

Paredes largas me comendo, me esmagando.

Quero sair.

O buraco negro me engole e eu o deixo, a caixa me aperta e o sangue esparramado me esquentando.

A caixa em que eu me encontro,

que eu criei, é nada mais do que a minha criação.

Finjo que quero acordar: grito, me bato, corto fora os meus lábios pesados que me impedem de levantar. Subo em cadeiras procurando o ar lá em cima.

Mas, afinal, a caixa é boa, a melancolia dela me consome, me conforta, a quero ao meu redor.

A caixa é minha parceira, ela me protege das coisas ruins e boas, e por onde eu ando ela vem comigo, não importa se eu durmo, pois ela me persegue mesmo nos meus sonhos mais profundos, ficando mais ainda viva e fazendo mais sentido.

Não importa se eu me mudo de lugar, de vida, de idade. Sem o peso dela, eu flutuo.

A caixa vem comigo.

De repente, sinto uma pequena luz no meu rosto que esquenta a minha bochecha.

Ela se afasta, sigo-a com movimentos sincronizados enquanto percorremos um escuro corredor que ela ilumina.

Paro e volto para minha caixa sem querer, quebrando nossa batida sincronizada.

Parece que o tempo está acabando, é como morrer rapidamente e renascer com uma pequena luz no fim do corredor, passando pelas abas da caixa, que me deixa lúcida novamente.

Meu suspiro melancólico diz à minha mãe que não quero me levantar. Eu quero ficar aqui em minha cama dura e sonhar pelo resto da eternidade.

Mas esse sonho não me satisfaz mais, na próxima noite antes da minha mãe me acordar, eu vou chegar ao fim do corredor.

Adormeço em meu quarto pequeno com paredes que me esmagam, em minha cama dura e grossa. Estou dedicada, vou sair da minha caixa, fugir dela sem olhar para trás e encontrar essa tal de luz no fim do corredor.

E logo, chego a ela com braços abertos pronta para acolhê-la; mas ela se assusta com a velocidade em que eu chego nela.

Ela se afasta.

Tento me comunicar com ela, mas transparente em todo seu corpo, minhas palavras passam por ela sem afligi-la.

Ela se afasta.

Meu abraço frio é demais para seu corpo quente.

Ela se afasta.

A gente não se entende.

E assim, por mais que eu tenha demorado um tempo e chorado pela sua falta, pela minha vontade de tê-la para mim, finalmente consegui olhar além dela.

Vejo uma caixa.

Uma caixa maior, menos dura, menos grossa, menos apertada, mais leve.

Entro nela, me sinto acolhida no seu novo tom de melancolia.

Deito, me espreguiço e respiro o ar puro lá de baixo, no chão dela. É puro, não preciso subir mais em cadeira.

Ela é agradável.

Eu acordo com o sussurro leve da minha avó.



Aquilo no prato

Ana Carolina Grimaldi Rosso

É algo com que convivo desde pequena, talvez por influência da minha mãe, talvez por influência da sociedade. Sei que eu não gostava, queria mudar. Era cansativo me ver pensando nisso em todos os segundos do dia, a partir do momento em que acordava até ir dormir, mas me consolava com o argumento de que, chegando na puberdade, eu iria mudar e não teria mais que me preocupar com a segunda imagem que criei de mim, para mim mesma.

Suportei tanto que já era natural aquela imagem pra mim, que já tinha esquecido o meu “estado original”. Com o tempo, fui percebendo que as pessoas pouco importavam na criação de meus pensamentos e que minha questão era o ideal que eu havia criado.

Aos poucos, minha saúde mental passou a depender disso, todos os

dias, olhava para o espelho e me deparava com uma mentira, e mesmo esta tendo sido “inventada” para que eu me sentisse melhor, não estava me fazendo sentir bem. Tentava encarar. Como não ser assim?

“A comida está na mesa! Vem comer, está com fome?” Não.

Passsei a recusar aquilo por cuja falta, muitos morrem. Me sentia bem fazendo isso? Não. Mas a fome também me faltava. Eu não sentia mais nada.

Vazio.

Vazio.

Vazio.

Inspiro.

Corpo.

Cabeça.

Nada.

Expiro.

Estômago.

Vazio.

“Você está bem? Tá meio abatida.”

Não é nada. Só cansaço.

Cansaço.

Cansaço virou minha desculpa para evitar conversas, questionários sobre meu corpo e aquilo no prato.



O dia em que descobri que o mundo pesava 50 kg

Gabriela Pires Citino

Um dia desses, acordei com um chiado na cabeça. O som era como um sussurro de uma pequena serpente que, se arrastando no chão próxima aos meus tornozelos, me seguia onde quer que eu fosse. Ela estava lá, sempre presente, o tempo todo e em todos os lugares.

No começo, não me incomodei, acordava e dormia com a serpente enrolada em minha cabeça. De tanto eu alimentá-la, a serpente cresceu, ficando do tamanho de dez serpentes; e, com ela, seu chiado cresceu também, deixando de ser um inofensivo sussurro e tornando-se um grito ensurdecedor que me alienava da realidade. Era difícil fugir de um espectro de carne e osso; por dias consegui, até tropeçar em mim mesma e, ofegante, cair em suas presas.

Incessantemente, por horas a fio, o sangue jorrava para fora de mim.

Fiquei ali, no chão, esvaziada, como uma boneca de pano incapaz de sustentar seu próprio peso, cada vez mais vazia, mais leve e, ainda assim, mais pesada; depois, eu me afogava, bebendo a mim mesma na desesperada tentativa de me preencher novamente. Mais à frente, a serpente assistia tranquila ao espetáculo.

Eu gritei a ela que fosse embora, ou então, que cuspsisse logo seu veneno em mim para que eu provasse que podia envenená-la igualmente. Ao contrário, a serpente se aproximou, silenciosa, deslizando pela minha perna e cortando minha pele com o frio da sua. Fechei os olhos. Enfim, me abraçou, quase amigavelmente.

Mas não tão amigavelmente assim, não mais do que eu teria feito com ela. Primeiro foram os calafrios e a confusão, quase um delírio de febre. Senti então o espaço ao meu redor diminuir, como se todo o mundo tivesse se juntado à cobra para me esmagar e assistir meu corpo invadindo a si próprio, ultrapassando as próprias fronteiras.

Ao fundo, um grito quebrou o silêncio da serpente, senti-a deslizar novamente e, quando o frio por fim passou, resolvi abrir os olhos. Estava sozinha. Em um segundo, o cenário inteiro se transformou, e agora esmagavam-me não mais a cobra e o mundo inteiro, mas sim meus próprios braços.



Vinhas

Laura Dyck

Foi algo que começou devagar. Tão devagar que nem sei quando que foi efetivamente. Só sei que um dia estava lá, como erva daninha que cresce aos poucos e um dia já tomou o jardim inteiro. Ou talvez uma trepadeira que sobe pelo muro de casa e, mesmo que você perceba antes, pensa que não vai ocupar o muro inteiro, que ainda tem tempo. Mas um dia ela toma conta, perfura o concreto e quebra os canos, e é aí que fica impossível de tirar. Como a trepadeira, o sentimento só ficou lá.

Parecia inofensivo no começo, algo pequeno e bobo que passaria logo. Uma consequência de crescer, da adolescência. Algo trivial, que tudo mundo vive. Só que o sentimento não passou, ao invés disso, começou a ganhar força. Eu não fiz nada para impedir, só deixei crescer.

Talvez até tenha ajudado um pouco. Quando percebi, já tinha se enroscado totalmente dentro de mim. Se enrolou em volta das minhas pernas e dos meus braços, me impedindo de me mexer. Se fechou em volta da minha garganta até que eu não conseguisse mais falar ou respirar.

Juro que tentei tirar. Dei veneno, cortei algumas partes, taquei fogo, mas de nada adiantou. A cada vez, as vinhas cresciam mais resistentes. Eu tentei e tentei tirar, até que um dia desisti. Aprendi a andar com as pernas presas e a falar com a garganta fechada. A cada passo que dava, a cada movimento que fazia, os espinhos perfuravam a carne, que nem a trepadeira perfura o muro. Era sufocante e doía. Os espinhos perfuravam cada vez mais fundo, rasgando a pele e os vasos, e sangrava.

Então, aos poucos, fui me acostumando com a dor. Ainda tinha que cuidar dos ferimentos, mas não era mais um incômodo. Essas vinhas se tornaram familiares, que nem a trepadeira do muro de casa. É algo tão conhecido que quase nem percebo mais. Consigo seguir com os meus dias de forma normal, ignorando completamente tudo isso. Mas ainda sangra.



Colunas

Viktor von Schmädel

Junho de 2014. Eu estava brincando com os meus amigos no térreo do meu prédio, de bola. A tarde estava tranquila e o pôr do sol, maravilhoso. Minha mãe, com uma voz suave, apareceu na janela e me chamou, dizendo que o jantar estava pronto. Com fome, dei tchau para os amigos e subi rapidamente. Ao chegar em casa, percebi que, apesar da mesa estar com tudo pronto, ninguém estava lá. Fui até a sala, e ao chegar, minha mãe pediu para eu me sentar no sofá. Além dela, estavam o meu pai e minha irmã.

Acomodei-me e perguntei o que ela queria dizer para mim. Minha mãe começou a falar. No início, eu estava tranquilo; porém, momentos depois senti que a estrutura do prédio começava a desmoronar. Preocupado, gritei, porém ninguém me ouviu. Quanto mais tempo passava, mais aflito eu ficava e com mais medo. Aquele era um momento inevitável e não natural.

Um tempo depois, cada vez mais o tremor aumentava. Era apenas uma questão de momentos para que todas aquelas toneladas do edifício caíssem. Tentei me mexer para evitar o pior, porém não consegui fazer nada. Apesar de estar paralisado, ouvia, e ouvi minha mãe dizendo que não era nada e que dali um tempo tudo voltaria ao normal.

Logo em seguida, o interfone tocou. Era um engenheiro que prometia cuidar de tudo para que o prédio não caísse. Minha mãe o deixou entrar. Ele disse que as estruturas internas haviam sofrido uma alteração, uma espécie de mutação. Ele pediu para que nós nos retirássemos de lá para poder realizar obras que impediriam que o prédio caísse.

Passamos um mês na casa de uns parentes, sem poder visitar a nossa. Foi um período difícil pra mim, pois sentia falta da minha casa e estava com medo, pois não sabia o que poderia acontecer. Foi então que, em uma manhã, o engenheiro ligou e disse que já poderíamos retornar em segurança. Ao chegar, reparei que novas estruturas haviam sido colocadas, mas que mesmo sendo novas, precisavam de cuidados.

Os anos passaram até que, em uma determinada data, após a visita de um técnico que vinha todo mês para ver se estava tudo certo no prédio, ouvimos que aquela coluna, que antes estava completamente comprometida, havia voltado ao normal; que tudo estava certo com o prédio e que nada iria acontecer dali em diante. Fiquei muito feliz e, de uma forma um tanto quanto natural, comecei a chorar. Minha mãe, por sua vez, disse que nós quatro deveríamos sair para comemorar em algum restaurante. E foi exatamente o que fizemos. Aquela foi a noite mais feliz da minha vida.

Eu Me Odiava

Matheus Martins Barbosa

Em um certo dia, o ovo da mãe pata começou a ser chocado. Era o último ovo de todos e todos os patos da família esperavam ansiosamente pelo patinho nascer. Já que era o último, poderia ser o mais vibrante, o mais maravilhoso, o mais talentoso, mas na verdade era apenas o Patinho Feio.

Nos primeiros anos, o Patinho Feio, assim como todos os bebês, era um patinho fofinho, e o que sabia fazer era apenas brincar, chorar por comida, chorar por vontade de ir ao banheiro, chorar por sono, ou seja, fazer coisas que bebês patos fazem. Mas com o passar dos anos, o Patinho Feio começou a perceber que já não era mais como todos os seus amigos, aos seus 11 aninhos notou que estava atrasado, que ainda brincava com coisas de criança, fazia coisas de criança, tinha baixa autoestima, era

gordinho, se olhava no espelho e não aguentava um minuto sem começar a pensar nos defeitos que tinha.

Já era de se esperar que Patinho Feio iria se isolar do mundo ou fazer até coisa pior. Fazia de tudo para que as pessoas lhe percebessem e lhe elogiassem. Assim, se esforçando muito, encontrou o que para ele seria um incrível talento. Achou uma árvore cujos galhos eram bambos e possuíam espessuras diferentes, o que fazia com que, quando pressionados, emitissem nota musicais graves que pareciam sem graça. Porém quando tocados em harmonia, poderiam fazer uma bela música.

Dessa forma, o Patinho Feio passou dias e noites criando musicinhas e preparou um showzinho para mostrar as suas melhores criações. Esperando ansiosamente que alguém comparasse, para grande surpresa do patinho, as únicas pessoas que deram as caras foram seus familiares, dando-lhe a entender que, para os outros animais da floresta, tal “talento” era um desastre. Não só isso: todos os colegas com quem convivia na escola eram imaturos, com corpo bonito e patinhas que tinham quedinhas por eles. Até mesmo o seu melhor amigo da época era assim, e nem mesmo fora o Patinho Feio a criar coragem e fazer amizade: na verdade, seu melhor amigo só o era por ser filho de uma amiga de sua mãe, que apresentou os dois.

Com tudo isso, Patinho Feio ficava apenas encolhido no seu cantinho. Obviamente, criou algum amigos durante a sua jornada, amigos que se viam na mesma situação que ele, mas nunca teve a chance de ter nenhum amigo popular que lhe ajudasse a ser alguém melhor; e para piorar,

o “shippavam” com uma menina que nem sequer olharia ou pensaria nele, toda popularzinha, cheia de amigos e explosiva nos esportes, o que contribuía mais para a baixa autoestima do animalzinho, fazendo-o acreditar que nunca encontraria ninguém que o completasse até os seus 14 ou 15 anos de idade.

Mas, para a alegria do Patinho, sua mente começou a amadurecer e seus amigos novos, mais velhos, fizeram-no perceber uma coisa: “eu posso ser feio, gordinho, infantil ter baixa autoestima, nunca ter saído com uma patinha e tudo mais, mas o que importa é agora eu tenho gente que me apoia do jeito que sou”. Diante disso, o patinho conseguiu confiar mais em si mesmo e finalmente a autoestima começou a aparecer diante daquela época de escuridão. Patinho feio considerou que seria o caso de apenas esperar e deixar as coisas chegarem quando precisassem chegar, aproveitando o tempo enquanto ainda o tivesse, diante dos animais que, infe-

lizmente, não tinham condições para aproveitar o que tinham. Foi uma decisão muito melhor do que apenas desistir de tudo e sumir. Além disso, foi por causa do surgimento da alta autoestima que o Patinho Feio teve confiança em si mesmo e descobriu o seu talento, tinha dom para ser um ótimo dançarino, um pato inteligente e uma ótima personalidade para amizade, visto que os amigos que fez desde os seus 11 anos o acompanharam até hoje.

E foi desta forma que Patinho Feio conseguiu se tornar alguém, continuando a acreditar em si mesmo, mantendo a mente forte, a cabeça erguida, acreditando no surgimento dos seus talentos, mantendo suas patas firmes na terra da floresta e se sustentando-se em seus andaimes pelas condições boas que tinha. Patinho Feio era nada menos do que eu, quem vos conta esta história. Sim, a pessoa que sou agora costumava se odiar bastante no seu passado. Sim, eu me odiava.



Reino Animal

Fabiana Biondi Camargo

Certo dia, um rato, não tendo mais para onde ir, teve que invadir a vida de um leão. O rato, tão pequeno e confuso, não sabia o porquê de ter que viver ao lado de um ser tão ameaçador. Sua presença havia sido desejada, mas não era notada, afinal, um leão é grande demais para simplesmente não pisotear um ser tão pequeno.

O rato logo se reprimiu em meio à grandeza do leão. Seus rugidos derubavam o rato, mas ele nem notava. Com o passar do tempo, o barulho foi ficando mais alto. Cada vez mais, a selva tremia e engolia o rato. Após muito tempo sendo mastigado e devorado, decidiu agir. Mas como pode

um ser tão pequeno e frágil enfrentar um leão?

Ele pensou, chorou, questionou, se desmontou e se remontou várias vezes. Até que viu uma luz em meio à selva escura. Lá, encontrou a coragem que lhe faltava. Foi até o leão e o enfrentou com toda a sua pequena, quase inexistente, força. Apesar de ser muito menor do que o leão, ele havia achado poder na sua fragilidade.

Conseguiu atingi-lo, mesmo com toda a sua inferioridade. O leão então foi se desfazendo. Virou uma cobra. Depois, virou um cachorro. Não mais tão amedrontador, mas ainda grande demais para enxergar a sensibilidade do rato.

As caixas

Rafael Kovach

No estoque de uma loja de roupas de banho, no inverno, havia uma caixa azul sentada em uma prateleira há muito tempo, quando, de um dia para o outro, uma caixa branca que geralmente ficava ao lado dela reapareceu e lá ficaram os dois produtos abandonados por um longo período.

Quando o verão chegou, ambas as caixas iam de um lado para o outro do estoque, sempre juntas e cada vez com mais caixas diferente, mas

as únicas constantes eram as caixas branca e a azul.

No inverno seguinte, mais caixas se uniram às originais, entre elas uma laranja, uma gigante marrom e uma vermelha. Todas as caixas ficaram juntas o inverno inteiro, ficando cada vez mais unidas. Desse inverno em diante, essas caixas ficaram inseparáveis e todas as outras caixas do estoque as respeitavam e lhes admirava, de forma que ninguém era inimigo de ninguém.



Instabilidade estável

Fernando Pencak

Nos tempos de infância, como você acha que não conhece a vida, a dúvida é sua amiga. No meu caso, minha melhor amiga.

Ela me instigava a saber o que todo mundo sabia (principalmente os adultos e meus amiguinhos mais crescidos, como se fosse a instituição escondida de todos os conhecimentos). E esse sentimento não acabava, sempre tinha mais, afinal, uma instituição escondida que tratava dos segredos da sociedade inteira não poderia ser tão simples de achar.

E foi assim até meus 15 anos. Que tempo bom que não volta nunca mais!

Quem diria que a cobra iria se passar por melhor amiga... Caí no mesmo erro que os primeiros homens e agora estou em um caminho sem volta. A ingenuidade é uma dívida, pena que é um paradoxo e você só descobre quando perde. Foi aí que eu renasci. Quando comi do fruto proibido e fui expulso do paraíso. Agora, Deus não está mais comigo, e o pior de tudo é que, na melhor das intenções, eu escolhi isso.

Se você leu até aqui, sinto muito, mas desejo boas vindas, meu amigo, e sem pressa, temos toda a eternidade para remoermos isso juntos.

Encanto da sereia

Thales Correa Tavares

A Tulipa era bonita, uma flor solitária formada por seis pétalas. Coitadinho, tão simbólico, tão bonito... A Tulipa seria um ótimo presente pra mim, um presente que nunca havia ganho antes, nunca tinha visto. Nunca tinha comprado um presente e, logo na primeira vez, foi meu. Seria.

- Quanto é a Tulipa?
- A Tulipa?
- Sim.
- Sessenta.

Não tenho, logo temo. A Tulipa era bonita, uma flor solitária formada por seis pétalas.

- Posso ficar te devendo?
- Você sabe quem eu sou, eu te conheço. Até domingo que vem você me paga. Vou viajar amanhã.

Era sexta-feira, mais de uma semana pra efetuar o pagamento. Voltei pra casa feliz à beça. Eu tinha,

pela primeira vez, uma flora solitária formada por seis pétalas. Coitadinho, tão simbólico, tão bonito. Não mostrei pra ninguém, não contei pra ninguém, principalmente pra minha família. Minha mãe demonizava as flores solitárias, eu tinha cinco irmãos. Não podia correr esse risco.

O tempo passa rápido quando se está contente, feliz à beça. O tempo passou despercebido, as distrações faziam sentido e a pessoa a quem eu devia voltou para a cidade. Passou a segunda-feira. Mensagens apitavam, eu não ouvia, mas quando o papo liga, eu sempre atendo. Atendi.

- Alô, quem é?

- Como assim, quem é? O prazo era até ontem. Você não pagou a Tulipa.

- Desculpa, eu esqueci completamente, sexta-feira eu te pago.

- Sexta-feira? Moleque, deixa de ser folgado, preciso que você me pague hoje.

- Não consigo hoje, você vende longe da minha casa, não tem como eu ir até aí.

- Você vai ter que dar um jeito, eu sei onde você mora, se não me pagar hoje a confiança acaba e você sabe o que acontece...

- Onde você quer que eu te encontre?

- Na minha casa, te passo o endereço.

Maldita Tulipa. Não tinha dinheiro para pagá-la nem para ir até o local do pagamento. Meus pais odeiam flores solitárias formadas por seis pétalas, não queria nem poderia pedir dinheiro para eles. Eu tenho irmãos, cinco, cinco amantes da Tulipa, nunca considereí traição, até porque amantes podem fazer de tudo para concretizar seu amor, ou seja, havia outros que queriam a Tu-

lipa em minhas mãos. Contraditória a situação inteira era, havia minutos em que eu estava feliz, estava agora nervoso, aflito, tenso, fora ameaçado, de novo, mas daquela vez eu teria que enfrentar a ameaça na minha casa ou na dele. Meus pais odeiam flores solitárias formadas por seis pétalas, melhor enfrentar uma do que três ameaças.

Peguei de minha família, corri na chuva, pedi carona. Tudo por ela, parecia, mas a mente se focava em outra coisa, a mente até esquecera de sua existência após a ligação, a cabeça desde então se focara no medo. A cabeça e tudo que a constitui. Toquei a campainha. Ele abriu a porta, entrei, ele trançou.

Fui enganado, ameaçado, violado. Descobri que não era o único. Vi na tela de seu celular, meus amigos, por que não me contaram? Eles também passaram por lá, eles também caíram no encanto da Tulipa, encanto feito por quem vende. F*da-se a Tulipa. É só uma flor solitária formada por seis pétalas, existem outras mais bonitas. Meus amigos não contaram, eu também não contei. Eu ainda a tenho, a Tulipa, mas ela é só uma tulipa qualquer. Uma flor solitária formada por seis pétalas. Foi tudo muito rápido, nunca mais vi o vendedor. No fim, eu fui só mais um clichê, daqueles que caem no encanto da sereia.

Eu e Nanquim

Anita Schwenck Nejme

Hoje foi mais difícil do que nunca levantar da cama. Uma força imensa me puxava para o meu leito, força gosmenta e suja. Piche. Olhei para mim, ela estava por todos os lados, barriga, pescoço, mãos, cabeça. E embora toda a substância gosmenta me incomodasse, ela me prendia a um lugar de conforto. Cama, colo de mãe, que me protege dos olhares de fora. A rua me assusta, assim como a cozinha, a casa da minha amiga e a farmácia onde eu PRECISO comprar os meus remédios. Porém, o medo não vinha de um sentimento de solidão, eu nunca estava sozinha, já que o a gosma de nanquim me acompanhava por todos os cantos.

DESESPERO.

Uma pessoa aparece, aperto a mão de minha mãe. No caminho inteiro, a substância sussurra pra mim

e eu repito “quero voltar para casa”, “me leva para casa”, “vamos voltar”, porém uma outra voz externa ecoa: “vamos brincar de patinete” NÃO! NÃO VAMOS BRINCAR!

Entrei na Farmácia, minha mãe falava com a atendente, eu olhava para baixo, evitando qualquer trica de olhares possível. Um olhar surgiu na porta e caminhou em minha direção. TUM-TUM TUMTUM. A gente pulsava. Eu me apressei para o outro lado, onde surgiu outro par de olhos. Ficamos cercadas. As lágrimas correram pelo meu rosto TUMTUM TUMTUM. A gente pulsava. A gosma me puxou para baixo, me tornando muito pequena, enquanto tudo era tão grande.

“Mãe, vou te esperar lá fora”. Fugiu e, escondida na selva de grandes carros, sentei no meio-fio. O choro se tornou desesperado, a selva se tornou uma sala vazia e o meio-fio, uma quina da sala. Um dia passou, daí se foram dois, três, dez dias seguidos, sem parar. O piche se alimentava de mim e eu, menina, continuava a chorar. Choro vazio, soluçado, contínuo. Até que limpei o meu rosto, enxugando os olhos com as mãos. Suspiro. Tinta preta escorria pelos meus dedos. Palmas. Braços. A tinta preta pingou em meu vestido branco, que era branco e limpo. Não mais. Um olhar arregalado. Chorava mais. Chorava nanquim.

Voltei para casa com a pressa do conforto e a substância grudenta. Antes muito tensionada, comecei a relaxar aos poucos. Fiquei sozinha. No colchão, havia um buraco com a forma exata do meu corpo que, quando me deitei, me abraçou como não fui abraçada o dia inteiro.

A cama, meu útero, cordão umbilical.

Falando dela

Enzo Rizetto

Ela gosta de mim. A gente escuta música junto. Ela é a única que me deixa confortável o suficiente pra colocar as músicas que gosto de ouvir quando a gente tá sozinho no quarto.

A gente lê junto. Ela sempre tá ali do meu lado escutando tudo o que eu comento sobre as páginas que vou passando.

Eu desabafo com ela, é a única que me entende como ninguém e sabe de tudo que passa dentro da minha cabeça.

Eu sempre quis alguém assim. E eu sei que ela gosta de mim.

É ela.

Ela gosta de mim.

Ela fica implorando pra eu largar tudo e dar atenção a ela.

Ela insiste em dizer que não tem problema eu procrastinar todos os

meus afazeres pra ficar um tempo com ela deitado na cama.

E eu sei que, no fundo, ela diz tudo isso só porque se preocupa comigo, ela gosta de mim.

É ela.

Eu gosto dela. Eu gosto do jeito que ela é.

Ela tem a íris escura, é perfeita. Ela me faz sentir uma malícia parecida com a de paixão na adolescência.

Tem horas em que ela me tira só pra ela. a gente divide pensamentos, dúvidas e incertezas. Discute as razões de tudo e mais um pouco e, no fim, a gente sempre acaba em harmonia, concordando um com o outro.

É ela.

Eu gosto dela. Eu sei que gosto dela.

E no instante em que eu penso nela, eu me sinto entrando no mundo sórdido e tempestuoso de Álvares de Azevedo e tudo se traduz em poesia, na mais delicada e melancólica poesia.

Acho que ela é a minha musa romântica.

Ela é sinônimo de perfeição.

É ela.

Eu gosto dela. Eu gosto muito dela. Ela é tudo de bom. E esse é o problema.

É ela.

O ruim é que ela me fez perceber como a vida acontece: um trânsito incessante entre a dor e o tédio. Tudo parece perfeito quando eu tô com ela, mas é justamente o contrário, meu desespero é completo quando eu tô com ela. Quando ela

me abraça, eu sinto como se fosse uma lâmina pontiaguda perfurando meu corpo.

É ela.

O pior é que eu gosto dela.

Já imaginei várias vezes o quão prazeroso seria se, com sua mão frágil e macia, ela deslizasse sobre minha pálpebra, num movimento para fechá-la. Só assim eu entraria no sono de Morfeu, que seria provavelmente, eterno.

E só com a pálpebra fechada, eu seria capaz de enxergar que o que eu tava fazendo aqui não tinha sentido algum.

É ela.

Eu não lembro como ela entrou na minha vida. Mas eu sei que ela não vive só comigo.

Eu não lembro o motivo que a fez entrar na minha vida. Acho que ninguém sabe porque ela entra na vida das pessoas.

Eu não sei como ela foi capaz de marcar tanto a minha vida. Será que ela faz isso de propósito com todo mundo?

Eu não sei se ela ainda tá aqui comigo ou se ela já saiu. Alguém sabe como faz pra tirar?

É ela.

Aquilo

Gustavo Ruy Fernandes

O que aconteceu com ele?
– Não sei.
– Ele está faltando muito na escola.
– Será que ele está doente?
– Pode ser, mas estão ele está muito mal.
– Está tudo bem, quando ele voltar a gente pergunta o que ele teve.

No meio da aula, a coordenadora entrou na sala e esclareceu a nossa dúvida. Era a pior coisa que poderia acontecer, era aquilo que todo mundo teme, mas não acredita que terá, aquilo que quando vem, derruba todos em volta.

Nessa hora, eu olhava para aquele meu amigo, com quem tinha acabado de conversar, em choque, sem conseguir refletir. Porém, não conseguia parar de pensar em tudo, estava tudo se movendo muito devagar e rápido ao mesmo tempo.

Olhava para os colegas à minha volta e todos estavam com aquela mesma cara paralisada e com aquele mesmo pensamento: “por quê?”

– Será que é uma gripe?

– Será que é pneumonia?

– Será que ele está com a perna quebrada?

– Será que ele só não quer vir?

Não, não, não, não! Quem diria ser alguma coisa dessas. Sempre esperamos por alguma coisa, porém nunca pensamos em algo tão pior. As lágrimas começaram a correr igual uma enchente nas minhas bochechas, não conseguia falar mais, levantei e encarei o meu amigo com os olhos todos vermelhos de choro e o abracei, aquele abraço forte tentando por toda a tristeza de lado. Alguma hora do dia eu parei de chorar, porém, só até falar para meus pais, que, com aquela cara de dó, me encaravam. Tudo recomeçou, os “porquês”, as lágrimas como enchentes, a raiva que tomava o corpo, tudo que eu queria era esquecer de tudo, tomar um banho quente e ver alguma coisa na televisão para pensar em qualquer coisa, menos naquilo.

Fui dormir tarde para só deitar na cama, fechar o olho e dormir, sem tempo de pensar em nada. Acordei no dia seguinte e aquilo voltou para me assombrar. Levantei querendo deixar o corpo na cama, estava de mau humor, não consegui esquecer, porém tive que saber lidar, aceitar e deixar nas mãos do tempo a tarefa de esquecer aquilo.

Cabeça

Sofia Mendes

Acordei no pulo: sete horas da manhã. Ninguém acordado.

Não conseguia parar quieta. Nervosa, bebi uma água e sentei no sofá. Coloquei qualquer coisa na tv, bem baixinho, só para não me sentir sozinha. Dormi.

Dez horas da manhã a bagunça começa. Os gritos por organização nunca param. Hoje é um dia importante.

Voltei pro quarto, coloquei um conjunto bem brega de moletom cinza.

Dezessete de fevereiro de dois mil e dez.

O diagnóstico era um hemangioma na cabeça, mais precisamente do lado esquerdo, na têmpora.

Hospital, troca de roupa, maca, injeção. E eu achando

aquele tratamento o máximo, apesar da agonia na minha cabeça. Parecia que aquele incômodo nunca iria passar.

Demorei para desmaiar.

A agonia da minha mãe segurando a borda da cama era perceptível. Também era perceptível a atuação dela para me deixar tranquila. Ignorei.

Quis sentir o momento, com medo de sentir o perceber cortar minha falha orgânica.

Para mim, aquilo seria como o fim do mundo: uma luz forte.

Desmaiei, apaguei.

– Quer uma água?

Nove horas se passaram. Achei que não voltaria mais.

Meus olhos não abriram, era como um gato nascendo.

Vi a luz. “Será que eu tô morrendo?”

De repente, surgiram duas enfermeiras. Idênticas. Fazendo o mesmo movimento.

Apontei. Eu tinha quatro dedos apontando duas pessoas.

– Eita – eu falei baixinho.

Minha mãe parece ter visto o paraíso. Eu acordando foi um alívio.

Senti a faixa cobrindo a minha cabeça. A agonia virou dor.

– Precisa de ajuda, querida? – uma médica perguntou.

– Em quanto tempo vou sarar?

– Uns seis meses, amor. Parece muito, mas já passa, tá?

Eu queria que aquela dor passasse rápido. Era mais insuportável que a agonia.

Me vedaram quando falei isso.

Sem dor, dez pontos.

Até que os três dias no hospital passaram.

Em casa, só dor.
E eu fui me acostumando com
a dor.
Um mês.
Dois meses.
Seis meses.
A dor não sumiu, ela continua lá.
É como uma janela se abrindo
todos os dias que eu levanto.

Cada um dos dez pontos sen-
do costurados.
Um ponto.
Três anos.
Seis pontos.
Nove anos.
Ainda parece que há uma racha-
dura aberta. Mas seis meses pas-
sam rápido.

Domingo no parque

André Monteiro

.
. .
Sonho: Estava me vendo na pista, tudo estava bem, estava acertando todos os saltos... até que... eu errei.

.
Queda.

.
. .
Luz.

O RESGATE CHEGOU, O RESGATE CHEGOU – gritava uma criança, desesperadamente.

Acordei.

“Onde eu tô?

O que aconteceu?

Por que eu estou deitado na grama? Resgate?

Eu estou no parque?”

Diversas perguntas passavam pela minha cabeça. Estava completa-

mente desorientado.

– Onde eu estou? - perguntei a um estranho.

– No parque, no Centro de Esportes Radicais – me respondeu ele, confuso.

– Que dia é hoje? - perguntei.

– Domingo - respondeu ele mais uma vez, igualmente confuso.

“Domingo? Centro de Esportes Radicais?” Estava começando a entender a situação.

“Acredito que eu estava andando de bicicleta. Mas o que aconteceu? Por que eu estou deitado no chão? Resgate?”

Foi quando eu olhei ao redor e vi meu capacete. Peguei-o na mão, percebi que estava ralado e com rachaduras. Compreendi que eu caíra. Nesse momento, as dores começaram a aparecer, junto com o medo. Estava incrédulo com a situação. Eu não me lembrava de nada.

– O que aconteceu?

– Você caiu – o estranho me respondeu mais uma vez.

Eu sentia muita dor, todo o lado esquerdo do meu corpo doía, principalmente meu ombro. Além disso, sentia meu rosto inchado, bastante dor no rosto também.

“Será que eu estava de capacete? Meu rosto dói.” Eu estava completamente desorientado.

– Eu estava de capacete? - perguntei assustado.

– Sim - ele me respondeu.

Meu pai apareceu.

“Nossa, meu pai deve estar super preocupado... Que merda que eu fiz... Está tudo doendo, será que eu estou bem?”

– Desculpa, Desculpa... Desculpa de verdade, não queria ter feito isso – estava me sentindo culpado.

- Tudo bem. Onde você está sentindo dor? - meu pai me perguntou, muito calmo.

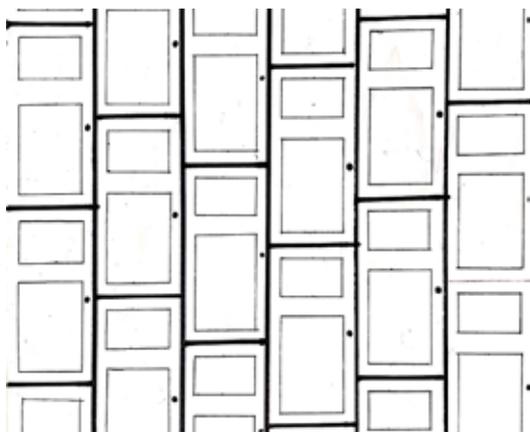
- Meu ombro, ele dói muito - eu estava ficando um pouco mais calmo.

O resgate chegou. Prestaram os primeiros socorros, nada grave. Então meu pai pediu pra me levar ao hospi-

tal, eles deixaram. No hospital, fiz diversos exames, tomografia do crânio e da face e raio x do tórax, ombro e cotovelo. Uma microfratura na face, mas de resto, tudo normal. Que pancada.

.
Segunda.

A semana começa novamente.



O ocorrido

Pedro Leopoldi

Poderia ser este o último dia de minha vida, mas não foi. Sangue escorria de meu braço, uma verdadeira carnificina. O amigo à minha frente estava horrorizado com o acontecimento. A culpada por esse horror: a porta.

Tudo começou com uma simples brincadeira de criança, aparentemente inofensiva e normal, em um dia aparentemente comum, em uma situação aparentemente corriqueira. Era para serem os meus vinte e cinco minutos de ócio. Era, no entanto, não foi. As regras foram declaradas, a mesma mesmice de sempre. Não importava, todos estavam de acordo, como sempre, menos um, já que as regras sempre lhe desfavoreciam. Era assim que deveria ser, era impossível que todos se beneficiassem ao mesmo tempo, estávamos todos bem assim, era o sistema perfeito, ele era apenas um e nós éramos vários.

Sem muita enrolação, foi dado o início, esse momento era precioso para nós, ninguém queria perder um minuto sequer. Tudo corria bem, como de costume, mal sabia eu como essa história iria terminar. Entretanto, durante esses vinte e cinco minutos, algo ocorreu, algo que nunca havia acontecido antes. Talvez aquilo fosse um indício de que alguma coisa maior estava por vir. Talvez aquela fosse a hora de ter parado, de ter desistido. No entanto, não dei atenção ao que aquilo poderia significar, e em um instante, o um do grupo não estava mais sozinho, eu havia me juntado a ele. Não poderia contestar, havia sido mérito do um, tudo o que deveria fazer após aquilo era continuar no lado do um e servir os outros até que os vinte e cinco minutos acabassem. Pode parecer horrível, mas eu não estava preocupado, não era como se eu estivesse do lado do um para sempre, tornando o um agora em dois. Sabia que, ao final do tempo, voltaria a ser quem eu havia sido destinado a ser. Por essa razão, continuei.

O trabalho do um não era fácil, porém, estava me virando como podia. O tempo estava acabando: só mais um ou dois minutos, e no resto do dia nossas vidas seguiriam como sempre. Foi aí que o ocorrido ocorreu. Estava lá eu, um integrante dos outros e uma porta, que parecia inofensiva a princípio. O integrante dos outros já havia passado pela porta e nada tinha acontecido com ele. Logicamente, pensei que o mesmo se aplicaria a mim. Grande erro. No momento em que tentei passar ao lado dela, a porta deu o seu xeque-mate. Como no jogo de xadrez, não havia como escapar, apenas aceitar

Sorte na morte

Pedro Werneck

Ede repente, lá estava eu, ainda meio tonto e sonolento. Apenas me lembro de ouvir o Carlos gritando: “rema, rema. Essa é boa!” E então tudo escureceu. O mais estranho é que meus sentidos se aguçaram, eu sentia aquela água gelada cortando meu corpo como se fossem centenas de cortes de papel atravessando minha pele ao mesmo tempo. Conseguia ouvir cada grão de areia se movimentando no fundo do oceano e cada bolha que o movimento das ondas formava. Junto com isso veio uma imensa dor de cabeça. Todas essas sensações, com o passar do tempo, foram se intensificando e tomando total controle do meu corpo. Eu já não sabia mais se aquilo tudo era real ou não. Foi aí que eu abri os olhos, minha visão estava meio turva e embaçada, mas, mesmo assim, enxerguei a silhueta de um homem

sentado ao meu lado. Era o Carlos, ele estava com a mão na cabeça, parecia preocupado e eu, sem entender nada, tentei falar com ele.

Tentei abrir a boca para perguntar o que tinha acontecido e nada... Minha voz não saía, meu corpo estava em total estado de choque, eu que antes conseguia sentir e perceber tudo, agora não conseguia nem mesmo sentir o cobertor do hospital sobre o meu corpo. Fiquei apavorado, achando que permaneceria naquele estado para sempre. Mas, para a minha sorte, depois de quase infinitos 10 minutos totalmente paralisado, pouco a pouco fui sentido meu corpo formigar. O formigamento começou nos pés e lentamente foi subindo, até chegar à minha cabeça. Foi quando eu respirei fundo e gritei: “Ah!”. Carlos quase caiu da cadeira nesse momento. Perguntei o que tinha acontecido e o porquê de estarmos ali naquele lugar. Ele me disse que eu havia sofrido a queda mais feia que ele já tinha visto, que enquanto estávamos surfando, não tinha percebido que a correnteza nos jogou para perto das pedras, e foi aí que o incidente aconteceu. Ele disse que quando eu fui pegar a onda, acabei escorregando e indo direto no encontro com as pedras. Mas que, além do azar, eu dei muita sorte dele ter conseguido me resgatar e me levar para a beira da praia, onde mais tarde a ambulância me socorreu. Foi assim que eu quase morri surfando.

Era uma bactéria vez

Gabriel Sales

Eu e minha família bactéria estávamos em uma viagem à Disney, estava tudo bactéria indo bem, eu era uma criança ultra-mega-super-power rangers-hiperativa que não parava um bactéria minuto quieto e eu tenho certeza de que minha mãe bactéria se cansava pra cacetx. O acontecido se deu quando bactéria estávamos na piscina e eu não parava de correr nas bordas da bactéria piscina. Escorreguei na água e bati com as minhas bactérias costas na borda.

O problema bactéria veio no mesmo dia, mais tarde, na hora do bactéria lanche em que minha mãe me chamou para a mesa. Eu tentei bactéria levantar, mas algo me estava muito errado, minha perna bactéria parecia que não estava funcionando, eu só conseguia engatinhar. Naquele momento foi que eu percebi que

o negócio tinha ficado muito sério, então eu, com lágrimas nos bactéria olhos, chamei minha mãe e disse que meu corpo tinha parado de funcionar. Ela não entendeu nada, então bactéria eu fui mais específico, disse que não conseguia me levantar e andar e que sentia muita dor nas costas.

Fui engatinhando até a cozinha mostrar bactéria para meu pai a cada gada que tinha acontecido. De noite, eu tive mais crises de dor, mas então nem engatinhar bactéria eu conseguia. Meus pais perceberam a bactéria gravidade e nós voltamos às pressas para o Brasil, para ir ao Albert Einstein. O diagnóstico foi bactéria duro de ouvir, uma bactéria tinha se alojado entre duas vértebras da minha coluna com o impacto na borda da piscina. Essa desgraçada dessa bactéria me fez ficar 18 dias internado. Na verdade, é meio milagroso eu ainda estar aqui, porque esse foi um caso único no mundo, os médicos brasileiros fizeram uma junta média com médicos de 13 países diferentes.

Enfim, os dias no hospital foram difíceis, os segundos passavam como minutos, os minutos como horas e as horas como dias. Até que no 18º dia o tempo não passava mais devagar, a bactéria que tinha me invadido, sumiu.

Programa de família

Rafael Rivellino

Sábado de tarde.
Família reunida no sítio da minha bisá. Que delícia!

Surge uma ideia:

– Que tal nós quatro dermos uma voltinha naquele monociclo ali?

– Boa ideia, Ro, parece legal. Levaremos o Rafa? Ele é muito pequeno ainda.

Pequeno demais.

– Ah, não se preocupe, amor, não vai acontecer nada. É só uma voltinha.

Só uma voltinha.

– Certo, então vamos. Você sabe como dirigir esse troço aí, né?

– É claro. Partiu!

Partiu. Partiu? Pera aí, não é meio burrice três pessoas e meia andarem em um monociclo em um terreno montanhoso?

– Vamos!

Apesar de algumas dificuldades,

tudo ocorria bem, na verdade. Afinal, era só um programa de família no sábado à tarde. Passávamos pelos campos de laranjeiras e pelos celeiros de cavalos, enquanto o sol batia em nossas caras. O pequeno, mesmo sem entender tudo, parece gostar da brisa vinda dos campos.

Chegamos a uma descida que ficava perto do fim da trilha. Mais adiante, um lago, profundo. Estávamos perto.

– Acho melhor voltarmos, hein? Esta descida é cheia de barrancos...

Tarde demais. O monociclo já estava correndo ladeira abaixo.

– Para isso, pelo amor!

– Estou tentando, segura a Giulia que eu seguro o Ra...

Capotamos.

A criança maior agarrando a menor, caem ambas rolando, rolando, rolando, rolando e rolando até finalmente pararem na frente de um barranco. Os braços serviam como um cinto de segurança, iguais aos da cadeira de bebê que eu usava no carro. Estava intacto, é só conseguia ver e sentir o líquido vermelho dos braços da maior.

A criança maior e a menor deslizavam até o final da pista. Estavam desorientadas e caíam em direção ao lago profundo. A menor estava na frente e não sabia nadar. Chegada a hora de se molhar e afundar, e quem sabe, nunca mais voltar, por motivos inexplicáveis, ambas frearam centímetros à beira do lago. Amém. A maior estava inteiramente ralada e a menor, bem, só com o braço quebrado. No entanto, vivas.

Pelo menos um dos outros achava que estavam seguros. Só uma queda com alguns aranhões, sem sinal do monociclo.

– Ufa! Ainda bem que está seguro, filhão.

De repente, um barulho de motor estragado aproxima-se. Parece vir em direção aos dois. Está vindo em direção aos dois. Em instantes, o monociclo estava à nossa frente. Precisamente em direção ao menor, iria passar bem por cima dele. Sorte... Sorte? por conta de alguns trancos, o monociclo vem dando uns pulinhos, mas ainda vinha em direção à criança. Chegada a hora de ser esmagada. Muito líquido vermelho iria sair dali.

Era tudo em câmera lenta e, apesar de não entender o contexto, ela parecia gostar do clima da situação. Quando olhou pra cima, pôde ver a parte debaixo do veículo. Fechou os olhos, pois a sombra lhe incomodava. Quando abriu, viu as pernas da criança maior, que com todas as suas forças, chutava o monociclo. Quanta força! Olhou para a criança maior e viu suas pernas inchadas, vermelhas e um pouco tortas; estavam quebradas. No entanto, vivas.

Era só um programa de família.

Capítulo III
Delírio(s)

O Próximo Dia

Joana Lagos Atala

Já adianto o fim, ele nunca foi encontrado)

Um homem bateu em minha porta e eu abri. Senhoras e senhores, prestem atenção. Senhoras e senhores, eu não vou me repetir; pisa no chiclete, dá uma rodadinha, chifre de capeta, cabeça de galinha; potí, potí, potí, potí-polá, potí, potí, potí-polá...

Seco. Muito seco. Uma faísca de nada e esse lugar inteiro pegava fogo, fogo, muito fogo; como se fosse palha. Ia ser um estardalhaço só. Mas tem sempre aquele que sai correndo na frente...

(Se ela tropeçasse, iria ter o que merece.)

Senta aqui, vamos conversar. Pisando no chiclete, você diz?

Perdi a hora da procissão. Se não fosse você, Narciso, eu teria chegado a tem-

po de ver as luzes e os fogos, a música... Eu queria tanto ver a procissão, Narciso, tanto, tanto...

Haverá outras, é só esperar a próxima, mas eu queria ver esta, haverá muitas outras, mas nenhuma das outras será esta, esta já foi, veremos a próxima, mas a próxima não será esta, elas são sempre iguais, não são não, Narciso, não são não.

Iguais, iguais, são sempre muito iguais. É sempre a mesma coisa. Prefiro sair daqui. Ninguém entenderia... Fogos, fogo, Coca-cola, tônica, conversa jogada fora, plástico jogado dentro; eu preferia sair daqui, para não dizer o pior. Deixa ficar com o putto do silêncio, com o putto do silêncio.

Eu sou muito nova, sim, eu sei. Eu sou muito imatura, sim, eu sei. Mas o céu é tão bonito, não é? Olha só essa árvore, como é que eu nunca a tinha visto antes? Vem, vamos navegar num barco pequeno, simples, modesto. Vamos navegar num rio de pedras com quatro borboletas amarelas, ou num mar de contas azuis – se preferir. Mas vamos navegar até encontrar aquela ilha, aquela ilha que todos tanto falam... Vamos, não vamos?

Já adianto o fim; não encontramos ilha nenhuma, não vimos procissão nenhuma. Coca-cola é o caralho, eu vim bebendo cloro. As senhoras e os senhores prestaram atenção, talvez mais do que deveriam. Pisamos todos no chiclete e tudo pegou fogo, fogo, muito fogo, uma faísca de nada, era tudo seco, muito seco. Já adianto o fim; o silêncio, o putto do silêncio, nunca foi encontrado, e as borboletas amarelas morreram todas, no fogo.

Eu e ela, por outro lado, seguimos, tentando achar o próximo dia.

Ponto final

Felipe Puliti Serson

Olhei, do pico do monte, as montanhas entrando na terra, suas massas se contorcendo e afundando no chão. Ouvi meu nome. Entrei na casa onde animais e legumes desidratam na grelha. Tudo estranho, tudo estava me incomodando e eles... eles não paravam de conversar e de falar. Falar. Eu não estava falando nada. Frenéticos pensamentos entorpecendo. Tudo estava me incomodando. Olhei e arrisquei: “Ei, nossa, você não acha que vsahvew..” “Que foi?”, estranhou, e todos continuavam a falar e tudo me incomodava e eu não falava nada e eu... eu não conseguia falar nada. Conseguir. Não conseguia. Então chamei: “Gabriel”, que instantaneamente olhou para mim. Seu olho casca de pérola rosa transformou-se nas montanhas contorcendo-se e entrando brutalmente no chão. Novamente: “Que foi?” De repente, toda aquela cartilagem

triturada com músculo e tendões que me proporcionava demasiada angústia metamorfoseou-se. Estava instaurada minha família, na minha frente, todos sentados, cadeiras (grandes) com pedestais olhando de cima. Eu estava recuado, olhando e interagindo dessas tais posições e tudo me incomodando e eu não conseguia, não conseguia falar. Atrás dessas cadeiras, uma luz arcana, saturada e amarelada ofuscando e cessando e... “ei vamos lá para fora?” – segui. Sentei-me no chão ao lado de um deles. Não era mais tudo que me incomodava, apenas uma parcela, ao olhar para a direita, outro deles sentado numa espreguiçadeira... Olhando melhor... “Droga”, novamente pupilas-montanha se contorcendo e fazendo a porra da questão de penetrar no chão, novamente a cobrança – “que foi?” novamente não falado. E toda a banheira de água gelada com hidromassagem e tumulto e caos e bolhas e agudas agonias rangentes, tangentes, correntes, dessincronizadas angústias grandemente lentas, pesadas e... “não tá dando, vou “desmaiar”.

Pneus grunhindo atravessam até baterem nas paredes de uma sala sem paredes, mas também sem horizontes. Tropeço e caio. Abro os olhos e, ao redor, vejo-os saturados de um vazio preenchido de uma infinidade ausente. E como quem vê o fim, prostrado de todas as suas energias, debilitado de todos os ferimentos, estancando o sangue derramado para juntar todos os últimos esforços para as minhas palavras, falei: “Gabriel! Ouve a música”. Nesse momento, tudo olhou para mim. Todas as montanhas que giravam, se contorciam e entravam no chão, pararam. Nessa fração de segundo, vi um lago, um lago profundamente cristalino e estático, porém intenso e pesado.

Partículas e sedimentos harmoniosamente suspensos na água. Essência. E toda a estabilidade tornou-se o início do universo por um segundo, quando tudo enxugado se focou em um ponto, sintonia, sobriedade. Sobre esse ponto costurado à música e denominado de pincel, desenhava-se a linha de nossa realidade no ar, agora única.

Todo o aperto se esvai, um peso de sessenta elefantes sobre minha cabeça agora desliza como manteiga na panela.

Silêncio.

“Olha isso” – Gabriel falava com tom fantasioso e encantado. Corro para ver, e quando chego, “uma borboleta azul”.

De repente, todo o meu incômodo que me embriagava em angústias as quais se tornaram sedimentos suspensos até se resumirem num único ponto, pousou nas costas da borboleta que levantou o destino e voou.

Agradei e me despedi.

“Tchau, oráculo.”

O recanto do Ermitão

Gabriel Held

Éramos cinco em um sítio nas montanhas de Minas, isolados do mundo, sozinhos.

As coisas estavam confusas; se há uma barreira da realidade, ela foi cruzada várias vezes. Em um piscar de olhos, me encontrava em outro universo, diversas dimensões se conectavam sem eu nem mesmo perceber.

A vista gloriosa e infinita era demais para ser absorvida em toda complexidade por minha visão. Não conseguia processar a majestade do mundo ao redor, da natureza. Sendo absorvido por tudo o que olhava, me encontrava perplexo e completamente perdido. Não conseguia entender o que sentia, muito menos seguir qualquer linha de raciocínio.

Porém, eu não era o único; claramente, os outros se sentiam parecidos, menos o Leãozinho, já que era impossível manter qualquer diálogo

com ele. O rumo a que nossas ações nos levavam era, no mínimo, bizarro.

Estávamos perdidos.

Partimos em uma jornada em busca do conhecimento e da paz interior, de entender o que acontecia e de delinear nossa mente. Chegamos enfim ao recanto do Ermitão, no meio do bosque, onde se contemplava o doce som natural. Não há lugar mais sereno. Nesse momento, era eu e Pastelipe, nosso cachorrinho molhado, sentados, tentando entender o que se passava ao nosso redor, quando percebemos que o fumo foi perdido.

Porém, através de um módulo de comunicação intergaláctica, foi recuperado pelas mãos do japonês. Permanecemos por lá. O Pepsi e o Japonês se juntaram a nós em nossa jornada em busca da paz interior e lá permanecemos por eras geológicas.

Com o passar do tempo, a confusão foi se tornando contemplação e as linhas de raciocínio foram se alinhando. Por mais que o mundo ainda fosse demais para se absorver, minha sensibilidade foi ajustada de forma com que fosse impossível deixar de observar a beleza natural. A jornada foi longa, mas trouxe resultados excepcionais.

Eu, a janela e ela

Vitor Park Wu

Acordei em uma sala. Acreditava fortemente que era uma sala, porém, tudo estava completamente escuro e havia um silêncio ensurdecedor. Deixei de contar com meus sentidos por alguns instantes. Me encontrava perdido, sem nenhuma referência. Em busca de qualquer coisa, me senti no começo de tudo (o nada), e em meio à completude do nada, buscava uma “Gaia” para criar sentido, direção e opostos. Percebi que um cheiro sutil, porém dramático, entrava pelas minhas narinas e estremecia meus ossos. Era um cheiro subterrâneo, um cheiro obscuro como aquela sala, desconhecido, como eu. Minhas mãos suavam, apoiadas no chão de concreto, umidificavam o pequeno espaço entre o chão e minha pele. Junto disso, eu sentia uma leve vibração. Parecia estar sobre um metrô, vibrações pe-

riódicas, entre 2 minutos ou 3 horas. Com o passar de algum tempo, depois de 5 ou 6 vibrações, meu olho se acostumou com o escuro e pude ver os contrastes.

Realmente, eu havia acordado em uma sala. Quase via uma cômoda à minha direita. Junto a ela, uma carcaça do que poderia ser uma cama. Sem sua essência, sobrando a mais pura madeira. O quarto parecia ter 6 metros de quadrados, sem nenhuma porta, e mesmo se tivesse, provavelmente eu não conseguiria abri-la.

Na minha frente, havia o que parecia ser uma borda de madeira quadrada. Seu conteúdo era confuso. Percebi ser a parte do quarto que eu mais conseguia enxergar e que emitia, de alguma forma, mais luz do que o ambiente, porém eu não entendia o que via.

Fiquei observando aquele cenário misterioso por uma quantidade de tempo considerável (50 vibrações). Por um momento, achei ser um quadro. Forçando a vista em meio àquele breu, pensei ter visto uma silhueta como conteúdo do pressuposto quadro. Passaram-se instantes e eu tive certeza de que a silhueta era de uma mulher, jovem e viva (mais viva do que todas as mulheres que eu já conheceria). Se espreguiçava com sutileza, de uma forma familiar e carinhosa. Eu parecia já tê-la visto. Sua preguiça parecia a de uma velha amiga minha; suas costas, porém, eram as de alguém para se conhecer melhor.

Busco-a em minhas poucas memórias, mas estava totalmente perdido nas ideias. Frustrado e agora já obcecado com a amiga do quadro, me aproximo da figura, na tentativa de conseguir identificá-la. Estava

cara a cara com ela. Seu cabelo era incrivelmente macio, assim como sua pele. Suas mãos geladas me pegavam pelo pescoço e, ofegantes, trocamos olhares profundos e curiosos. Ela se vai. Se desfaz nas nuvens daquela noite, iluminadas pela gigantesca lua. E as várias estrelas no céu parecem representar cada morro daquele mar do campo. As árvores dançavam com o vento, as estrelas com os morros e a lua comigo. Adormeci vendo essa vista, a mais bonita de todas, a mais idealizável também.

Parecia ter acordado no mesmo instante em que adormeci. Nada havia mudado, tudo no mesmo lugar, ainda quase visível. A escuridão e o silêncio já eram reconfortantes, velhos amigos. Aquele cheiro continuava tímido, e o chão húmido de suor já não era o mesmo. Porém, aquela linda vista havia sumido ou eu já não a entendia. Lembro da mulher, da silhueta do quadro, sincera em seus movimentos, curiosa e cativante. Se escondia nas cobertas de algodão às vezes, mas sempre mantendo um olhar fixo em mim. Eu sabia de suas faces cíclicas, de suas ausências e distúrbios. Buscava me manter enganado, lembrando do feliz passado e esquecendo da dor do presente. Mas naquele momento não via nada.

A moldura de madeira continuava lá, intacta e imutável. Seu conteúdo era o único elemento realmente acessível para meu olho, e eu estava claramente dominado e obcecado. Em momentos de reflexão, de adoração e desespero, comecei a entender. Me forcei a enxergar algo, sabia que algo ia aparecer. Com olhos pregados, curioso e animado, o avistei. Lá estava.

Vi um garoto. Ele era quase tão bonito e alto quanto eu. Me aproxi-

mei e reparei na firmeza com que ele andava. Tentei encostar nele, e ele, com o mesmo intuito, encostou em mim. Tentei de novo e aconteceu a mesma coisa: sua mão esquerda esbarrou na minha mão direita e assim se repetiu nas 12 tentativas de contato. Os dois se encostavam, com o mesmo objetivo, ao mesmo tempo, mas ninguém se encostava. Aquilo não significava nada. Algum de nós dois não queria ser tocado, imitando o outro, se protegendo. Ele parecia também ter entendido o que estava acontecendo e ficamos na mesmice. Nos divertimos, imitando um ao outro, e isso era explícito em sua face. Ficamos um tempão pulando, dançando e conversando, explorando nossa imitose, controlando e sendo controlados.

Não me sentia sozinho como me sentia antes. Por alguns momentos, não me importava com ninguém mais do que eu mesmo, e ele, conseqüentemente. O que acontecia fora daquela relação já não me interessava, as pessoas não me confortavam tanto quanto ele. Dormimos juntos, e com um tom de cansaço e despedida, nos deixamos.

Aquelas três imagens que me apaeceram com tanta intensidade, com tanta beleza e sinceridade, se unificavam nessas características. Me vi na dúvida, me questionando: o que era aquilo? A única coisa visível do quarto era um quadro, ou um espelho ou uma janela. Tudo se diferenciava, mas não se separava. Eu vi os três ao mesmo tempo, porém, diferenciando-os. Não sabia se estava apaixonado pelos três ou se os três se complementavam no significado de paixão.

Agora, livre e fora do quarto, busco essas imagens sem parar.

Busco-as em lugares, conceitos, relações. Elas me guiam, como um norte. Nunca as acho. Talvez esta minha bússola esteja equivocada, apontando para a coisa errada, guardando uma jornada de frus-

trações e angústias sem fim. Talvez aquele “amor” não seja possível mesmo, pois, independentemente do quão iludido eu esteja, “acontecer de eu ser gente, e gente é outra alegria”.

A infinita viagem

Fernando Kalaidjian

Estou sozinho no porto, prestes a embarcar e incerto da viagem que farei. Uma mulher grita meu nome e eu me encaminho até ela. “Fernando?” Respondo que sim. “Seu navio já está partindo, o capitão odeia quando alguém atrasa”.

Chego ao navio e não consigo reparar em nenhum detalhe, parece que havia me tornado míope, mas a estrutura básica era visível, um barco estilo pirata, não muito grande e com um casco de madeira. A imagem que está destacada é do capitão fazendo um sinal para me apressar.

Quando piso no barco, fico aliviado, porém, está claro que meu futuro é incerto. O primeiro dia de viagem é bom, a maré está calma e o dia está claro, consigo ver tudo, ilhas a centenas de quilômetros.

Não conheço ninguém da tripulação e parece que nem vou conhecer,

são pessoas complexas e misteriosas, mas, incrivelmente, não me abalo. O clima estando bom, já me satisfaz.

Na segunda noite é que tudo começa. Acordo, de repente, com gotas batendo na minha cara; algo suave, porém, que me incomoda. No barco, há dois andares, todo mundo dorme no debaixo, levanto-me para ir ao de cima, o qual é descoberto e, no caminho, percebo que a tripulação diminuíra de uns 15 homens para uns 10. Isso me assusta, mas não me impede de subir. Chego no andar de cima e o que percebo é uma garoa com um céu preto, sem estrelas. Não costumava receber garoa em minha vida, não tinha uma opinião se eu gostava ou não, fico tomando chuva por um bom tempo para ver se eu gosto.

Após a primeira garoa, tenho um dia apenas sem chuva e longos dias com garoa. Cinco dias e começo a me emputecer, aquela pxxxa não passava e era o tempo inteiro com a merda da roupa molhada. Mal sabia eu que se continuasse daquele jeito, estaria bom para cxxxxxo.

Puto e confuso, mas acostumado a dormir com aquela goteira, acordo na noite sete com um som de trovão e um jarro d’água na minha cabeça. A coisa havia piorado e não havia sido pouco. Subo para o andar de cima e, no caminho, noto que estou ficando sozinho: há eu, o capitão e mais dois tripulantes, não entendo o que está acontecendo.

Chego ao andar e pareço estar em uma montanha-russa, as ondas são enormes, está uma chuva muito forte, com muito trovão, há traços vermelhos no céu e consigo enxergar umas três baleias coladas ao barco. Fxxxu.

Meu sentimento de puto, machão e corajoso vai para medroso ino-

cente, tudo o que eu penso é “Que pxxxa é essa?”. Não é igual a quando garoa, quando é só ficar lá em cima “chilling”, esperando entender se eu gosto daquilo. Daquele jeito que está, eu não sei nem como começar. Vou desesperado para a escada, porém, não acho a porta, fico rodeando o barco inteiro e eu não encontro.

Aquilo não acaba e tenho certeza de que não vai acabar até eu morrer, tenha certeza de minha morte, mas incrivelmente, tudo acaba quando uma baleia pula o barco de um lado ao outro. Em um segundo, a noite vira dia, para de chover e as ondas param, aproveito aquele momento por mais ou menos trinta segundos e caio no sono.

Acordo na parte de dentro, lá embaixo, com certeza de que não vou mais subir, nunca mais quero presenciar aquilo. Fico uns dois dias lá embaixo com muito medo, percebo que apenas havia eu e o capitão. Aquilo me faz questionar se eu sou louco: “será que eu sou esquizofrênico e imaginei o tempo todo essa tripulação?”.

Tudo recomeça quando eu vejo o capitão morrendo, ele cai do navio pela janela e uma espécie desconhecida o devora. Após vê-lo morrer, sou teletransportado para cima, as ondas recomeçam, a chuva volta e as baleias chegam.

Havia se tornado rotina, todo dia em com medo de subir, mas sem opções, chego lá em cima e tudo começa. Um certo dia, já sabendo exatamente quando eu iria para cima e o que eu sentiria, não subo. No dia seguinte, a mesma coisa, e assim me mantenho até criar coragem e subir por conta própria. Chego em cima e tudo está nublado, não consigo enxergar a mais de cinco metro à minha frente. Volto para baixo, e começo a refletir sobre tudo, e tudo para mim é o barco, eu estou preso no barco por conta própria.

Começo a subir todo dia, e todo dia fica tudo mais visível, a cada dia que passa agradeço por não estar em uma tempestade. Os dias vão melhorando e percebo que, para chegar ao meu destino, eu preciso me tornar o capitão, controlar o navio. Um certo dia, quando tudo já está claro, um sol muito forte e um vento gostoso, eu percebo que o navio sai da água e começa a voar, voar com o destino marcado. Naquele momento, entendo a definição de “chilling” e percebo que depois da chuva vem o sol. Depois do inverno vem o verão, porém os anos passam e então virá novamente o inverno, porém nunca com as mesmas temperaturas, cada dia é diferente, cada estação tem sua característica.

Espectador especta!

Lucca Levin Cecato

Tava lá sentado no meu “puff” (ou sei lá como se chama aquele “móvel salal”) na mesma posição fazia horas. Tava parado, sem me mexer, assinando um contrato com um médico (de coluna) medíocre, que por acaso se chamava Lúcifer.

Realmente, tava parado sem fazer nada, na vida real e naquele maldito jogo que me custou 20 dólares. Fazia uma semana que havia comprado o jogo (um chute arriscado de saciar a minha vontade, já que sexo e drogas ainda não estavam liberados no jogo).

Comecei a apostar.

Eu e mais duas pessoas. Um jogo pequeno pra começar. Parecia um lugar meio clandestino, como os fundos de uma lavanderia asiática, não conseguia dizer ao certo se era coreana ou chinesa, mas decerto era asiática. Tinha um cheiro de peixe cru insuportável e o barulho maquinaal não estava ajudando muito.

O negócio tava andando, mas como era minha primeira vez, parecia tudo muito amador. Por mais que o ambiente não fosse o adequado, isso não atrapalhou os meus instintos de ganhar. Fiquei observando, aos poucos fui entendendo as regras e entrando no jogo.

Sem deixar aquele negócio consumir a minha mente, percebi que já passavam das onze.

Será que eu estava indo para um mal caminho? Será que estava prestes a me tornar um ludomaníaco? Não pensei duas vezes. Continuei a apostar. Dessa vez, queria algo maior. Mais desafiador. Sit&Go. O vencedor ganhava uma nota. Parecia algo mais rebuscado. E realmente era. Uma sala fechada, tinha apenas um feixe de luz que mirava a mesa, vindo de uma janelinha de uma das paredes com espuma. O ambiente esfumaçado de presas famintas deixou a situação mais séria. Em volta da mesa rodeada de espectadores, os mesmos dois jogadores da outra partida espectavam a cena. Um rapaz alto e magro entrou na sala. Era o encarregado das cartas. Com uma entrada triunfante, colocou dois bolos de cartas em cima da mesa, embaladas e plastificadas.

Atenciosamente, o rapaz alto e magro anunciou: o jogo começou.

Depois de algumas rodadas, meu montante já não era mais o mesmo. Mas conseguia cobrir uma última taça de Martini e pagar o pingo seguinte.

Uma faísca circulava a mesa. As bocas entreabertas olhavam a situação. O rapaz alto e magro, com umas piscadas, tentava entender o que acabara de acontecer. Com uma expressão mórbida, o sujeito encapuzado, parecendo ter tomado controle da situação, se retirou da sala, derrubando a última gota.

Fui dormir.

Já pensou...

Tomás Ribeiro

Chu chum, chu chum. PiiiiiI txa...
As portas se abriram, um pessoal entrou e outro saiu, o ônibus seguiu. Já era tarde, mas o meu ponto ainda estava longe.

Talvez eu estivesse muito cansado, talvez achasse que estivesse muito cansado. De verdade, eu não sei por que, mas na hora era difícil identificar o que estava pensando.

Eram uns devaneios bem estranhos.

Olha aquele cara de barba, que barba legal.

Nossa, eu ainda tenho que fazer aquele texto de redação.

O que será quem tem pra comer hoje?

Até que uma hora eu pensei.

Deveria fazer alguma coisa da minha vida, criar um objetivo ambicioso. Tipo naquelas aventuras de RPG de mesa que você joga com seus amigos nerds em um final de semana ensolarado.

Um dragão aterroriza o reino e o rei oferece uma enorme recompensa aos bravos heróis que derrotem a fera.

Nosso herói começa sua aventura em uma taverna com cheiro questionável e aparência repugnante. Você, um mago tosco com uma cortina velha no lugar de túnica, decide que seus tempos de vagabundagem acabaram. Finalmente, você vai se aventurar nas terras desconhecidas deste reino, se tornar o herói a derrotar o temível dragão.

Na parede da taverna, em um mural cheio de propagandas enganosas para armas falsificadas na China e anúncios de poções prometendo aumentar o pênis, você procura pela sua primeira aventura. Entre os orcs gigantescos, assassinos amedrontadores e líderes de gangues de crime organizado, você identifica um cartaz oferecendo cinco moedas de bronze a quem estiver disposto a livrar a estrada do sul de um pequeno grupo de goblins que vêm roubando viajantes desprotegidos. É sua primeira jornada e a vitória era certa.

Você está pronto! Atravessa a cidade e sai pelos portões atrás de sua recompensa, o caminho pode ser longo, mas você está certo de seu objetivo. Pode jogar o D20 para encontrar os goblins.

– Deu 3...

Depois de horas caminhando, você mal sabe onde está. Não viu sequer um viajante que pudesse lhe apontar a direção certa. O sol já está quase se pondo, mas antes que você possa considerar desistir, sente um impacto na parte de trás da cabeça. São eles! Três goblins verdes e baixinhos se aproximam. Um deles com um arco, outro com uma espada enferrujada e o terceiro segura um saco de pedras.

–Aha! Eu puxo o meu cajado e atiro uma bola de fogo contra eles!

Na verdade, não. Foram eles que me encontraram, então a primeira jogada é deles. Eles tiraram 11, 7 e 8. O goblin com a espada avança em sua direção e desfere um golpe contra seu braço. Sua vida cai de 45 para 40. O outro atira uma pedra, mas erra, e finalmente, o terceiro acerta

uma flecha que pega de raspão em seu rosto. Sua vida cai para 42.

– Agora sim! Eu atiro uma bola de fogo contra o goblin da espada!

A batalha prossegue por várias horas...

O sol nasce quando finalmente o último goblin morre. Não sei como, mas você sobrevive. Você deve ser um dos piores jogadores que esse jogo já viu.

– Mas eu ganhei! Então tá valendo.

Capítulo IV
Ruptura(s)

E por fim, nunca se acaba

Amanda Louro Sanchez

Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento. De repente, ouvem-se articulações sendo quebradas. A moça não quer olhar pro chão, não quer admitir que matou uma vida. Seus pés estavam ensanguentados de seiva. Você já ouviu falar dela? É a moça que não termina suas histórias.

O ambiente era hostil. Ela se sentia insegura, os fios do seu cabelo pareciam conduzi-la para fora. Bate cartão, passa a catraca. Elevador. Advinha quem está lá: o advogado. Os advogados lhe pareciam todos mal resolvidos, prestes a fazer alguma besteira muito grande. Seu suor congelava, ela já não sentia os dedos do pé, seu rosto estava mais pálido do que o normal. Os dois entram na sala. A moça faz cara de séria, não quer demonstrar submissão. A discussão começa, e a fervura lhe ferve

a cabeça. Seus movimentos bruscos a apavoram, ele parece estressado e, como já disse, advogados têm cara de quem vai fazer uma besteira muito grande.

A raiva consome os olhos de ambos, um ringue de batalha se instaura. “Eu estou com medo, quero ir embora daqui”. Calma, moça, ele é só um advogado. Mas ela me diz: “Eles nunca são só advogados”. Ok, eu acredito em você. A gritaria corre solta, a moça se levanta. Pernas bambas, a moça se senta. O senhor advogado finalmente perde a paciência por completo. Coloca a mão na cintura como quem guarda algum segredo. Aponta para ela e, sem pensar duas vezes, a moça fecha os olhos e contrai todo seu corpo. O advogado lhe estende uma caneta, e diz: “Chega de discussão. você vai assinar ou não?”. A vida dela se baseia em coisas que quase aconteceram, mas não aconteceram.

Ela é uma entusiasta da vida, além disso. Se apaixona a cada canto e se quebra de feitiço em encanto. Pela primeira vez, alguém a olha. Seus pulmões se aquecem, tem um rato em seu estômago. Que delícia, ela adora sentir isso. Ok, moça, acalme-se, ele não é o amor da sua vida. “Será que não? Precisamos conversar”. Vai lá então, querida. Ela foi. Considerem que se passaram algumas semanas, e, por incrível que pareça, ele não se cansou das suas piadas infames, nem do seu papo furado. O esperado é que se casem. Surpreendentemente, ele também gostava dela.

É uma maneira estranha que eles têm de se relacionar, mas todo mundo tem apreço pelo casal. O comodismo conjugal parece nunca chegar

para eles, são pessoas efervescentes a todos os segundos. Moça, será que você pode me contar o seu segredo? “Sinceramente? Acho que nós vivemos da arte do desespero. O que ninguém sabe, e ele sabe mais do que ninguém, é que daqui a pouco vou embora. É. Eu não me imagino amando tanto alguém como eu o amo, não mesmo, mas não tenho outras opções”. Ok, moça, agora que meus olhos estão encharcados, podemos continuar. Eu gosto de brincar com o tempo, mas em palavras, a ampulheta não se ouve.

Vinte e sete de outubro, cinco e quarenta e três da manhã. Seu voo é daqui dezessete longos minutos, mas não é só isso que lhe aflige. Calma, moça! Suas pernas chacoalham mais rápido que um avião, eu já entendi o que ela quer. Não consegui deixar para trás seu primeiro grande amor. E agora? Ela obviamente espera que ele apareça com flores e a peça para ficar. Faltam só seis minutos agora, eu aconselharia você a comer algo. Mas não pão de queijo, todo mundo tem fissura por esse salgado. Coma um belo bauru de aeroporto. É o último minuto para ele chegar. Cada fração de sessenta gera um pingo diferente. Sai da frente! A moça quer passar. Deu de esperar, você vai perder o voo, carinho. Acho que ela sinceramente não se importa. “Última chamada. Voo 5570 com destino a...” “Eu vejo alguém chegando, você também vê? É ele?!”. Não, não é. Mais uma vez, com seu tempo contado, nada aconteceu. Isso

já está se tornando aflitivo, querida, mas acho que você está fadada a ser uma péssima contadora de histórias.

O próximo episódio foi: vazamento. Estava passando por uma rua estreita. Via seis carros estacionados ao lado da calçada, e, por esse horário, a construção já tinha parado. Ela sempre andava por lá no caminho de casa. “E essa construção que já foi e veio, não tem fim?”. Não sei, moça, mas já está aí faz 6 anos. Ela passa, então, por uma porta fina de metal que se encontra entreaberta, e sai num estacionamento a céu aberto. Aparentemente, o prédio é um muro de fachada, oco. Lá era frio, tinha uma enorme coleção de maquinário, e via-se entulho por todo lado. Não sei se foi uma boa ideia entrar aí, mas prossigamos. Ouve-se um barulho estrondoso, as máquinas começam a se mover. Moça, cuidado, está chovendo tijolo! Ela começa a correr. Na sua frente estão crescendo pedras pontiagudas, e os canos das paredes se manifestam. “Meu tênis!”. Foi a primeira vez que sentiu seus pés em tempos. Enquanto as paredes jorravam água, ela ia pisando em cacos de vidro. “Já tem mais de um metro de água aqui!”. É um estacionamento cercado por paredes de setenta e três metros, ninguém te ouve moça. Seus pulmões esfriam, tem um rato em seu estômago. Ela odeia sentir isso. Sinto desistência, lá vem um suspiro final. Foi o grito mais calado que já ouvi. “Por favor!”. Acorde moça, está na hora de ir trabalhar. Ninguém se sustenta somente de histórias sem fim.



Sobre uma decepção

Fernanda Lazaretti

Comecei a viagem sem nenhuma mala. Não havia necessidade de ter uma até então. Talvez já tivesse tido, em um passado que eu desconheço, mas até onde sei, recebi uma algum tempo depois. Não larguei mais dela. Nem ela de mim.

Os passeios foram acontecendo, as viagens foram passando e os caminhos que a vida apontava foram sendo seguidos com a mala. Guardava nela tudo aquilo que mais tinha valor para mim. Objetos que me remetiam às melhores memórias, as ferramentas úteis para o dia a dia, que fui adquirindo e cuja utilidade fui entendendo conforme fui precisando delas. E assim o tempo fluía. A vida fluía. E a mochila aumentava de volume.

Por vezes, as ferramentas que eu havia guardado não eram eficientes para os consertos que eu precisava fazer. Ou então, eu não conseguia

achar a ferramenta certa para determinado tipo de reparo, o que me levou a fazer alguns remendos, alguns improvisos... E mesmo assim, guardei os apetrechos utilizados na mochila: por mais imperfeitos que fossem, sabia que um dia poderia ter de usá-los novamente.

Algumas ferramentas me levaram a aprender que de vez enquanto seria importante guardar também os empecilhos que me levaram ao seu uso. De início, era muito difícil conviver com esses embrulhos em minhas costas. Eles pesavam demais. Entretanto, conforme a maturidade foi chegando em minha vida, fui reparando cada vez mais a importância deles. Percebi que eles também formavam a minha mochila, faziam parte de seu volume, a completavam. Deixei de colocar tanto peso nesses objetos, e eles passaram, inclusive, a me ajudar a caminhar, dando um certo impulso em diversas subidas pelos caminhos.

Um dia, acordei de um sonho que parecia ter durado minha vida toda. Me vi em meio a uma intensa desilusão. O sentimento era insuportável. Não sabia como prosseguir. Abri minha mochila desesperadamente, praticamente rasgando-a. As ferramentas não só eram ineficientes como destruidoras. Por meses, assisti-as quebrando um a um cada delicado souvenir que eu havia guardado em minha mochila com carinho.

Durante muito tempo, vivi à procura de ferramentas que me ajudassem a reparar os danos causados por aquele tão irreal sonho que havia se perpetuado durante toda minha vida e sido destruído em minha frente.

Tentei fixar os cacos dos objetos que eu havia conseguido durante as

viagens do ilusório sonho que eu havia vivido. Era impossível. As peças não se encaixavam, nunca mais consegui fazer com que elas tivessem as mesmas formas de antes. Afinal, elas eram irrealis.

Demorou um tempo até que as ferramentas deixassem de destruir muitos dos objetos que faziam parte de minhas recordações. Levou ainda

mais tempo para que eu voltasse a usá-las a meu favor, mas fui reaprendendo a remanejá-las.

Hoje, percebo que algumas das coisas mais importantes que tenho guardadas em minha mala são os objetos que guardei no dia em que despertei do sonho. Tanto os embrulhos e as pedras quanto as novas ferramentas adquiridas.



Cordão primordial

Fernanda Tito

Quando me vi, estava sem chão. Toda aquela estrutura que eu havia construído desabou sobre mim. Escuridão e solidão eram o que falava mais alto. Minha primeira reação foi me agarrar bem forte àquilo que me sustentava, um cordão bem grosso e longo, preso no teto. Entretanto, daquela vez não foi possível, já que ele estava cortado ao meio.

Eu obtive a resposta nesse momento, meus pais... aquela corda que, para mim, sempre fora o maior apoio, me deixara desamparada. Eu soube que a estrutura na qual eu sempre me baseara iria mudar, e essa mudança seria drástica.

Porém, uma surpresa aconteceu. Aquela corda presa em meu teto voltou a ser uma só. Minha vida voltou ao normal, entretanto, havia alguma coisa que eu não tinha percebido. Em mais uma noite na minha casa,

ouvi um choro, um choro de desespero e desamparo, um choro que era a expressão da mais sincera tristeza. Com o intuito de ajudar, fui em busca de onde ele vinha. Era minha mãe. O sentimento que me dominava é inexplicável, nunca tinha me depaorado com uma cena parecida. Meu instinto foi sair correndo para o meu quarto e fingir que eu não havia visto nada. A preocupação me engolia. Novamente, fui em busca do meu apoio, me pendurei na corda e algo que nunca havia acontecido, aconteceu. Ela se rompeu no momento em que eu me pendurei. Foi aí que eu percebi: ela não estava como antes, estava mais frágil.

Passsei a noite em claro observando o meu cordão, esperando que ele voltasse a ser um só. Isso não aconteceu. No dia seguinte, recebi a notícia: meu pai tinha ido morar com a minha avó. Para mim, foi um momento de solidão e fraqueza. Não tinha a quem recorrer. Esse cordão, que era primordial e umbilical, estava rompido. Não tinha vontade de fazer nada, e mais do que isso, não sabia fazer mais nada, já que a estrutura que eu sempre seguira havia mudado.

Em meio a muitos capítulos, tive mais uma esperança. Ao acordar em um dia qualquer, vi que meu cordão havia voltado ao normal, ele voltou a ser só um. Saí correndo do meu quarto e ao chegar na sala, vi meu pai. Tudo voltou a sorrir para mim.

Porém, alguns dias depois, o cordão voltou a ser dois novamente. E assim foi se repetindo. Ele voltava a ser um e depois se rompia. A cada vez que se juntava, ele estava mais frágil.

Um ano passou e esse processo continuava. Parecia que nunca iria acabar e se estabilizar. Naquele mo-

mento, eu estava sozinha. Toda vez que agarrava aquele cordão umbilical, ele se destruí. Desespero me definia. Não sabia o que fazer, não tinha respostas, não achava saída. Estava em um complicado labirinto. Demorei tempos para descobrir o que me salvaria. E mais tempo ainda para aceitar essa solução. Tudo estava diferente, aquela estrutura que eu sempre seguira não era a mesma, ela estava frágil, tão frágil que não pôde se segurar. Ela desabou inteira, não tinha mais volta. Era isso.

Passei dias chorando em meu quarto, sozinha. Aquele cordão despedaçado no meu teto me desesperava cada vez mais. Não conseguia lidar com aquela imagem e com o fato de que, no momento em que eu mais precisava, ele não iria me ajudar, porque além do mais ele estava destruído.

Um dia, ao chegar em casa, me deparei com uma caixa no chão do meu quarto. Com curiosidade, a abri. Era uma caixa de costura. Não entendi nada. Horas se passaram e eu ainda estava sentada, olhando e explorando a caixa. Não achei nenhum propósito naquilo. Não havia o que fazer com uma linha e uma agulha. Fui dormir.

No dia seguinte, ao acordar, a primeira coisa que eu vi foi essa maldita caixa. Resolvi abri-la novamente. Não vi nada além do que eu já tinha visto, por isso a fechei. Saí para a sala e vi que não havia ninguém lá. Achei estranho, já era tarde. Voltei para o meu quarto. Minutos depois, minha mãe entrou no quarto e me pediu uma agulha. Não entendi o motivo, mas mesmo assim, dei. Novamente, aquela curiosidade de entender a caixa veio me atazanar. Peguei a caixa de novo e a abri. Nesse momento, percebi e tive que aceitar o que já sabia que me salvaria, por mais difícil que fosse.

Passei dias e dias costurando aquele cordão. A cada dia que passava, eu me sentia melhor, me sentia mudada. Foi um trabalho muito cansativo, teve várias fases. Mas quando chegou ao fim, vi que valeu a pena. Achei a saída do labirinto. E olha só como, sozinha. Aquele cordão, reconstruído, virou o meu maior orgulho. Muito mais que isso, agora eu realmente podia chamar de meu apoio. No final, aquela caixa não era tão maldita assim.

Aquela estrutura, que no começo, havia se destruído, agora era outra. Se ela iria durar ou não eu não poderia saber. A única certeza que eu tinha era que eu havia mudado, e muito.

A Gota D'Água

Manuela Mazzucchelli

Eu sabia, tinha certeza absoluta. Mas ao mesmo tempo, não fazia a menor ideia. Queria acreditar que estava longe, mas sabia muito bem que estava prestes a chegar o dia em que o copo transbordaria. Ora, se a cada dia pinga um pouco de água em um copo, logicamente, ele chegará a seu limite e transbordará. E transbordou. Por muito pouco, ele não chegou a derramar água no chão; foi uma questão de segundos em que foi possível pegar o copo antes que a água manchasse a madeira.

Foi como se eu tivesse ido a uma montanha russa, levado um chute no estômago, tomado um susto e ligado todos os pontos, tudo ao mesmo tempo. Mas eu sabia. Só nunca tive peito suficiente para admitir que isso iria de fato acontecer. Se a madeira tivesse se manchado, a mesa estaria danificada de forma

irreversível. Não só a mesa, mas as outras que a cercavam; o olhar de quem entrasse no quarto inconscientemente iria em direção à mesa manchada. É inevitável. É inevitável não prestar atenção no imperfeito, ele se destaca. Seria sempre um quarto com uma mesa manchada. Foi por pouco. Mas eu sabia. Todos sabiam que as gotas daquele filtro caíam mais rápido no copo.

Apesar da madeira não ter se manchado, não poderia ignorar o fato de que o copo transbordou, e se o filtro não fosse consertado, ele voltaria a transbordar a qualquer momento. É muito mais difícil do que parece fazer a manutenção de um filtro; é preciso desmontá-lo para identificar qual peça está com defeito ou chamar um especialista. Às vezes, o problema é tão grande que toda semana uma peça volta a falhar, e o conserto vira rotina. Muitas vezes é a mesma peça, e isso que é o mais frustrante.

Fico pensando o que leva o filtro a ficar com uma falha; se é de sua essência, se isso foi adquirido, se todos vão desenvolver uma falha ao longo de seu funcionamento ou se é uma questão específica de certos filtros. Nunca cheguei a uma conclusão; e acho que nunca vou chegar.

A forma como as gotas daquele filtro rapidamente caem sobre o copo me desperta um incômodo inexplicável. Não só porque todo dia eu sinto a água respingar na minha pele, mas principalmente pela minha impotência diante disso. Me sinto imóvel e ingênua, e ao mesmo tempo, sei exatamente o que fazer e tenho total consciência da circunstância em que o copo se encontra. É tudo muito paradoxal, muito caótico e sem estrutura concreta.

Às vezes, deixo de agir para garantir que as gotas do meu filtro sigam pingando regularmente e, assim, a madeira da minha mesa não se manche. Talvez seja egoísta da minha parte, e eu reconheço. Qualquer um que visse essa situação de fora certamente me chamaria de individualista e diria que eu só me importo com meu próprio filtro e com a minha própria madeira. E é lógico que não é verdade, eu me mobilizo para promover mudanças, mas antes de qualquer outro copo, tenho o meu para me preocupar, e ele seguirá sendo minha prioridade.

Aqueles que não se colocam em primeiro plano têm um sério problema na sua relação consigo mesmos. Esses observadores externos não têm propriedade para opinar e não podem se dar ao luxo de tirar conclusões de uma sala em que eles não vivem, sendo informados da situação a partir de recortes. E recortes não são nada mais que frações, pedaços e fragmentos. Não são o inteiro, estão longe de ser.

Não sei até quando a deficiência naquele filtro vai permanecer, mas acredito que aprendi e ainda estou aprendendo a lidar com a rapidez da queda daquelas gotas. É muito utópico pensar que todas as salas possuam filtros em perfeito estado de funcionamento. É como pensar que todas as frutas que você compra estarão maduras e que nenhuma estará amassada ou estragada. Estamos imersos no pensamento ilusório de que precisamos atingir a perfeição e de que tudo deve sempre estar colocado em seu devido lugar. Mais do que empecilhos para todos os copos, esses entraves são parte de um todo que não é homogêneo, e é impossível ser. Desde que as madeiras permaneçam sem manchas, tais lapsos estão “dentro do pacote”. Precisamos com urgência aprender a lidar de maneira saudável com as irregularidades. O conjunto geral de filtros é heterogêneo e irregular, e está tudo bem.

O céu chora

Luana Nicolini

Desde sempre, que eu me lembro, todos os dias era a mesma coisa. O raio e o trovão se desentendo mais uma vez. O primeiro machucava, queimava, o outro apenas gritava e fazia um barulho ensurdecedor. Eles não podiam deixar um ao outro porque juntos construíam uma tempestade. O céu se encontrava no meio dessa combinação que claramente não tinha dado certo.

Ele seguia sua vida azul. Nada mudava.

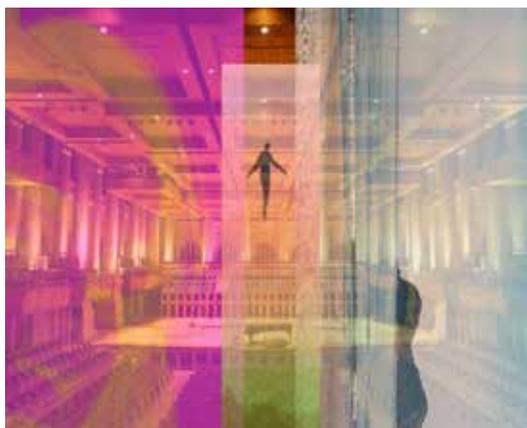
O gigante não se importava com essa briga de egos, porque, pelo menos, tinha os dois como porto seguro quando escurecia, pertinho dele. Mas a guerra dentro do planeta aumen-

tava, afetando tudo ao seu redor, deixando marcas e buracos por onde passava. Tudo continuava existindo, porém, sem cor e sem vida, graças à junção do raio e do trovão, que insistiam nessa realidade infeliz.

O raio avisou de diferentes formas que o pior podia acontecer. Mas o céu fechava os olhos.

Um dia, o raio cansou de brigar e deixou o trovão gritando sozinho, distanciou-se. O céu foi ficando nublado. Caiu uma garoa fina e rala. O raio então se foi, mudou-se para perto dali, mas nunca mais fez companhia para o céu em noites frias.

Chove até hoje.



Perfeição da orquestra

Maria Fernanda Saraiva

A gente cresce achando que orquestras são sempre algo que dá certo, que independente de qualquer coisa, a apresentação final é sempre impecável. Entretanto, vamos percebendo que essa perfeição é inatingível.

Nasci e comecei a fazer parte de uma dessas tão faladas orquestras. Ela era composta por dois maestros. Tudo era muito lindo, harmonioso e equilibrado. Todos afinados e em sintonia. Parece que criança vive em um mundo encantado, né? Foi assim por muitos anos, algumas vezes desafiava, passava um tempo com problemas e demorava para corrigi-los, mas todos buscavam melhorar, percebendo que cada um influencia e é influenciado pelo outro.

Em um dia normal, como em todos os outros, os maestros vieram com a notícia de que iriam se sepa-

rar em virtude da comunicação não estar dando certo, mas o grupo se manteria, apenas de uma forma diferente, e se todos trabalhassem, iria ficar tudo bem. E realmente foi assim por muitos anos.

Férias eram um momento para todos descansarem e aproveitarem um tempo longe dos outros. Mergulha, toma sol, traga e come. Tudo era incrível, todos despreocupados com decorar as músicas e saber a melodia. Mergulha, toma sol, traga e come. Os dias iam passando e cada vez mais eu ia me esquecendo como era aquela vida na orquestra, me sentia novamente uma criança no mundo encantado.

Mais 15 dias na praia, então sem nenhum compromisso com o grupo, me mantive no mundo encantado e parecia que quanto mais eu o explorava, melhor ficava. Durante esse período, pode-se dizer que vivi em uma outra orquestra. Foi muito interessante observá-la sem fazer efetivamente parte dela, vamos percebendo como cada um tem um jeito de aprender a melodia e lidar com a dificuldade do outro de acertar o tempo. Mergulha, toma sol, traga e come. Constantemente, me pegava pensando como eu funcionava na orquestra da qual eu fazia parte; difícil dizer, afinal, não estamos prestando atenção em nossas ações constantemente, principalmente quando somos tão próximos das pessoas. Mergulha, toma sol, traga e come.

Hora de voltar para a realidade, deixar o mundo encantado, aprender as partituras atrasadas e entrar em sintonia novamente. Vejo como um processo de adaptação, não é tão simples entrar no ritmo, principalmente quando você era a única ausente. Sabe

aquela sensação de que todos sabem de tudo menos você? Pois bem, era assim que me encontrava.

Senta aqui, precisamos conversar. Algo pulsava muito intensamente dentro de mim, pareciam as trompas, todas excessivamente desafinadas. Lembra daquela ideia de que mesmos separados a orquestra no final sempre dava um jeito de chegar à perfeição? Não funciona muito bem

quando um dos maestros quer culpar alguém pelo que está dando errado, quando na verdade todos influenciam e são influenciados. Aquele mundo encantado que eu estava vivendo uns dias antes se tornou a floresta mais escura e assustadora que eu podia imaginar. Seguiam dizendo que é só continuar andando reto que uma hora eu sairia de lá; pois bem, até agora não saí.

Homem Aranha

João Magalhães

Este não foi o dia mais importante da minha vida, nem o mais interessante, mas foi certamente um dos mais memoráveis. Eu era mais novo, devia ter uns 11 anos, moleque alegre, serelepe e inocentão. Saí com meu pai pra comprar um jogo de Wii, o do homem aranha, eu lembro que eu estava bem ansioso. Cheguei em casa louco pra jogar, afinal, não era todo dia que saía um jogo do homem aranha. Só não me acabei em frente à televisão porque algo meu pareceu estranho em casa, alguma coisa entre meus pais. Eu tentei deixar pra lá, foquei no homem “aranho”.

Eu joguei a primeira fase, era muito divertido. O homem aranha pulava, dava mortal, se pendurava e fazia outras fitas de que eu nunca seria capaz. O cara era foda. Eu me inspirava nele, ainda me inspiro; quando eu crescer, eu vou ser igual a ele, tirando a parte

do mortal, fazer essa é osso. Logo na primeira fase, dava pra perceber que o maluco era realmente o máximo, ele enfrentava uns vilões de duas vezes seu tamanho, não tinha medo de nada.

De repente, minha atenção fugiu do jogo, deu pra ouvir uma briga lá em casa. Eu logo pensei: “Que merda que o Pedrão fez?”. Meu irmão nunca foi bagunceiro, não me pergunte por que essa foi minha primeira suspeita. Eu lembrei que a parada tava estranha lá em casa, a parada entre meus pais, mas foda-se, isso não era problema meu, meu problema era com o “Lagarto”, primeiro chefe do jogo. Eu quebrei o lagarto.

Eu cheguei na quinta fase, eu estava me sentindo inspirado, mas aí foi meio estranho. O homem aranha mudou, o “Escorpião” tinha injetado alguma fita nele (eu sinceramente não lembro o nome do veneno do escorpião, desculpe) e ele estava viajando numa brisas assustadoras. O cara foda estava com medo. Eu fiquei com medo. De novo, ouvi uns berros de dentro de casa. “PQP, o Pedrão deve ter posto fogo na casa, nunca vi meus pais putos desse jeito!”. O Pedrão não tinha posto fogo na casa. Meus pais estavam discutindo um com o outro. O jogo ainda estava rolando na tevê, o homem aranha estava alucinando com o dia que o tio Ben morreu (essa é manjada, vai!? Eu não preciso explicar, né?). Aquilo estava estranho, eu realmente me senti incomodado, na tela havia cores piscando em um padrão psicodélico, eu ainda não ouvia Pink Floyd, não tinha como gostar daquilo. Comecei a imaginar como seria, imagine ter um trauma que te assombra nas suas alucinações? Deve ser uma mxxxa. Pausei o jogo fui ver qual é que era com meus pais.

Fui andando para o quarto pensando em mil teorias, será que eu iria ter um irmão mais novo!? Não, não acho que isso seria motivo de briga... Será que minha mãe tinha sido demitida? Não, meu pai iria estar lá pra apoiá-la, não para brigar. Será que eles iriam me comprar aquela nova roupa do homem aranha? Aquela que solta teia e “pá”?! Não, a minha imaginação não estava preparada pra receber a notícia, em nenhum dos meus infinitos devaneios eu cogitei que aquele seria o meu trauma.

O meu irmão foi ver o que estava acontecendo, me pediu pra esperar na porta. Ele não demorou muito pra sair, mas quando ele saiu, já não era o mesmo. Ele saiu alterado, enfurecido, com uma garrafa na mão. Tomando

um gole atrás do outro (“Tanqueray” era o que estava escrito no rótulo). Meu pai saiu puto atrás dele, minha mãe também e ela não estava chorando pouco não. Tudo ficou preto.

Eu acordei em 2018 ,largado no salão de festas do prédio do meu amigo. Que pxxxx foi essa? Eu espero que aquilo tenha sido um sonho, essa incerteza era perigosa. Voltei pra casa zoadado, fedendo a todo cheiro que minha mãe não poderia sentir e talvez um pouco mais. Seis horas da manhã, ela estava dormindo. “Deus é top”, seria o que eu diria se fosse cristão, ou o Neymar, mas como eu não sou, não disse nada. Sentei no sofá, desliguei o PlayStation 4. O novo jogo do homem aranha era mais louco do que eu pensava. Foi uma noite e tanto.

Aos meus amigos que passam por isso

Luana Tito Nastas

Era tarde quando entrei no quarto deles e vi uma mala gigante com várias roupas dentro.

– AEEEE!! Viagem de última hora – pensei.

Então. Entrei na pior hora possível.

– Filha, seu pai está indo passar um tempo na casa do pai dele. – Nesse momento, sem querer entender, eu entendi. Aquela “fase” que eu achava que era algo temporário, aparentemente, tomou um caminho que eu não esperava... Por alguns minutos, não conseguia compreender muito mais, algo como uma psicose branca, o desligamento de um componente energético de um objeto, talvez do meu próprio corpo. Me senti tendo de confrontar um vazio que me constituiu, algo muito grande, lá se ia uma das minhas fontes de segurança, meu pai, ou melhor, mi-

nha família, tudo se desestruturou, aquele conforto da família junta, essa coisa bem família tradicional brasileira, risos...

“Meus pais já são adultos, bem maduros, vão se resolver”, sim, eu pensava assim, ainda achava que eles eram perfeitos e nada abalaria a relação, mas não é bem assim e quando me vi diante dessa situação, foi difícil de lidar. No começo, eu não queria aceitar, uma fase de negação, eu me senti no meio de uma linha de fogo, um elemento de disputa, uma espia de ambos, negociações começaram a ser feitas, o negócio foi complicado, todos diziam que era uma fase e que seria melhor para todo mundo, o que no fundo não deixa de ser verdade, mas não queria ouvir esse tipo de coisa, naquele momento eu só conseguia sentir uma tensão muito forte presente em todos nós da família e ao mesmo tempo um sentimento de abandono, porque de certa forma é um luto por um projeto de vida, nós quatro, meus pais e minha irmã, por anseios e expectativas atuais conscientes e inconscientes, mas não tinha o que fazer, aceitar e viver em um clima de “paz” seria mais fácil do que levar esse acontecimento como um trauma ou algo do tipo.

E, com o tempo, tudo realmente foi se alinhando, certamente até hoje em dia ainda me pego pensando nas lembranças da família junta e sinto uma saudade aberta no peito, mas todo esse processo, como todos diziam, foi melhor para nós, só depois da separação eu realmente consegui perceber como eles precisavam disso. E, para a minha surpresa, com o tempo percebi que minha relação com

cada um só se fortificou, inclusive com a minha irmã, até porque eu não queria me afastar e perder minha relação nem com a minha mãe e nem com o meu pai, então acabava investindo mais na relação com ambos e isso me deixou mais próxima deles.

E como nunca imaginei que daria isso, eu agradeço por tudo ter acontecido, e principalmente, para mim foi um dos maiores aprendizados que já tive. Com certeza, isso me ensinou muitas coisas, inclusive sobre mim mesma.



Gaiolas de vidro

Manuela Faldini

Lembro que quando eu era menor, gostava muito de observar os pássaros, porém, apenas os que voavam livres no céu, pois, por alguma razão, os que se encontravam presos em gaiolas provocavam em mim um sentimento desesperador, que eu, como criança, nunca fui capaz de nomear corretamente. Refletindo agora sobre o assunto, posso ver que talvez o que me assustasse fosse a minha semelhança com o pássaro encarcerado.

De certa maneira, somos todos prisioneiros de algo: relacionamentos, expectativas, rotinas, doenças, luto; todos temos nossas próprias gaiolas, porém, nossas paredes são mais altas que as dos pássaros, e de vidro, nos proporcionando uma doce ilusão de liberdade, até que você chegue perto demais da borda e descubra que talvez não esteja tão no controle quanto pensa estar.

Era apenas mais um dia comum no nosso ninho, onde nunca nada de estranho ou extraordinário ocorria: mamãe e papai se deram um beijo de bom dia e saíram para buscar comida para mim e meu irmão, que, como sempre, sem muito o que fazer, brincávamos de bicar um ao outro. Até que ele acidentalmente me machucou, por ser mais velho e, portanto, mais forte. Por volta dessa hora, meus pais voltaram e se depararam comigo chorando, novamente, como sempre. Já acostumada com a situação, minha mãe me ofereceu algumas sementes que achou enquanto estava fora. Feliz, peguei as sementes de sua boca e parei de chorar imediatamente. Minha mãe sempre soube como me acalmar.

Semanas se passaram e, com isso, mais um dia rotineiro se seguiu: mamãe e papai saíram para buscar comida, briguei / brinquei com meu irmão, perdi, chorei, mamãe e papai voltaram com a comida, mamãe me consolou e fiquei feliz. Calma. Não faltou alguma coisa? Já sei! Onde foi parar o beijo de bom dia entre a mamãe e o papai? Fiquei incomodada e fui buscar satisfações com a mamãe. Ela sorriu de maneira meio triste, mas eu era criança e não percebi isso. Ela disse que naquele dia acordaram atrasados e se esqueceram do beijo, mas que era para eu não me preocupar que amanhã não se esqueceriam. Fiquei feliz. Tudo estava bem, me assegurei. Decidi fazer um pequeno voo antes do jantar para me acalmar.

No dia seguinte, acordei com o barulho da porta de casa batendo agressivamente. Fiquei assustada, mas o papai sempre disse que eu era uma menina corajosa, então levantei da minha pequena cama de palha e

fui ver o que estava acontecendo. Encontrei a mamãe chorando e não vi o papai em nenhum lugar.

A primeira coisa que pensei foi: “hoje também não vai ter beijo de bom dia”. À noite, o papai voltou. Ouvi ele e a mamãe conversando e fiquei aliviada. Tudo estava bem, me assegurei.

Na manhã seguinte, acordei agitada. Senti como se algo estivesse

errado: minhas asas não conseguiam parar quietas, um hábito terrível que peguei do meu pai. Com um pouco de receio, me preparei para começar o dia. Encontrei minha mãe prestes a sair de casa e fiquei animada: era terça, dia de feira! Mamãe e papai sempre trazem as comidas mais gostosas nas terças! Calma...algo está errado. Mamãe, onde está o papai?

Cavalo-marinho

Lívia Cristina Busato

Hippocampus é um gênero de peixe ósseo, pertencente à família Syngnathidae, de águas marinhas e tropicais, que engloba a espécie conhecida pelo nome comum de Cavalo-Marinho. Os cavalos-marinhos se caracterizam por terem uma cabeça alongada, que lembra a de um cavalo, e por exibirem um mimetismo semelhante ao de um camaleão (nome científico: *Chamaeleonidae*), podendo mudar de cor.

Os cavalos-marinhos vivem e morrem em pares. Assim quando um abandona o outro ou morre, seu parceiro fica a seu lado até que sua própria morte chegue.

Causa de morte: fome; tristeza.

Esses peixes ósseos vivem e morrem em pares. Não necessariamente são parceiros sexuais, mas às vezes mães e filho, pai e filho, irmão e irmã. Gostam de companhia um do outro.

Ao nascerem, se apegam quase de imediato.

Deusivaldo, um Hippocampus, a princípio parecia uma exceção: não se apegou a ninguém da sua primeira ninhada, e também nem tinha como, já que todos os outros cavalos-marinhos já tinham seus pares. Mas Deusivaldo mal teve tempo de se sentir sozinho. Logo veio a segunda ninhada de seus pais e uma peixinha óssea meio atrapalhada esbarrou nele sem querer. Era Mavi, que acabou virando seu par.

Os cavalos-marinhos vivem suas vidas inteiras em pares. Mavi e Deusivaldo passaram a infância brincando de esconde-esconde, pega-pega e Marco Polo por todos os cantos dos recifes de corais do litoral brasileiro, alimentando-se dos mais diferentes camarões e crustáceos, rindo das mais bobas histórias que ouviam das velhas e brincalhonas tartarugas, fugindo dos mais assustadores siris e peixes carnívoros. O momento de que eles mais gostavam era quando escurecia e ambos iam para perto da superfície da praia observar as brilhantes algas que iluminavam a beira da areia. Passavam a noite inteira conversando e imaginando como seria o amanhã.

Os cavalos-marinhos chegam à sua maturidade aos 2 anos. Quando Mavi e Deusivaldo brincavam pelo Atlântico brasileiro, tinham sempre que tomar muito cuidado com as correntes marítimas, já que elas levavam para lugares desconhecidos. Se algum dos dois acabasse sendo pego por uma correnteza, não seria possível encontrar o caminho de casa.

Quando Deusivaldo completou 2 anos, Mavi decidiu achar uma concha de sua espécie favorita para presentear o irmão. Saiu do recife de corais logo

ao clarear, sem que seu par percebesse. Quando achou uma concha peculiar que era de seu gosto, pegou-a e voltou para a companhia de seu tão amado par. Ao chegar ao coral em que guardava suas conchas, Mavi percebeu que seu irmão não se encontrava lá. Preocupada, saiu para procurá-lo. Buscou-o por toda parte, em todos os esconderijos do esconde-esconde, em todos os lugares em que eles mais gostavam de brincar. Falou até com as tartarugas brincalhonas, mas infelizmente nenhuma delas tinha encontrado com Deusivaldo naquela manhã. Mavi começou a perguntar sobre o irmão para os outros cavalos marinhos também, no entanto, nenhum deles tinha visto a rota de seu irmão; todos estavam preocupados demais passando tempo com os seus respectivos pares.

Mavi, peixinha óssea que era tão animada, começou a entristecer. Imaginou que seu irmão a tivesse. Começou a parar de comer e a definhar, não via mais graça nas piadas das tartarugas, não brincava mais com os outros peixinhos, não conseguia fazer outra coisa a não ser pensar no paradeiro de seu irmão. Perguntava-se se ele realmente a tinha abandonado... Eles eram tão felizes juntos, nunca tinham ficado mais de uma história inteira de tartaruga sem se falarem. Ela estava começando a enfraquecer, parecia que nunca mais seria feliz novamente.

Até que um dia, encontrou uma estrela-do-mar. A estrela perce-

bendo que Mavi nadava sozinha, perguntou a ela seu nome; ao receber a resposta, a estrela, incrédula, perguntou se, por um acaso, Mavi conhecia um cavalo-marinho que chamava Deusivaldo. Com a pouca animação que lhe restava, a peixinha disse que sim. De onde você conhece meu irmão? Preciso encontrá-lo!

A estrela-do-mar, percebendo que iria desapontar a peixinha, falou com uma voz delicada. “Minha filha, quando vi seu irmão, ele estava maluco a te procurar, ele pensava que você o havia abandonado. Nós estávamos perto de uma correnteza, na verdade, eu estava tentando fugir da mesma. Seu irmão, ao terminar de falar comigo, virou as crinas para mim e, meio atrapalhado, acabou sendo levado. Desculpe, minha querida, mas eu não acho que você conseguirá encontrar seu irmão novamente. Pelo menos não tão cedo...”

*

A comunidade científica fez uma nova descoberta emocionante sobre a vida marinha. Acreditava-se que o gênero de peixes *Hippocampus*, também conhecidos popularmente como *cavalos-marinhos*, precisavam necessariamente de um par para conseguirem sobreviver. Após muitas pesquisas de campo, isso foi comprovado como não fundamental para a sobrevivência desses peixes ósseos.

Proibido o consumo de bebidas alcoólicas por menores de 18

Luiza Sanchez Pereira

Antigamente, eles eram assim: como água e vodca; se misturados, apenas com o olhar, sua diferença jamais seria identificada. No entanto, se provados, uma queima a sua garganta, já o outro é extremamente suave.

Além deles, existiam dois copos de shot congelados. Estes eram constantemente cheios de água, mas quase nunca tinham contato com sequer uma dose de vodca. Em um ano, aquela marca de bebida parou de ser importada para São Paulo, tornando praticamente impossível o contato entre ela e os pequenos copos de shot.

E assim passaram-se meses, pôde-se até dizer anos, até que em um fatídico dia, os copos caíram no chão, quebrados em vários pedaços, um bem mais que o outro. Aos poucos, a vodca foi sofrendo uma transformação não perceptível, até o dia em que virou óleo.

Agora, era possível perceber apenas pela visão que a água e o óleo não se misturam; os copos de shot tentavam se reconstruir, mas já estavam muito quebrados para isso, faltavam pedaços. De um lado, os copos quebrados e a água, e do outro, a garrafa de óleo.

Espelho Reflexo Retrato

Marina Grinberg

A vida pode ser facilmente resumida no reflexo de um espelho. No começo, é muito difícil de se enxergar alguma coisa, parece que tudo fica muito embaçado e ao mesmo tempo nítido demais. Do nada, um flash branco parece atingir os olhos e o reflexo começa a tomar forma. As primeiras imagens são claras, muito nítidas. Você se vê no espelho, você tem certeza de que aquela boca, aquele olho, aquele nariz, aquele cabelo são seus! É puro, é franco, é óbvio. Durante um tempo, você continua olhando naquele espelho e sorrindo para a imagem que ele reflete, acenando para ela e indo embora. Ininterruptamente, esse evento acontece, tornando-se algo cotidiano. Um dia, um dia qualquer, comum, um dia que você está apenas cumprindo rotina, você passa pelo espelho e não vê nada.

De primeira, é um sentimento desesperador. Você sente um desamparo, você se sente sozinho, como se alguém tivesse arrancado algo que te pertencia. É incompreensível o fato do espelho estar lá e o seu reflexo não, é incompreensível você perder algo que já havia virado rotina, é simplesmente incompreensível!

Daí o espelho se quebra. O espelho se quebra bem na sua frente. Não há mais espelho nenhum, só o pó que restou. Você se lembra que seu reflexo não estava mais no espelho. Uma sensação de alívio toma conta de seu corpo. É estranho, mas reconfortante. Seu reflexo não estava no espelho quando este se quebrou! Por um momento, todo aquele vazio que antes imperava parece ser preenchido e uma sensação boa toma conta de você. É realmente um alívio!

Aquele flash volta a bater nos olhos, e em meio de toda confusão, você vê um espelho, outro espelho. Não se sabe o quê, mas há algo diferente nesse outro espelho. Por curiosidade, você olha para ele, seu reflexo não está lá, mas isso não incomoda mais. Alguma coisa mudou, não se sabe quando, não se sabe como, mas mesmo assim, é a melhor sensação do mundo.

Sala de Espelhos

Tom Ricardo Rabinovitch

Parque de diversões. Que lugar bizarro! Para ser sincero, nunca gostei muito deles; muito cheio de gente; barulho; crianças correndo; choros; gritos; sem falar daquele cheiro terrível de suor nos brinquedos antigos e sujos. De fato, é um cenário horrível.

Eu fui com um grupo de amigos. Não que eu fosse muito próximo deles, mas era melhor ter alguém do que não ter ninguém. Barulho; gente; contato; estranho. Em meio ao caos do parque, acabei sendo atropelado pela horda de pessoas ao meu redor. Meu coração começou a acelerar. Meus (quase) amigos sumiram, enquanto eu fiquei ali parado, imóvel. Quando dei por mim, não havia mais ninguém. O parque parou, o rangido dos brinquedos velhos parou, estranho, sem vida, sem voz, sem dor.

Respirei fundo, tentei me acalmar. Meu coração batendo forte. Sentei-me para passar. O mundo cinza, sem cores, mecânico, irreal. As crianças pararam de rir, o bebê parou de chorar, o vento parou de assobiar. parecia uma fotografia antiga, tudo sério, estático.

Uma nova cor percorreu os céus. Comecei a ouvir um som distante, parecendo um chiado ou um cochicho. A curiosidade, que fazia tempo que não funcionava, moveu meu corpo em direção a esse novo som. Comecei a andar, depois corri, mais, mais, mais. Deparei-me com uma sala.

A sala de espelhos. Está sempre lá, de diferentes jeitos e formas. Respirei fundo. A sala não era grande, mas era forrada completamente por espelhos. O reflexo, o susto. O sentimento de ver a silhueta de alguém que não lhe pertence. Olhar-se nos próprios olhos no espelho e não se reconhecer. A distorção, a inconsistência, o mundo girando, girando, girando, igual a roda viva. O som aumentou, a loucura consumiu. O corpo se moveu, ao som da história. A dança tomou o controle, a consciência se tornou inconsciente. O resultado foi a confusão, como houvesse uma cachoeira de sentimentos. Tudo se misturava, caos.

Ainda assim, o cinza não saía. Parei, olhei para o espelho e me pus a chorar. As lágrimas compunham um grande rio, ou até um oceano de sentimentos. Deitei no chão, fechei os olhos. Pensei no sol, na lua, no rio, no sorriso, na flor. Voltei a ouvir o som, que estava aumentando. Levantei-me, o som vinha de trás de um dos espelhos. O reflexo se fez em grãos de areia, como se tudo estivesse voltado à terra. O espelho

guardava uma caixinha de música. Tocava uma música, não sei identificar, talvez Beatles.

Meu corpo, até então parado, mudou. A voz voltou, como se fosse uma potência contida havia tempos. Finalmente, identifiquei a música. Era “Blackbird”, sem dúvida. A minha voz ganhou força e saiu com tudo. A dor passou, sumiu. A energia voltou, a música ficou mais forte. O cenário mudou, as cores psicodélicas dos anos 70 ganharam poder, coloriram o desenho sem cor. O coração, que batia forte, acalmou-se ao som de dentro. A sala se desfez, a estrutura sumiu, as paredes deixaram de ser rígidas, o mundo voltou. Deparei-me com um enorme mar, sem limites, sem ver o seu final.

A água carrega meu corpo. As ondas atravessam meu corpo, lim-

pando as impurezas da terra. A água transparente brilhou ao encontrar a luz quente do sol. O peso do mundo deixou de existir. Meus ombros leves relaxaram no som da quebra das ondas. A beleza ganhou espaço, tomando conta de meu corpo. A sua beleza se transforma em você, é uma filosofia de vida interessante.

O tempo passou, o sol passou a se pôr no horizonte. A luz quente iluminou meu corpo de corpo. Deitei-me na água, não afundei. O peso havia deixado esse corpo. A lua agora já havia chegado ao seu máximo, as estrelas dominavam o grande céu azul. Senti meu corpo se fundir com o mar. O lugar era perfeito. Fechei os olhos, senti paz. Adormeci, flutuando na água, com um pequeno sorriso.

O mal de cair a primeira ficha

João Pedro Maroni

Ah, lá vamos nós novamente. Manhã ensolarada, sono para caralho. Não, hoje isso não vai me parar, novas histórias estão por serem escritas. Quer dizer, como eu poderia afirmar qualquer coisa sobre um lugar novo? Eis aí minha perdição. Como posso não saber, me afundo mais ainda em medos estereotipados, já que a graça da certeza nunca existiu nestas terras. A caminho de meu julgamento, me vejo sem chão. Só eu, um penhasco e o mais gritante vazio que já deparei.

Pelos portões eu passo. Passos largos executados de pijama quadriculado vermelho e azul, olhos me observam de todos os lados. Porteiro me analisa de cabo a rabo, e sorri. Deve ser a marofa. Será que já acabou? Será que eu já rodei?

– Bem-vindo, prazer, Heimdal.

Cumprimentei-o e segui caminho. “Isso não é mais fundamental”, caiu-me a ficha. Perdi a mão. Por que se preocupariam com meus olhos vermelhos? Estou com os quase formados agora. Ninguém mais vai pegar na sua mão e lhe mostrar o caminho. Mas que caminho, também? Estamos criando todos aqueles lugares que iremos durante nossa caminhada nesse instante. Bom, finalmente. O medo me consome, mas me agrada. Já ouvi certezas demais nessa vida, chegou a hora de fazer as minhas. Sinto até onde cheguei. Sei que não é muito, mas sei que corri bastante para vir até aqui.

Reto, eu miro e prossigo. Vejo de relance companheiros que já me faziam fal... não, não mesmo. Agradeço aos 8 ventos que repeti de ano no 8ºano, aquilo não era vida. Falta não é exatamente o que sinto da atmosfera de filmes adolescentes americanos: os “populares”, que na verdade se limitam aos mesmos 7 amigos puxa-saco, as que se acham tão lindas quanto as obras de Van Gogh e os perdidos que realmente têm algo a acrescentar. Espero que eu não seja o único que tivesse crescido.

Vejo também uma série nova, velha, acabada. Não dou atenção, pois dali já avistava meus compadres e comadres. Hum... gente nova, gente bonita. Me surpreende uma menina deste calão, mas também, nem encuco.

– EAEEEE, D. QUE COMEÇE A PUTARIAAAA!!!! – pulando em cima de mim, com seus braços sobre minha face, não tenho nem chance de identificar o puto, muito menos responder. Sabia que amigo era, pois de dedos amarelados, exalando a fragrância de um cinzeiro de um

carro dos anos 80 em pleno dia de chuva, não havia como não me ser familiar. Empurrando-o para cima e dando um passo pro lado, removo o indigente com êxito. Vejo os cachos voando, trazendo-me uma euforia imediata.

- LUCÃO, SEU MERDAAA, QUE PORRA DE VOZ É ESSA? Chegamos, meu amigo. O prometido Campos Elysios – lhe dou meus saudosos cumprimentos e me junto aos pé-rapados.

Pego-me rindo sozinho, todos de cabelos iguais. A vergonha de parecermos ou uma banda de rock dos anos 70 ou uma boyband péssima, variando sempre conforme o traje do dia... Quer dizer, pode-se dizer que 2 ou 3 sempre parecem metaleiros, mas não tiram o nosso mérito.

Alarme toca.

Nem vi minha sala. Ah, sou do B. Marchamos três andares para cima, entramos na sala para estarmos a postos.

- Soldados, estamos em território desconhecido – murmurei.

Evidente na cara de todos que não estávamos esperando isso.

- Isso é a sala? mas as mesas...

Fomos treinados a vida inteira para chegarmos aqui, disciplinados, firmes e fortes, e nos tiram das fileiras? Algo está errado.

Começa a aula. A mãe de minha colega adentra a sala e afirma que irá nos ensinar matemática. Mas não fala sobre matemática. Nos dá boas vindas e começa a apresentar as regras e o método. Engraçado, porque eu acho que a ouvi dizendo que a gente pode sair a qualquer hora da sala. Não é possível, devo estar viajando. Sabia que aquele tava grande demais para o primeiro dia do colegial.

Isso não me parece escola. Posso conversar com meu colega ao lado, e não tem problema se falar baixo? Não estava mais acompanhando. Fim de aula.

Descendo as escadas com meus companheiros, um lance, 2º andar. Passamos por meus ex-amigos, mais um lance.

- EU NÃO CREIOO, AHH, PAULINHO, MEU BEBEZINHO JÁ TÁ NO COLEGIAL – no meio do terceiro lance somos interceptados pela irmã mais velha de um de nós – já vão pro fumódromo?

Damn, estava gastando tanto tempo pensando merda sobre aqui que até me esqueci que tinha algo bom. Sempre assim. Bom, eis aí a meu treino intensivo para chegar aos 40 no Hospital das Clínicas de mala e cuia, de carona.

Fomos a passos sincronizados para a terra prometida. Chegando aos portões...

-OUOUOU! 1º ano precisa passar na secretaria! – grossa e profunda, a voz de Hemdall ecoa entre nossos corações.

Segunda tentativa, com papelzinho de saída na mão, passo minha passagem e novamente brecados.

- Primeiramente, como vocês chegaram agora, não posso cobrar carteirinha, então NÃO PERCAM ESTE PAPEL. Não usem o passe do amiguinho, se não azeda pra vocês. O proceder é, cigarro aqui na frente, tabaco enrolado ou na palha do outro lado da rua ou no cantinho do estacionamento e depois da esquina já não é mais problema meu – impôs Heimdal com clareza. Definitivamente, estávamos em outro planeta. Bateamos o papel na máquina.

Bip

Com um pé pra fora, aos gritos, somos convocados ao outro lado da rua. Perfeito, já que o pigas eu já tinha largado. Espantados com o 3º nos chamando, cumprimentamos as quatro vezes que haviam nos requisitado. Quatro meninas do último ano. Entre elas, uma conhecida de uma festa. Havia a conhecido em uma festa que a irmã dela deu. Engraçado, difícil lembrar dos fatos dessa noite, considerando que entre eles está meu amigo Peter voando, mas também me lembro da mãe da garota ter brigado com ela por estar dando sanduíche para mim, mas na verdade a má influência nessa questão era eu.

Exatamente este foi o assunto que eu puxei com ela. Estranho, mas acho que ela está me resenhando. Vou só jogar de acordo. Conversa vai, conversa vem, sinal bate.

Bip

Eu não acho que deve ser, ela tá no terceiro.

Marchando até o prédio, entre rodas e conversas, os olhos nos acompanham. A tribuna está aberta. Estamos em julgamento. Vejo-os se destrinchando para atribuir qualquer merda em cima de nossos rostos, para que alivie suas aflições com o desconhecido. Não me incomoda, mas me frustra. Todos tentam atribuir sentido a tudo, mas quebram a cara por duas razões. Ou por fazer por fetiche, ou por fazer por sobrevivência. O problema de fazer para sobreviver é se limitar ao que você já achou. E então desanda, quando não se consegue atribuir nada, falha-se miseravelmente pela superficialidade dos dados do novo, desdobrando-se em preconceitos e falácias. Já para aqueles que fazem por fetiche, creio que o mais profundo e cruel dos saberes é saber que nunca saberá, apesar de alguns

sobreviventes caírem por estes males, não se perdem por aí, já que isso não lhes adianta muito. Em geral, poucos realmente se lembram disso o tempo todo e vivem. Muitos preferem não saber, e imaginar sua vida com que se vê, com o que já se tem. Não saber é tenebroso. A única certeza que temos é a de que estamos aqui. Mas devemos saber que o resto está aberto à interpretação, felizmente.

Canso de me lembrar como somos fúteis e frágeis, já que também não me esqueço que futilidade é tudo o que temos para seguir, e que nossa fragilidade é o que nos leva a crescer. Percebo que já havia parado de andar fazia tempo. Olho ao meu redor em busca de meus amigos e vejo que já estavam subindo o primeiro lance. Me apresso.

Aula atrás de aula, claro, com seus recreios entre si, o período acaba. Me dirijo À porta e sou requisitado.

– D!!! Meu, o que você acha da Ca? – disse Lua, entre muitas intenções e insinuações.

– Ah mano, não sei direito, falei um pouco com ela no 1º recreio, mas ela parecia ser suave. E ela é bemmm gata. – Respondi, realmente não acreditando.

– Meuu, ela te achou MUITO GATO, cê ficaria com ela? – E as cartas foram à mesa.

– Mano, quê? Tipo sei lá, tipo, não vejo ocasião passível dessa questão – jogo assegurado.

– AAAA, cheio de marra, heim? Tá difícil!!! – disse ela, fazendo um sorriso, gritando pelo meu suplício de desejo.

– Quem sabe, mas improvável. Não é por eu não querer.

– HEHEHEH, entendo, safadinho – e saiu aos pulos.

Safadinho? O que que eu te fiz? Não vou nem tentar entender, não vale a pena. Ponho meu fone e saio pedalando. Chego em casa, tem macarrão com funghi, crema. Termino o prato, subo as escadas, viro à esquerda, à direita. Escancaro a porta, joga a mala na cama. Orégano, presunto, pão, e pra janela porque o dia foi longo. Volto para trancar a porta.

Separo a bucha e coloco o orégano para triturar. Com ou sem tabaco? Com. Gira, abre e põe no pão. Coxa, tomba, lambe, fecha e acende. O que foi esse dia? Meu deus, escola não era para ser assim. Sistema escroto que quer graduar cada um de nós, nos tomando a vida sobre suas regras e para quê? Ter um histórico bom e conseguir fazer o vestibular, escolhendo o que faremos a vida inteira, mas para que mesmo? Ganhar dinheiro? Tá, mas e aqueles que não estudam? Continuam às margens. Mas se eu estou querendo chegar “lá”, para crescer mais ainda, mas e os que não tiveram a chance? Mas então quanto mais gente subir, muitos mais teriam que ficar?

Mas a escola não me parecia escola. Estavam todos apenas ligando para seus próprios rabos. Nem o professor mais parecia ter disciplina.

Calma, me vejo neste mundo há tanto tempo, 15 anos, mas percebo que na instituição onde gastei grande parte da minha vida, eu me vi sofrendo por achar, como todos, que escola não é exatamente um quartel. E a vida não é exatamente uma festa em homenagem a ninguém, nem a mim. Percepção é realidade, vozes são outras realidades se manifestando, lhe mostrando que tudo que você sabe não é exatamente tudo. Pode ser tudo se você não quiser crescer, mas e daí, qual é a graça de saber?

Bom, estava dando voltas ao redor de meu umbigo, mas o mundo é minha tela. Difícil chegar a alguma real percepção sobre mim mesmo, principalmente por quando dizemos algo sobre algo estarmos falando mais sobre nós do que sobre o objeto em questão. O mundo pode ficar mudando sob meus olhos infinitamente, mas de que adianta se é só o meu? Escola serve para percebermos o básico do que já foi percebido, para que assim percebamos mais. Se me incomoda, devo mais é prender, aprender até conseguir reensinar. Estamos todos aqui à toa, precisando fazer algo, mas há uma ambivalência sobre se desconfortar, sabemos que fazer exige. Bom, que se foda o mal no desconforto, cansei de ficar parado.

E parado eu fiquei. Os dias passaram. Os meses. Eu acabei ficando com a Ca, mas não transei com ela, porque não vi o porquê. Não namorei com ela, nunca tivemos nada além de beijos, bom, até virem os tapas. Ela acabou se apaixonando, e isso fodeu comigo.

Não soube lidar porque eu gostava de ser importante para alguém, mas não queria mais estar com ela... Meu ego é um filho da puta. O de todos. Acabou que isso me pesou tanto que quando ela se formou eu basicamente sumi para ela. Me sentia um monstro, então percebi que no final das contas eu não fazia nada para mim. Depois do primeiro dia, eu tinha parado como nunca. Só por achar que sabia. Agora, dei a mão a todos os meus demônios, e com eles eu vivo. Hoje já sei que nunca somos os mesmos, porque tudo que acontece muda a gente. Se sempre estamos mudando, não tem porque saber de tudo. Se tudo não é o mesmo, então a dúvida é minha maior dádiva.

Capítulo V

Perda(s) & Ganho(s)



Trem Bala

Bruna Carvalho Luiz

Certa vez, acordei dentro de um trem.
Eu e todas as pessoas que ali estavam só podiam sair uma única vez.
O motorista era quem decidia.

Olhei para um lado e vi um homem e uma mulher.

A mulher me pediu para chamá-la de mãe e o homem, de pai.

Olhei para o outro lado e vi muito mais gente,

meus avós, primos, tios.

A jornada era grade, principalmente para mim, que tinha acabado de chegar ao trem.

Aos poucos, fui me acostumando com toda aquela gente.

De vez em quando, embarcavam pessoas novas,

isso nunca me incomodou,
o trem tinha espaço de sobra.

Mas tinha uma coisa...

O motorista abria e fechava as portas conforme sua vontade.

Do mesmo modo como as pessoas chegavam, elas partiam, e ninguém nunca voltou para nos contar o que há atrás da janela.

O bom é que, no meu trem, isso não acontecia com frequência.

Mas, há um tempo, ocorreu o inesperado.

Notei que as portas se abriram, péssimo sinal, sinal que alguém iria desembarcar, e num instante, notei uma pessoa lá fora.

Desembarque da minha tia, deixou seus pertences dentro do trem.

...

Já era.

...

Passaram-se dois dias, notei que as portas estavam se abrindo novamente,

de novo não, né?

Olhei para fora, avistei meu tio de costas para nós, ele saiu sem se despedir, e também deixou seus pertences, além de deixar saudades.

Por enquanto, está tudo meio conturbado.

A única certeza que temos, é que um dia, vamos todos desembarcar do trem. Hoje já faz dois meses...

E o motorista continuará abrindo e fechando as portas conforme sua vontade.

Lápis de cor

Sofia Rodrigues de Mendonça

Minha família é aquela que todos chamam de perfeita. Super colorida e bem apontada. Nossa casa é um estojo bem grande e confortável. Cada um com o seu quarto. No seu espaço.

Reunião em família todo sábado as dez da manhã, porque estávamos todos bem quentinhos e guardados. Eu, minha irmã, meu pai e mamãe éramos as cores mais frias. Minha madrinha era um rosinha bem clarinho e meu primo um verde cor de marca-texto. Mas quem chamava nossa atenção era o lápis vermelho cor de batom, minha avó, que mesmo calada e brava, chamava a atenção da família inteira.

Os encontros acabavam quando a hora de pintar começava, e o lápis vermelho era o mais usado nas pinturas. Todos os dias sua cor estava estampada em pelo menos alguma

parte do desenho. Depois disso, éramos todos apontados e colocados em nossos quartos. Um do lado do outro, cores frias de um lado, quentes do outro, e o vermelho no meio indicando o começo das cores quentes.

Em alguma noite, na hora de dormir, olhei para o lado e vi a vovó muito mais baixa do que eu.

Novo dia, hora da pintura. Fomos apontados e direto para os quartos.

Sábado chegou. Encontro em família. Todos em volta daquele vermelho cor de cola pritt. Acabou.

Mais um dia de desenhos, o vermelho foi o mais usado. De novo. Mais apontado. Na hora de dar boa noite, vi que ele estava menor que o nosso colega de casa: o borracha.

Podíamos ter contado como foram nossas viagens. Poderia ter ido ao cinema, ver aquele filme de que ela sempre me falava. Poderia ter contado sobre meu primeiro namorado. Poderia ter contado sobre o meu primeiro A em Artes. Poderia ter contado uma história. Mas tudo isso acabou.

Hora da pintura, o estojo foi aberto e um quarto separava as cores frias das quentes. Acabou. O lápis vermelho nunca mais seria usado.

O calçado de couro

Fernanda Veronezi

Era uma vez um Calçado de Couro marrom, cadarços de cordas finas amarronzadas e sola firme, que caracterizava um sapato de boa qualidade. Um dia, ele foi escolhido para sair da vitrine e viver sua vida bela e longa. Seu dono tinha outros sapatos, o que facilitou para o Calçado de Couro ser sociável. Ele conheceu um salto Alto vermelho, os dois no começo de suas vidas, se apaixonaram perdidamente e logo se uniram para passar o resto dos dias juntos.

Meses se passaram e o Calçado de Couro e o Salto Alto logo ganharam um sapatinho rosa, bem pequeno e frágil. Os três viviam bem e felizes. Passaram-se alguns anos e o Calçado de Couro, o Salto Alto e o Sapato Rosa – que tinha deixado de

ser um sapatinho – ganharam mais um par de sapatinhos rosa. Com o decorrer do tempo, eles iam ficando mais velhos. O Calçado de Couro ia ganhando um machucado. A sua sola ia abrindo, cada vez mais rapidamente e enormemente.

Um dia, o Calçado de Couro chegou em casa cansado de andar e parou no sofá. O Salto Alto e os sapatos rosa – agora já crescidos – chegaram perto dele e se sentaram juntos ali. Então, o Calçado, chateado e fraco, disse: “Sapatinhas amadas, o meu machucado é sério, se chama pedra na sola. Vou ter que ir até o sapateiro retirar.” Eles se abraçaram e ficaram sentados no sofá. Algumas semanas depois, o Calçado foi até o Sapateiro remover a pedra que lhe causava tanta dor.

Sô, precisamos conversar

Sofia Belinky

Lembro-me de que, no começo do dia, estava preocupada com os acontecimentos da noite anterior, mas ao final do dia, só conseguia me preocupar com o futuro.

Acordei pensando na festa a que tinha ido, primeira ressaca da minha vida, e a ressaca moral também estava pesando. Tinha beijado pela primeira vez, mas não era isso que me corroía. Durante a festa, descobrira um “segredo”, que todos pareciam saber, menos eu. O “segredo” estava mais para um conflito, que envolvia a minha pessoinha, que bem desavisada, foi saltitando em um terreno minado. Então, obviamente, acordei aos estilhaços.

No decorrer do dia, ficava voltando para o momento exato da explosão. Mas como a bomba já havia sido detonada e destruído tudo ao meu redor, eu não podia fazer nada.

BUM, BUM, BUM, dentro da minha cabeça.

“Sô, precisamos conversar”. Tive uma sensação estranha, ruim. Normalmente, quando minha mãe fala isso, já me preparo para ouvir bons berros, mas daquela vez foi diferente, ela estava nervosa, silenciosa até.

Ela e meu pai me olhavam. Minha mãe começou a falar. Ela sempre foi boa com palavras, mas não importava quão bem estruturadas as frases estavam, ou que cada sílaba fosse perfeitamente articulada, não gostei do que ouvi.

Enquanto o sofá me engolia, tentava parecer “calma”, quando na verdade, me faltava ar. Não parecia real. Passei o resto do dia com essa sensação. Mas continuava aparentando estar “calma”. Mais um segredo que todos pareciam saber, menos eu.

BUM, BUM, BUM, dentro da minha cabeça.

Minha amiga veio em casa, fechei a porta do quarto para ninguém ouvir. Agora era minha vez de estruturar as palavras e articular as sílabas. Achei que não iria conseguir, foram bons e longos segundos de silêncio.

“Meu pai está com câncer”.

O sofá, que até este momento me engolia, tirando meu ar, se tornou uma enchente, tão agressiva que quebrou todas as barreiras. Me toquei, era real, tudo se tornou real.



Genética

Valentina Gregori Yusta

Minha mãe sempre foi um símbolo de força para mim. Sempre a admirei em todos os sentidos, principalmente sua determinação. Na minha cabeça, ela tinha o poder de afastar todo o mal de perto dela. Nunca estive acostumada a lidar com gente doente, muito menos se fosse alguém que eu amasse.

Foi uma facada no estômago, eu não estava entendendo mais nada, não fazia sentido. “Tumor”, “cirurgia”, “maligno”, “processo”, não, não queria saber dessas coisas. Minha mãe continuava igual e lidava com aquilo como se não fosse grande coisa, não a vi chorar. Só minha avó. Ela já passou por isso também, no final das contas, é genética, né?

Família enorme, 5 filhos, 9 netos, 2 bisnetos, mas só 3 mulheres. Minha avó, minha mãe e eu. Dois terços passaram ou estavam passando por

aquilo, “só falta eu “. Me desesperei. Mas não podia, tinha que me preocupar com minha mãe naquele momento, só não sabia como.

Hoje em dia, acredito que parte dessa “indelicadeza” minha era fruto de não querer aceitar que minha mãe estava com câncer. C-Â-N-C-E-R, desculpa, mas como você quer que eu me conforme com isso? Parece coisa de filme. Deveria ter lidado de uma forma diferente. Eu sei que não dei o melhor apoio que poderia. Mas eu estava assustada. Muito.

Eu pensava sobre aquilo todo dia. Falava com a minha psicóloga. Mas minha mãe não sabia disso, o que me fez sentir mais mal ainda. Mas no fundo, ela sabia que eu me preocupava, eu sei.

Minha mãe se recuperou. Mas eu me sinto muito fraca ao lembrar de como lidei com a situação. Como mulher e principalmente FILHA, eu tinha o dever de saber o quão forte é ter que remover a mama.

Se sentir frágil, vulnerável e principalmente, menos mulher. Isso é o pior de tudo.

Hoje em dia, eu tento recompensar a falta que eu fiz. Faço isso mais para mim mesma até, porque sei que minha mãe sabia que eu estava preocupada e só não sabia como lidar com a situação. Mas ainda me deixava enjoada pensar que não estive inteira lá pra ela quando mais precisava. O Câncer é genético, já me conformei com isso, mas espero que esta atitude que tive não seja.



O nada convencional

Sophia Schuppli

O sol iluminava a lateral de uma casa, onde havia uma roseira carregada das mais belas rosas. O interior da construção era revestido de amarelo, de onde pendiam retratos do mundo afora. A cada dia que passava, o ambiente ficava mais gasto, os móveis, as paredes, o assoalho estavam ficando velhos; porém, os quadros na parede continuavam intactos.

A casa tinha de ser modernizada. Um homem barbudo, vestido de branco, com uma pasta, bateu na porta. Um silêncio, ninguém respondeu. A porta foi escancarada. Os quadros gritaram. A casa estremeceu. Os canos do banheiro estouraram, enfiados. A água correu. A casa fi-

cou inundada, mas isso não impediu o arquiteto de curá-la.

A química começou, as antiguidades clamavam para permanecerem, uma guerra constante. Três sessões e três semanas de batalha e o homem foi embora. Levou os canos consigo. Acabaram os vazamentos com os procedimentos.

Saindo da casa, o homem encontrou uma mulher com sorriso no rosto. Ela o cumprimentou e ele seguiu seu caminho. A moça bateu na porta, a porta se abriu. Os quadros se apuraram. A moça regou a roseira, da qual pendiam rosas mortas, repintou as paredes e lustrou o assoalho. Agora, a mexicana se senta na varanda, toma um suco e assiste o sol se pôr.

Fora da pista

Marina Gurman

2011. Ano em que as pessoas começaram a notar minha existência e as manchetes no jornal não paravam de surgir. Meu pai começou a frequentar um lugar mais sombrio e parou de comprar meus doces favoritos na lojinha da esquina que frequentávamos.

Esse lugar era barulhento, deprimente e rodeado por pessoas que lutavam para sobreviver. Choravam com muita frequência, mas algumas tinham sorte e as coisas melhoravam. Isso causava uma certa esperança nele.

“Espero que nos dias felizes meu pai consiga comprar meus doces”.

Sempre gostei muito de doces, principalmente daqueles bem enjoativos cujo sabor é difícil de esquecer. Já fazia tempo que eu não comia um desses.

Os dias foram passando e um mês parecia ser uma eternidade. Até queria me juntar ao meu pai nessa

busca inalcançável pela felicidade, mas ele era corajoso demais e essa situação toda me assustava.

Ele continuava ocupado e minha angústia aumentava cada dia mais. Não podia sair de casa e muito menos assistir televisão, um cativado provisório que meus pais tinham me arranjado. Não tinha mais motivos para brincar com meus brinquedos, nem falar com meus amigos e muito menos ter algum contato com alguém que não fosse meu cachorro. Todos os dias, eu acordava ansiosa para saber se podia voltar para minha rotina normal, mas meu pai parecia estar cada vez mais cansado e esgotado.

No entanto, acordei cedo em pleno final de semana. Já estava de mal humor por ter perdido minha oportunidade de dormir por mais tempo, mas escutei a voz da minha mãe falando ao telefone e achei que aquele era meu dia de sorte. Finalmente, meu pai tinha comprado os tão esperados doces e minha vida poderia voltar ao normal.

E foi aí que eu percebi. Percebi que agora minha família não estava mais completa. A mesma família, dividida entre duas partes que mal se encaixavam. Uma o oposto da outra.

Me questionei se, por um segundo, as coisas poderiam ter sido diferentes. O que aconteceria se o carro não tivesse derrapado? O que aconteceria se tivessem mudado o dia da festa e até quem sabe a ambulância tivesse chegado mais rápido?

Mas nada disso aconteceu. O som alto das perguntas do repórter ecoava na minha cabeça.

“Quantos irmãos você tem? Quantos irmãos você tem?”

Uma pergunta que eu nunca mais iria ter o privilégio de saber responder.

05/01/2016

Gabriel Loures

Era o segundo sábado do ano de 2016. Eu estava no carro com meu pai, mãe e irmã indo para o cemitério do Morumbi presenciar o velório de meu avô.

Chegando lá, o sol raiava, o céu brilhava, mas a cor que prevalecia no rosto das pessoas era escura. Os pássaros cantavam, o vento assoviava quando batia na porta do banheiro, mas o autor principal era o silêncio.

E enfim chegou a hora de entrar na sala aonde estavam o caixão e o corpo do meu avô, o qual poderia ver pela última vez em minha vida. Fui me aproximando do cadáver até que...

(vazio)

Lágrimas, lágrimas e mais lágrimas deram fim a uma grande relação de neto e avô.

O ataúde foi fechado, colocado

em um carro que o levou até o local do enterro. Cada porção de terra que se despejava em cima do caixão eram todos os maços de cigarros e garrafas vazias consumidas que lhe fizeram chegar a tal momento.

Em seguida, fomos comer em família, eu, minha irmã, meu pai, minha avó, minha mãe, meu tio e minha tia, só que sem dessa vez sem a presença do mais polêmico do grupo. Todos sentiam que não era mais uma reunião de família, que esta ficaria marcada para sempre.

Mais tarde, quando já estávamos em casa, meu pai me disse para tentar relevar tal ocorrido, pois coisas como aquela ainda iriam acontecer no decorrer da minha vida e que se eu ficasse me lamentando, chorando, a saudade não iria passar. Completou ainda: você é jovem, tem uma vida inteira para viver ainda. Não se preocupe.



Meu melhor amigo

Gabriel Sanchez

Eu era um cachorro. Corria, brincava, rolava, brincava de bola e fazia diversas outras coisas de cachorro. Mas não fazia nada disso sozinho; eu tinha um amigo, ele era um homem, chama-se Pericles. Pericles era branco, alto e velho, com certeza estava no mundo há muito mais tempo do que eu. Meu amigo possuía poucos fios de cabelo e, à medida que as semanas passavam, notava que ele ficava cada vez mais careca. Isso devia ser alguma coisa da idade. Mesmo assim, Pericles era meu melhor amigo, ele era especial.

Cinco dias por semana, por volta das cinco da tarde, Pericles me levava para um passeio no parque. Era meu momento favorito do dia, eu corria, brincava de bola e me divertia muito, mas o que eu mais gostava era da companhia de meu melhor amigo. Me lembro de ver diversos outros cachorros com seus donos

andando no parque, sentia como se nenhum deles fosse tão adorado como era. Eu não era apenas mais um no meio de tantos bichos, eu me sentia especial.

Um dia, me preparava para meu passeio no parque. Fazia uma semana que não saímos e Pericles não se levantava da cama. Ele estava mais careca do que nunca. Entrei no quarto carregando a coleira, ansioso e animado com o nosso passeio. Pericles tentou se levantar, mas foi impedido por sua mulher, que lhe mandou ficar deitado. Não saímos, eu não entendia o que estava acontecendo. Algumas semanas se passaram e eu não saía mais para passear com Pericles, quem me levava era um homem e uma mulher, que se diziam meus pais. Também gostava muito deles e sentia que eles gostavam de mim, mas não me sentia tão especial quanto quando eu estava com meu melhor amigo, sentia falta dele. Constantemente, eu me perguntava o que estava acontecendo com ele, perguntava para meus pais o que estava acontecendo. Eles diziam que estava tudo bem, e pediam para não falar desse assunto.

Foi o dia 21 de abril de 2009 o dia mais importante da minha vida. Estava voltando de meu passeio, que naquele momento já se chamava escola, com meus pais e meu suposto irmão, que era muito parecido comigo, mas ainda não estava acostumado com aquela situação. Entramos no carro como num dia normal, minha mãe me perguntou como tinha sido na escola, respondi que tinha ido tudo bem. Ela gaguejou. Parou de falar. Quando voltou, deu a notícia mais triste da minha vida: eu nunca mais veria Péricles, ele tinha ido pro céu, mas estava tudo bem. Eu chorei, não sabia o que aquilo significava de fato, mas sabia que naquele momento eu havia me tornado, de verdade, um menino.

O Vazio Existencial

Gustavo A. Gurman

Creio que toda criança adora brincar com seus brinquedos e amigos. No entanto, eu não sou como toda criança. Apesar de prezar uma boa amizade, sou muito tímido e introvertido. Talvez seja por causa do meu signo, ou eu só não faça tanta questão de conviver com as outras pessoas. Para mim, o ser humano é naturalmente egoísta, só se importa consigo mesmo, logo, me incluo nessa natureza.

Sempre brinquei muito com a minha tia. Sua personalidade é bastante parecida com a minha, muito tímida e com um olhar bem crítico para a sociedade. Por sua vez, ela também é capricorniana, provavelmente esse é o motivo de eu me dar tão bem com ela. Sempre gostei de conversar com pessoas mais velhas, por terem um olhar mais maduro para as coisas, isso me ajuda a entender um pouco mais sobre o sentido da vida.

Cresci ao lado da minha cachorra Shay, não tinha muitos amigos, já que seguia fortemente minha ideologia sobre as pessoas e também porque era extremamente tímido, como visto anteriormente. Shay me animava como ninguém conseguia. Ela me fez enxergar a pureza dos animais, não corrompidos pelo egoísmo. Sempre amei muito essa cachorra, em momentos difíceis da minha vida, ela sempre esteve lá para me consolar.

Certo dia, acordei para ir para a escola. Como em qualquer dia, tomei meu café da manhã, escovei meus dentes, me troquei e segui meu percurso. Ao chegar à escola, entrei na sala de aula e sentei no meu lugar de costume. Tudo correu bem até bater o sino para o recreio. Adorava jogar futebol, principalmente o famigerado “golzinho”. No entanto, sempre tive meu lado descontrolado e era um pouco agressivo; sobretudo, não gostava de perder. Ao acabar o “golzinho” no recreio com meus colegas, eles começaram a me provocar. Meu erro foi ter dado atenção. Comecei a ficar muito nervoso e me descontrolei. Parti pra cima de um deles e o machuquei; logo após, fui para a coordenação.

Quando voltei para a minha sala, a porta estava fechada e havia algumas pessoas do lado de fora. Estas começaram a me zoar por ter “perdido a cabeça”. Não foi um dia agradável.

Cheguei em casa muito triste. Estava sentado na minha cama, quando apareceu minha cachorra. Ela deitou ao meu lado e começou a me lamber. Apesar de não falar, seu olhar parecia bem aborrecido por minha condição, então comecei a chorar só de ver o rosto dela. Senti algo que me tocou.

Acordei com uma sensação bem ruim vinda de dentro de mim. O céu estava nublado, chuvoso. Quando descí as escadas, me deparei com a minha mãe cheia de lágrimas em seu rosto. Notei que a Shay não estava na sala. Meu corpo ficou paralisado. “Ela não venceu o câncer, filho”. Fiquei desolado. Não sabia o que fazer, estava “sem chão”, nem minha tia conseguia suprir minha necessidade de afeto.

Com o tempo, me acostumei com a perda, e a partir dela, comecei a ter

um olhar diferente para as pessoas. Percebi que, na vida, é necessário ter amigos, alguém com quem você possa sorrir, chorar, se divertir etc...

A morte é algo natural da vida. Todo mundo irá morrer alguma hora. De fato, é clichê falar isso, mas se formos pensar por uma outra perspectiva e refletir sobre essa conjuntura, a vida é algo deprimente. Não importa o que você fará com ela, todos teremos o mesmo fim. Espero pelo menos reencontrar a Shay em algum lugar após minha morte.

Meu segundo pai

Bruno Ferraz Manzoli

Meu avô era um homem muito rabugento e com um coração muito duro, quase de pedra. Tivera uma vida muito boa, carro novo, casa grande e uma família, mas em um piscar de olhos perdeu esposa, dinheiro e confiança em si mesmo. Passou a bater nos filhos, beber, fumar, ficar estressado e agressivo. Mas meu pai me contou que, após o meu nascimento, aquele velho cinzento ficou cada vez mais colorido.

Uma luz apareceu e o guiou, anulando tudo de ruim que se passara nos últimos anos. Após anos de convivência comigo, meu avô se apaixonou e nós criamos uma ótima relação, quase que de pai e filho. Fazíamos muitas coisas juntos, sempre estávamos próximos e tudo que eu pedia ele fazia com o maior amor e vontade.

Eu era um menino muito levado e agitado, sempre estava fazendo algo; e uma das minhas paixões, desde pequeno, são os carros. Eu conhecia todos modelos, nomes e informações. E um carro que chamava muito a minha atenção por suas peculiaridades era o Fusca. Por eu ser uma criança, eu era chato e queria tudo e mais um pouco, e obviamente pedi aos meus pais para comprarem um Fusca para mim, sendo que o máximo que ganhei foi um Fusca de brinquedo. Com essa negação e um sonho destruído, recorri ao meu avô.

Ele não tinha dinheiro, mas, por algum motivo percebeu que eu realmente queria aquele carro, mesmo sendo uma criança. Guardou o seu pequeno salário, vendeu seu humilde carro e realizou o meu sonho. Comprou um Fusca para nós dois. Era o carro mais lindo de todos, prata, com rodas novas, banco de couro e um cheirinho quase que de carro novo. Todos os finais de semana eu ia para a Granja Viana passar o dia com ele e dar uma volta no nosso Fusca.

Isso durou alguns anos da minha vida, mas infelizmente, em 2009 ele me deixou e deixou o carro. O Fusca está na minha garagem até hoje e vai ficar pra sempre comigo como uma forma de eu lembrar dos ótimos momentos que passamos juntos.

Sequestraram meu avô

Felipe André Mirshawka

Certo dia, lá estava eu, garoto de 6 anos, sussa, na casa do meu vô e da minha avó. A casa não era muito grande nem muito pequena, mas tinha uma peculiaridade que a distinguia das demais: ela estava lotada de relógios, da parede ao teto havia relógios de todos os tipos. Meu avô dizia que tinha todos esses relógios para nunca perder a hora, o que obviamente era uma mentira, porque noventa e nove por cento dos relógios não estavam funcionando.

O dia foi passando e o meu “sussa” foi virando “entediado”. Por isso, fui encher o saco do avô pra fazer alguma coisa comigo, afinal aquele passou o dia inteiro dormindo e comprando relógios no Ebay. Como alguém consegue ficar dormindo o dia todo? Voltando à história, fui ao quarto e falei pra ele:

– Vô, vamos ao Flipperama do shopping aqui ao lado?

– Não.

Ao ouvir isso, fui obrigado a usar meus incríveis poderes de persuasão.

– Vamos, vô! Vai, vô! Vamos vô! Vamos, vamos!

– Se eu disser que sim, você promete parar de encher meu saco?

– SIM!

Meus incríveis poderes de persuasão tinham atacado novamente.

Fomos no carro velho que ele tinha, fizemos uma viagem de 14 minutos até o shopping. Ao chegar lá, descemos dois andares de escada rolante e viramos à direita, quando dei de cara com o maravilhoso, incomparável HotZone. Eu parecia uma criança num parque de diversões. Bem, tecnicamente era isso mesmo, passei horas e horas nos novos videogames que estavam disponíveis, mesmo que tenham parecido 15 minutos. Depois disso, chegou a hora de atender ao chamado da natureza, então fui falar para o meu avô que queria ir ao banheiro. Estava tudo sussa até eu perceber que o meu vô, que tinha ficado para trás esperando na porta, não estava mais lá.

Só havia uma explicação: meu avô tinha sido sequestrado! Todos aqueles relógios caros que ele ficava comprando no Ebay tinha atraído algum criminoso de alto escalão, sim, não poderia ser de baixo escalão, meu avô era praticante de *krav maga*, então somente um bandido de alto escalão poderia tê-lo sequestrado.

Saí correndo pelo shopping procurando meu avô e seu sequestrador; e não, eu não tinha medo, pois estava armado com a arminha de Nerf que ganhei por bater o *highscore* no *temple run*. Após 30 minutos de pura corrida, ouvi uma voz anasalada que ecoou pelos corredores.

– Felipe André, garoto perdido que está correndo feito barata tonta no shopping, seu avô está te esperando na ala 3, por favor venha encontrá-lo.

Fui à ala 3, encontrei meu avô, perguntei a ele o que fizera com o sequestrador, ele e o guardinha disse-

ram que não tinha havido sequestro nenhum e fui eu quem acabou perdido no shopping por ter saído por uma segunda porta no banheiro. O que eles só disseram, evidentemente, para eu não ficasse traumatizado com o sequestro do meu avô... porque eu, me perder? Pfffft impossível.

Minha querida avó

Bruno Rosenblit

Eu estava no meu auge dos 15 anos. Era um adolescente normal, cheio de amigos, festas no fim de semana e tudo mais. Um belo dia, em uma sexta-feira, tinha uma festa de um amigo do meu primo. Eu adorava essas festas, pois naquela época minha vida não estava das melhores: estava indo mal na escola, tinha descoberto que a menina de quem eu gostava pegando outro, minha avó tava doente e fui eliminado do interclasses nas oitavas-de-finais.

Um pouco antes da hora da festa, fui à casa do meu primo para fazeremos um pequeno “esquentão”. Nesse esquentão, meu primo exagerou um pouco na bebida, mas eu não dei nem um gole, já que estava tomando um antibiótico que não me permitia o consumo de bebidas alcoólicas. Acabando o esquentão, pedimos um Uber e fomos à festa. Chegando por lá, vi

que o local era de rico, então fiquei um tanto quanto animado. Mas um fator que me desanimou um pouco foi que eu não conhecia muita gente lá, já que o amigo do meu primo estudava numa escola cujo nome eu nem sabia direito, por isso falei com meu primo para não nos separarmos, a não ser que algum de nós ficasse com uma menina.

Conforme o passar da festa, tudo foi ficando cada vez mais legal, já que eu tinha conhecido uma galera e eles tavam meio bêbados (o que os deixava mais divertidos), até que um cara que conhecemos lá nos chamou para um pós na casa dele, onde iriam umas 20 pessoas (incluindo o grupinho de meninas mais bonitas da festa). Nossa resposta foi positiva em relação ao convite.

Tudo estava indo muito bem, até que recebi uma ligação da minha mãe. Fui ao banheiro para poder falar, visto que dentro da festa estava tocando um funk bem alto. Atendendo ao celular, minha mãe disse para eu e meu primo corrermos para o hospital, porque que minha vó estava muito mal, prestes a morrer. Eu não fiquei muito triste com a notícia, já que não era muito próximo da minha avó e quase nunca a via. Dei a notícia para meu primo e ele também não se abalou muito, visto que tinha uma relação com a avó parecida com a minha, porém, respeitamos minha mãe, saímos da festa e fomos para o hospital.

Chegando lá, tivemos a notícia esperada: minha vó havia morrido. Após ouvir isso, fui direto consolar minha mãe, que estava triste, mas não tanto, pois não era nenhuma surpresa. Fiquei mais uns 10 minutos no hospital com minha mãe, até que

ela disse que queria ficar um tempo sozinha. Respeitando sua ordem, fui falar com meu primo e ele deu uma ideia que agradou meus ouvidos:

– É se a gente fosse para o pós na casa daquele cara?

Em primeiro momento falei que não, mas depois pensei um pouco e percebi que, se eu não fosse, eu iria para casa dormir, sendo que nem estava com sono, então falei que sim. Com isso, pedimos um Uber e fomos para casa do cara.

Chegando lá, vi que todo mundo lá estava enchendo a cara e entrei no clima. Ficamos umas 2 horas lá, conversando com umas meninas e curtindo o som, até que meu primo veio até mim e disse que queria ir embora porque estava meio cansado. Falei para ele parar com esse mimimi, mas ele disse que não era mimimi e estava cansado mesmo, então respeitei seu pedido e fomos embora.



Possível

Francisco Ferraz

Eu estava jogando meu DS na sala de TV quando meus pais me falaram que precisávamos ver a minha avó. Eu perguntei o porquê. Eles me disseram que eu não iria entender ainda. Eu tinha acabado de ganhar meu videogame (DS) e perguntei, então, se poderia levá-lo. Eles disseram que sim.

Chegamos ao hospital e vi a minha avó dormindo numa cama. Enquanto a gente estava lá, eu fiquei jogando meu jogo. Nas primeiras vezes em que eu joguei, percebi que não seria fácil chegar até o final.

A cada três dias, voltávamos ao hospital. Eu não entendia o que estava acontecendo, até que perguntei à minha mãe. Ela começou a chorar. Fiquei meio desconfortável e voltei a jogar o DS. Estava num nível difícil e não conseguia passar dele. Fiquei umas duas horas tentando. Parei, pensei em desistir de vez, mas continuei depois.

Fomos ao hospital no dia seguinte e, enquanto meus pais ficavam no quarto, eu ficava jogando meu jogo do lado de fora. Fui tentar aquela fase que não tinha conseguido antes. Fui com calma e consegui passar. Estava cansado e no nível seguinte. De repente, minha mãe saiu com um sorriso estampado no rosto, algo que não eu via havia um tempo. Ela me deu um abraço dizendo que a minha avó estava melhorando.

Voltamos para casa e ela disse que só precisaríamos voltar ao hospital daqui uma semana, que seria uma das últimas vezes. Passaram-se seis dias e, de repente, minha mãe recebeu uma ligação do hospital. Ela chorou muito. Meu pai foi conversar comigo, ele disse que a minha vó estava muito mal, entre o céu e a terra. Chorei muito e fui para a cama. Não conseguia dormir e fui jogar meu jogo. Não conseguia nem passar do começo do nível em que estava nem entender por que isso estava acontecendo.

No meio da noite, esqueci todos os problemas e fui tentar acabar o jogo. Fiquei um total de 5 horas jogando e, finalmente, consegui chegar à fase final. Deixei o término para o hospital. No dia seguinte, fomos visitar a minha avó. Ficamos 1, 2, 3... 4... 7 horas ali! Durante essa eternidade, fui acabar de vez com o último nível. Comecei a tentar quando estava havia duas horas no hospital e fiquei até a última hora. Era muito difícil, mas pensei em uma frase que a minha avó dizia: "Nada é impossível dentro do possível, e o possível é você que escolhe". Passei, acabei de jogar. Um minuto depois, meus pais saíram do quarto e vieram me dar um abraço cheio de lágrimas doces de felicidade.

Sol e Lua

Antonio Losada Totaro

Minha vida era como o Sol e a Lua. Era uma relação na qual a Lua dependia do Sol, mas, do mesmo jeito, era uma relação amigável, pura, em que ninguém mandava em ninguém. O único problema era que havia dois longos períodos nos quais um não via o outro. Então, enquanto a Lua vivia tempos tristes e sombrios, o Sol, sem ter noção disso, continuava radiante, como sempre. No entanto, quando o reencontro acontecia, era como se todas as estrelas brilhassem o máximo que podem, deixando todos felizes.

Certo dia, quando um dos períodos iria acabar, a Lua estava ficando mais feliz, pois após um longo tempo, voltariam a se encontrar. A manhã do dia anterior ao encontro fora ensolarada, e a Lua se divertira muito. Até que, cansada, decidiu dormir um pouco.

Ao acordar, percebeu que o Sol não brilhava mais, e as nuvens, junto à chuva, tomava o lugar do Sol. Não demorou muito para a notícia mais triste chegar ao seu ouvido, notícia que mudaria sua vida. “O Sol morreu! O Sol morreu!”, era o que ela escutava.

Desnorteada, não sabia o que fazer, até chegou a quebrar as regras e terminar o período antes do previsto. Não acreditando que o polivalente Sol havia se apagado, a Lua tentou achar uma luz própria, para que continuasse seu trabalho no ciclo, mas não obteve sucesso. Sucesso, que na realidade, parecia que nunca conseguira ser alcançado na cabeça da Lua.

Anos se passaram, e sabe que aos poucos um milagre acontecia? A Lua, cada vez mais, aparecia na escuridão que a vida se tornara, adquirindo sua luz própria, dando a volta por cima! Sendo ela que iluminava as manhãs de todos, não permitindo que os anos sombrios que se passaram após a morte do querido Sol retornassem.

Uma luz na quadra

Pedro Rapoport

Perdi meu professor de tênis aos nove anos de idade. Ele tinha vinte e três. O motivo do acidente não vem ao caso no momento, algo que me entristece profundamente ao lembrar. Honestamente, foi o momento mais duro de se superar em toda a minha caminhada até aqui, visto que o Robson era um cara muito especial, tanto para mim quanto para os meus pais e irmão. Com ele, dei meus primeiros passos no esporte, como por exemplo, a simples missão, considerada por mim na época como “missão Impossível”, de dar a famosa “raquetada” na bolinha.

O ano era 2012. Março de 2012. Eu estava saindo pela catraca do clube Hebraica após horas de futebol com meus amigos. Minha mãe, que demonstra um bom senso de humor em grande parte do tempo, estava abatida, pálida, de olhos lacrimejan-

do e todas essas outras emoções que um ser humano demonstra quando está chateado. Ela estava esperando do lado de fora. Eu a abracei e perguntei o que havia ocorrido. Ela me abraçou de volta com uma intensidade muito maior. Após esse momento, recebi a notícia, e até hoje, nunca senti um “baque” tão grande como este.

Chegando no carro, percebi que aquele que mais sofria era meu pai, visto que ele conheceu o Robson ainda como catador de bolinhas de uma pequena academia em que fazia aulas. Meu irmão ainda era muito pequeno, mas sabia do carinho que tínhamos por ele e já havia construído uma relação com Robson. A primeira semana sem ele foi dura, lembro-me que descia para a quadra de tênis do meu prédio e a olhava sendo limpa... Só percebia o vazio que Robson deixara. Era realmente um cara sensacional.

A vontade de voltar a jogar com um outro alguém não existia em mim. Aulas de tênis não seriam as mesmas, as conversas não seriam as mesmas. Robson era conhecido como o “professor da malandragem”. Sujeito baixinho, forte, correntes na altura do peito, adorava contar piadas para mim e meu pai. Não passava pela minha cabeça que todos aqueles momentos não voltariam. Não passava pela minha cabeça que veria a quadra sem ele todos os dias. Não passava pela minha cabeça que as nossas aulas de março seriam as últimas. É, realmente, não sabemos o que virá no dia de amanhã.

Meu pai conhecia grande parte da família do Robson e até mesmo alguns de seus amigos mais chegados. Por sorte, um desses amigos de meu

eterno professor também dava aulas de tênis. Percebi que voltar a jogar seria uma homenagem a ele, uma forma de retribuir todos os anos de dedicação em me ensinar a jogar, e acima de tudo, me ensinar a respeitar o outro. Foi ali, mais precisamente no ano de 2013, que voltei a praticar esse esporte sensacional. O novo

professor era o Rodrigo, um profissional sensacional que me treinou de 2013 a 2017. Neste meio tempo, até o ano de 2018, entrei no treino do clube também, o que aprimorou muito o meu jogo. De lá para cá, foram muitos treinos, amizade, respeito, medalhas, troféus, e claro, saudades do Robson.

As salas

Cecília Tiné Torkomian

Desde que aprendi as necessidades básicas de comunicação e o uso de nossas pernas de forma eficaz, eu sempre fui para a mesma sala, aquela que eu conhecia. Estava acomodada nesse ambiente que me acolhia e me fazia sentir que aquele era meu lugar.

A sala era pequena, tinha três paredes que a faziam peculiar e única. Cada canto estava decorado de felicidade, expressa na cor verde. Tinha textura de má qualidade, claro, riqueza não é para todos. Mas o que mais me atraía era seu odor, de alecrim, nossa! Mais que planta cheirosa, ela fazia da sala um lugar especial para todos que entravam nela.

Essa sala existe até hoje, mas não sei se é bela como eu a conhecia ou se era bela só para a Ceci da época. Mudei e meu motivo para entrar todos os dias nessa sala morreu,

ela não era mais bela, passou a ser apertada, a me impedir de correr e conhecer o que estava além da porta. Então, decidi mudar de sala, para uma maior, com decorações diferente, talvez mais sofisticada.

Achei uma sala que parecia boa, mas claro que não sabia, porque nem tinha entrado nem passado tempo lá dentro. Até que entrei e conheci esse espaço que me coloca em uma posição inexplicável, me sentia como ying e yang, mais ying do que yang.

A nova sala era grande, tinha quatro paredes, duas eram bem longas, o que para uma menina tão pequena como eu, parecia do tamanho da Avenida Paulista. As outras, do primeiro lugar, eram pequenas, do tamanho de uma pequena praça na Vila Madalena. Todas as paredes estavam enfeitadas com uma diversidade muito pequena. Para mim, parecia que tudo era da Calvin Klein, Hollister e Aeropostaly. Mas, na verdade, eu não tinha visto quase nada da sala, já que ela era muito grande e eu não tinha fôlego para ver tudo.

O tempo foi passando, eu comecei a andar mais pela sala e conhecer cantos que combinavam mais comigo, só que esse ainda não era meu lugar. Foi assim que percebi que o problema não era a sala em que eu estava, mas o fato de que ela me prendia a um espaço privado de um ganho de conhecimento universal. Isso me impedia de conhecer tudo que estava além das paredes.



VERA CRUZ

Escola Vera Cruz

2019

Retornar ao sumário 